

Fernanda Célia Alcântara Silva Chaparim

2006402883

**Desvelando os Significados da Vivência da Ginástica Geral
para Adolescentes de uma Instituição Salesiana
de Proteção à Criança e ao Adolescente**

**Faculdade de Educação Física/ Unicamp
Campinas/2003**

**UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE**

Fernanda Célia Alcântara Silva Chaparim

**Desvelando os Significados da Vivência da Ginástica Geral
para Adolescentes de uma Instituição Salesiana
de Proteção à Criança e ao Adolescente**

Dissertação de mestrado apresentada à
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas.
Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth
Paoliello Machado de Souza.

**Faculdade de Educação Física/ Unicamp
Campinas/2003**

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

JNIDADE PC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
C365d
/ EX
COMBO BC/ 57011
ROC 26/11/104
D X
TEÇO 21/102
ATA 27/02/104
CPD _____

CM00193852-3

BIB ID 310631

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP

C365d

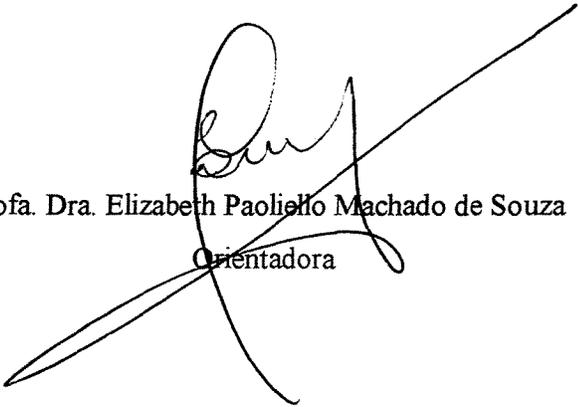
Chaparrim, Fernanda Célia Alcântara Silva

Desvelando os significados da vivência da ginástica geral para adolescentes de uma instituição salesiana de proteção à criança e ao adolescentes / Fernanda Célia Alcântara Silva Chaparrim. – Campinas: [s.n], 2003.

Orientador: Elizabeth Paoliello Machado de Souza
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação. 2. Educação Física. 3. Ginástica. 4. Adolescentes. I. Souza, Elizabeth Paoliello Machado de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Fernanda Célia Alcântara Silva Chaparim e aprovada pela Comissão Julgadora em 28 de maio de 2003.



Prof. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza
Orientadora

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

COMISSÃO JULGADORA

Elizabeth Paoliello Machado de Souza
Faculdade de Educação Física - Unicamp

Jorge Sérgio Pérez Gallardo
Faculdade de Educação Física - Unicamp

Eliana Ayoub
Faculdade de Educação - Unicamp

Dedico este trabalho a todas as crianças e jovens que sonham com um amanhã mais justo e feliz, aos que trabalham por realizá-lo e aos que já se foram levados pela violência.

Agradecimentos

Esta obra não é apenas de minha autoria, mas de todos aqueles que colaboraram de diversas maneiras com carinho, apoio, exemplo, orientação, incentivo e confiança.

Cumpra-me o prazer de agradecer

Primeiramente a Deus, simplesmente por tudo e por todos. Deus realmente foi escandalosamente bom para comigo ao possibilitar-me a convivência com tantas pessoas luzes.

Aos meus pais e minha avó que me deram o exemplo de vida aberta às necessidades dos outros.

Ao meu querido José Roberto, que há vinte e dois anos compartilha comigo as alegrias de viver e conviver, por suportar com imensa paciência as minhas inúmeras inquietações.

À Daniela, Matheus e Leticia que cresceram acompanhando de pertinho o desenvolvimento do projeto e a elaboração desta dissertação.

À amiga Maria Adriana, que Deus enviou de muito longe para me ajudar e que através de sua responsabilidade e carinho, deu-me tranqüilidade para me ausentar de meus filhos.

À Verônica e ao Francisco pela valiosa ajuda.

À amiga Adriana Rachel, não apenas pela amizade sincera, mas principalmente por me ter apresentado à Ginástica há vinte e sete anos atrás, quando mal sabíamos o que viria pela frente.

À Gisela, sempre pronta a ajudar, que com habilidade fora do comum decifrou os meus garranchos, colaborando com o nascimento concreto desta dissertação.

À professora Vilma Leni Nista-Piccolo que, pelo exemplo, inspirou minha prática pedagógica e ajudou-me a conciliar os papéis de mãe, esposa, educadora, aluna e pesquisadora.

À professora Salete pelas oportunidades dadas e ensinamentos transmitidos.

Aos professores do curso de mestrado em Educação Física da Unicamp e do curso de mestrado em Educação da Unisal - São Paulo, que ao transmitirem seus conhecimentos possibilitaram-me crescimento intelectual e pessoal.

Ao prof. dr. Severino Antônio Moreira Barbosa pelos conselhos e grande incentivo.



Ao prof. dr. Jorge Pérez Gallardo pelas suas sábias contribuições e por me ajudar a refletir e aprimorar o meu conhecimento.

A profa. dra. Eliana Ayoub companheira de trajetória, por todo apoio e atitudes de amizade.

Aos colegas do curso de mestrado Shirley, Antônio e Fernando.

Aos colegas do Grupo de pesquisa em Ginástica Geral, que colaboraram para uma melhor compreensão do fenômeno da Ginástica Geral, em especial à Deda, Laís, Cristiane, Giovanna, Joseni e Silvia.

Ao prof. dr. Ricardo Machado Leite de Barros coordenador do departamento de pós-graduação.

À Márcia, Elisabeth, Tânia e Kleber do departamento de pós-graduação.

À Mari do departamento de Educação Motora por sua atenção e alto-astral.

Ao Museu de Ciências e Letras, em especial à senhora Juraci Beretta Rodrigues da Silva.

Aos membros da Casa do Escritor "Edgar Cavalheiro" de Espírito Santo do Pinhal, em especial ao seu presidente, o senhor João Batista Rozon e ao professor Pedro Ferriani.

As senhoras Eliana Alfaro, Elvira Salvetti de Oliveira e Rosana Gonçalves.

Ao Mauricio C. Camillo pela linda produção gráfica.

Tenho a consciência de que este trabalho só foi possível por ter encontrado pessoas que acreditam que há muito que fazer pela nossa juventude. Entre as que contribuíram com o projeto destacaria a Comunidade Salesiana do Externato São João, em especial ao padre Antônio Francisco Lello, ex-coordenador e ao padre Plínio Possobom atual diretor.

Muitas pessoas do Externato São João colaboraram de diferentes maneiras e às quais gostaria de agradecer: a coordenadora Elaine, ao Eliseu, Sueli, Silvia, Gilda, os instrutores Zaia, Arnaldo, Luciano, Avelino, Carolina e ao alegre César que salvou a primeira versão do projeto.

As adolescentes que participaram e pelas quais esta dissertação adquire sentido.

À CAPES pela ajuda financeira.

À profa. dra. Elizabeth, pessoa-luz de imensa grandeza, pelo exemplo, competência, amizade e pelos anos de convivência e imensa paciência, que guardo com carinho e gratidão. Ao conhecê-la, na 5ª. série, a minha primeira impressão foi de que ela era uma pessoa especial, gostei de seu jeito de dar aula, do modo de tratar os alunos, sempre com atenção e carinho. Felizmente a convivência se prolongou aos treinamentos, passou pela Faculdade de Educação Física, pelo curso de especialização, aguardou um tempo de amadurecimento e chegou no mestrado. Todos estes anos de convivência vieram comprovar que a minha primeira impressão sobre ela, na adolescência, estava correta. Agradeço-lhe em especial pela sua dedicada orientação.

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma colaboraram para a realização do sonho que se faz presente na dissertação.

“A razão da vida humana não se circunscribe à verdade lógica, mas à verdade ôntica, pois não é a mesma coisa saber e experimentar. Demais a existência do ser implica a sua realização. Para ser mais, importa não só conhecer mais, mas amar mais, numa práxis integral em que todo o ser se movimenta para o amor. Com efeito, sem amor, sem a consciência da indispensabilidade dos outros em nós e para nós, a vida humana não tem expressão”.

(SÉRGIO, 1986, p.9-10)

RESUMO

Este estudo versa sobre a Ginástica Geral, atividade gímnica não competitiva, que visa propiciar o bem estar físico, mental, social e o aumento da interação de seus praticantes. Teve como principal objetivo oferecer um programa de vivência de Ginástica Geral, na proposta do Grupo Ginástico Unicamp, às adolescentes do Externato São João, instituição salesiana de proteção à criança e ao adolescente. Por meio de pesquisa qualitativa buscou identificar e analisar os significados desta vivência para as adolescentes participantes. Para melhor compreender a Ginástica Geral é apresentada a sua abordagem pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), sua trajetória no Brasil e no mundo chegando ao Grupo Ginástico Unicamp. Aprofunda-se na concepção e proposta de Ginástica Geral deste Grupo, que se norteia pelos princípios de formação humana e capacitação fundamentados na Biologia do Amor. Trata da Biologia do Amor enfocando seu aspecto educativo. Faz uma análise do Sistema Preventivo de Dom Bosco apresentando o Externato São João e seus adolescentes que participaram da pesquisa. Analisa as convergências entre o sistema preventivo de Dom Bosco e a Biologia do Amor, em três aspectos: diretrizes conceituais, objetivos educacionais e competências necessárias dos educadores. Para a coleta de dados utilizaram-se de relatórios das aulas, observações assistemáticas das mesmas, filmagens, fotografias, diário de campos e entrevistas não padronizadas da modalidade focalizada (LAKATOS; MARCONI, 1991) com as adolescentes participantes. Para a análise das entrevistas optou-se pela técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Como resultados foram identificados quinze categorias de significados relacionadas à formação humana, capacitação e as características da Ginástica Geral. Esses significados expressam as possíveis contribuições dessa prática para as adolescentes e reforçam a viabilidade de desenvolvê-la em instituições sócio-educativas.

Palavras-chave: educação, educação física, ginástica geral, ginástica, adolescentes, instituição sócio-educativa.

ABSTRACT

The present study focuses General Gymnastics, a non-competitive gymnastic activity, which aims at providing physical, mental and social well-being, as well as the increasing interaction among its participants. Its main objective is to offer a life experience program in General Gymnastics to adolescents from “EXTERNATO SÃO JOÃO”, a protective salesian institution for children and adolescents, according to a plan of the “Grupo Ginástico Unicamp” (Unicamp Gymnastic Group). Through qualitative research, the identification and analysis of the meaning of this life experience to the adolescents, who participated in the program have been achieved. In order to understand General Gymnastics better, its approach is presented by the International Gymnastics Federation as well as its development in Brazil and in the whole world, and the way it arrived at the Grupo Ginástico Unicamp. It goes deeper into the conception and proposal of General Gymnastics of this group, which is guided by principles of formation of human values and abilities, and is based on the Biology of Love, focusing its educative aspect. It analyses the preventive system of Don Bosco and presents the “Externato São João” and the adolescents who participated in the research. It analyses the convergence between the preventive system of Don Bosco and the Biology of Love in three aspects: conceptual rules, educational objectives and the required abilities of the educators. Classes reports, non-systematic observation of classes, films, photos, daily reports and non-standard interviews of the focused kind (LAKATOS; MARONI, 1991) with the adolescents have been used to gather data “*L’analyse de Contenu*” of Bardin (1977) has been chosen to interpret the interviews. Fifteen categories of meanings related to the formation of human values and abilities, and characteristics of General Gymnastics have been identified. These meanings express the possible contribution of this practice to the adolescents, and reinforce the probability of developing the General Gymnastics activity in social educative institutions.

KEYWORDS: education, physical education, general gymnastics, gymnastics, adolescents, social educative institution.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Um pouco de minha história, pois.....	05
CAPÍTULO 1 - A GINÁSTICA GERAL	11
1.1. A Ginástica Geral: caracterização	13
1.2. A Ginástica Geral: nascimento, manifestações no mundo e desenvolvimento no Brasil.....	18
1.3. Grupo Ginástico Unicamp	22
1.3.1. A concepção de Ginástica Geral do Grupo Ginástico Unicamp.....	23
1.3.2. A proposta do Grupo Ginástico Unicamp.....	24
CAPÍTULO 2 - BIOLOGIA DO AMOR	29
2.1. As implicações na área da Educação Física da Biologia da Cognição.....	31
2.2. Biologia da Cognição: eficácia operacional do ser vivo	32
2.2.1. Fenômeno social e linguagem	34
2.2.2. A ética e as implicações educacionais da Biologia da Cognição	35
2.3. Biologia do Amor	36
2.3.1. Princípios de formação humana e capacitação fundamentados na Biologia do Amor.....	39
2.3.2. A ética e as implicações da prática educacional na Biologia do Amor ..	41
CAPÍTULO 3 - SISTEMA PREVENTIVO DE DOM BOSCO.....	43
3.1. O Externato São João.....	45
3.1.1. Perfil dos adolescentes atendidos	46
3.1.2. Adolescentes em situação de risco	47
3.2. O Sistema Preventivo	48
3.2.1. Razão.....	50
3.2.2. Religião	51
3.2.3. Amorevolezza	51
3.2.4. Valorização das atividades físicas	53
3.3. Experiência na instituição: conhecendo seus adolescentes	53
CAPÍTULO 4 - CONVERGÊNCIAS	57
4.1. Convergências quanto às diretrizes conceituais	59
4.2. Convergências quanto aos objetivos educacionais	62
4.3. Convergências quanto às competências dos educadores.....	63
CAPÍTULO 5 - DESVELANDO SIGNIFICADOS.....	67
5.1. Objetivos da pesquisa.....	69
5.2. Universo da pesquisa.....	69
5.3. Programa de Ginástica Geral	69
5.4. Coleta de dados	70
5.5. Metodologia da análise.....	71
5.5.1. Codificação	72
5.5.2. Categorização.....	78

5.5.3. Síntese das unidades de registro por categoria	79
5.5.4. Análise e interpretação dos dados	82
IMPRESSÕES DA JORNADA	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICES	101
APÊNDICE A - Roteiro das entrevistas	103
APÊNDICE B - Uma entrevista na íntegra	107
APÊNDICE C - O programa de Ginástica Geral	113
APÊNDICE D - Relatório das aulas dadas e observações	117
APÊNDICE E - Fotografias de momentos das aulas e da apresentação	133

LISTA DE TABELAS

1- Presença de responsáveis.....	46
---	-----------

LISTA DE QUADROS

1- Diretrizes conceituais.....	59
2- Objetivos educacionais.....	62
3- Competências necessárias dos educadores.....	63
4- Categorias.....	78

Introdução

*Ao iniciar a jornada
Nada além da esperança de ser feliz
Proporcionando a felicidade
Aos que por ventura e por destino (?) encontrar.
E de coração aberto compartilhar
os momentos que virão.*



A presente dissertação versa sobre os significados de um programa de Ginástica Geral, na proposta do Grupo Ginástico Unicamp, vivenciado pelas adolescentes em situação de risco do Externato São João, instituição salesiana de proteção à criança e ao adolescente.

A Ginástica Geral é uma atividade gímnica que objetiva propiciar o bem estar físico, mental, social e o aumento da interação de seus praticantes. Por sua característica abrangente e aberta permite vivenciar inúmeras experiências motrizes, utilizando-se de diferentes conteúdos; ginásticas, danças, lutas e jogos, com diversos temas, formas, estilos, tendências, ritmos, músicas, materiais e vestimentas. Não há um número determinado de participantes, podendo ter praticantes de ambos os gêneros, de diferentes idades, capacidades, habilidades, condições físicas, tradições e culturas. Não sendo seletiva, não exige um alto nível técnico e permite formar grupos mistos e diversificados quanto à idade, técnica, desempenho e habilidade.

No âmbito mundial a Ginástica Geral é difundida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) que a considera como fator social e cultural, ao possibilitar a interação social e respeitar as características culturais dos participantes, abrangendo as atividades no campo da ginástica com ou sem aparelhos, assim como jogos, que as pessoas gostam de participar pelo próprio prazer que a atividade proporciona. Para a FIG um dos objetivos da Ginástica Geral é manter e/ou aprimorar a condição física dos participantes, oferecendo experiências estéticas de movimento para participantes e expectadores.

A Ginástica Geral, de acordo com Souza (1997, p.36), por propiciar o desenvolvimento humano e social, com respeito à individualidade, possui um enfoque educacional.

O Grupo Ginástico Unicamp (GGU) desde 1989 realiza trabalhos na área da Ginástica Geral e a partir de 1992, com a participação do prof. dr. Jorge Pérez Gallardo, passa a desenvolver uma proposta com características eminentemente pedagógicas, centrada na pessoa. Norteia-se nos princípios educacionais de formação humana e capacitação, numa abordagem sócio-cultural da Educação Física, que valoriza e privilegia as experiências da cultura corporal que o praticante já possui, servindo como referência de si mesmo como ser cultural e ponto de partida de todo o trabalho em direção à apropriação dos conhecimentos da cultura pertinentes aos diversos grupos sociais.

Formação humana relaciona-se com o desenvolvimento dos valores humanos de convivência. E capacitação com as habilidades e capacidades de ação como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar aquilo que deseja.

Formação humana e capacitação como princípios educacionais fundamentam-se na Biologia do Amor, que é decorrente da teoria da Biologia da Cognição (MATURANA; VARELA, 1995), para a qual somos biologicamente seres sociais, devido nossa evolução como ser humano ter-se processado a base da convivência, com a aceitação do outro em sua legitimidade, a qual é nomeada amor.

A teoria da cognição supõe que a plasticidade de nosso sistema nervoso possibilitou que elaborássemos a linguagem e essa a cultura. Por sua vez, a cultura possui e transmite valores. Na infância os valores transmitidos são os de fundamentos matrísticos, ou seja, são valores humanos de convivência baseados na acolhida, respeito e confiança, observados, principalmente, no vínculo mãe e filho. Para Maturana (1995) o processo educativo deve ser permeado por estes fundamentos, a fim de que sejam conservados na vida adulta, quando os valores são baseados na posse e na concorrência.

Desse modo, os princípios de formação humana e capacitação, objetivam que sejam oferecidas aos educandos oportunidades de vivências de valores humanos de convivência com fundamento matrístico.

O Externato São João, instituição que atende adolescentes carentes em situação de risco, foi escolhido para desenvolvermos o projeto de pesquisa, por serem identificadas, no sistema educacional por ele adotado, convergências com princípios de formação humana e capacitação fundamentados na Biologia do Amor.

O Externato São João, situado na cidade de Campinas, é uma instituição sócio-educativa, que possui um programa integral de proteção aos jovens, conforme orientação do artigo 90 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Suas atividades são alicerçadas no sistema preventivo de Dom Bosco, que se apoia na trilogia: razão, religião e “amorevolezza”¹. Esse sistema valoriza as atividades físicas e coloca o educando na base e no centro do processo educativo. Nele o jovem assume o papel de protagonista de sua formação educativa.

¹ “Amorevolezza” palavra italiana que pode ser traduzida para a nossa língua como carinho ou bondade, porém esses termos não abrangem plenamente a dimensão que o termo original possui para o sistema preventivo.

Em 1997 e 1998 como educadora voluntária desenvolvi nessa instituição um programa de Educação Física com os adolescentes. Esse programa proporcionou-me conhecer melhor a instituição, conviver e conhecer os seus jovens e suas realidades, e assim, em 1999² desenvolver o projeto de pesquisa com os seguintes objetivos:

- Oferecer um programa de vivência de Ginástica Geral na proposta do Grupo Ginástico Unicamp às adolescentes do Externato São João.
- Identificar e analisar os significados dessa vivência para as adolescentes participantes, por meio de pesquisa qualitativa.

Do programa participaram em média 25 adolescentes do sexo feminino, em seções semanais de uma hora e meia. O universo de pesquisa constituiu-se de 19 adolescentes participantes.

A coleta de dados foi realizada por meio de observações assistemáticas das aulas, entrevista não-estruturada da modalidade focalizada (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.197) às adolescentes participantes no final da vivência, filmagens, fotografias e diário de campo. A análise das entrevistas foi feita de acordo com a técnica de “Análise de Conteúdo” de Bardin (1977).

Dessa forma, inicio a jornada narrando “Um pouco de minha história, pois...”, foi devido à trajetória de vida permeada pela ginástica, que proporcionou a elaboração do projeto, origem dessa dissertação.

No primeiro capítulo apresento **A Ginástica Geral**, a sua abordagem pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), faço um breve relato da história da Ginástica Geral dentro da FIG e no Brasil, a fim de compreender sua manifestação atual, chegando ao Grupo Ginástico Unicamp, a concepção e proposta de Ginástica Geral desse Grupo, a abordagem sócio-cultural e relaciono os pontos norteadores de sua proposta.

Como a proposta pedagógica do Grupo Ginástico norteia-se nos princípios de formação humana e capacitação fundamentados na Biologia do Amor, no segundo capítulo, exponho sucintamente a teoria da Biologia da Cognição, que conduz à **Biologia do Amor** e finalizo com os princípios de formação humana e capacitação.

² Nessa época, eu era aluna do curso de mestrado em Educação Unisal-São Paulo. Em 2001, ao ingressar no curso de mestrado em Educação Física o projeto de pesquisa já iniciado foi aceito.

No terceiro capítulo, **Sistema preventivo de Dom Bosco**, caracterizo o Externato São João, os adolescentes atendidos por ele e o sistema que permeia todas as atividades dessa instituição.

No quarto capítulo analiso as **Convergências** entre os princípios de formação humana e capacitação e o sistema preventivo em três aspectos: diretrizes conceituais, objetivos educacionais e competências necessárias dos educadores.

No quinto capítulo **Desvelando significados** descrevo a metodologia utilizada na pesquisa, exponho os resultados obtidos, interpreto e relaciono-os com o núcleo teórico contemplado.

Em **Impressões da jornada** faço um breve balanço e apresento alguns aspectos importantes que poderão contribuir para a ampliação da prática da Ginástica Geral e a realização de novas pesquisas e, assim, com o desenvolvimento dessa área de conhecimento.

No **Apêndice** constam o roteiro de entrevista, uma entrevista na íntegra, o programa de Ginástica Geral desenvolvido, os relatórios das aulas dadas com observações e algumas fotografias.

Um pouco de minha história, pois...

“Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, sei a partir da minha visão pessoal, ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é constituído sobre o mundo vivido”

(MERLEAU-PONTY, 1994, p.3)

Conheci e comecei a praticar ginástica no início da minha adolescência, inicialmente Ginástica Artística, depois Ginástica Rítmica Desportiva. Pratiquei-as dos 12 aos 20 anos.

A ginástica para mim possui um significado muito especial de satisfação e realização pessoal. Na adolescência permitiu-me aprender e aprimorar movimentos e técnicas, explorar e descobrir as riquezas de possibilidades e variedades de movimentos, a alegria de conseguir realizar movimentos superando as minhas próprias dificuldades. Proporcionou-me o prazer de participar de apresentações que misturavam técnica e beleza, a satisfação de poder comunicar-me por meio do movimento sem fazer o uso da linguagem oral. Pude relacionar-me e trabalhar em grupo, no qual aprendíamos a conhecer cada uma das colegas, aceitar as diferenças pessoais e deixar muitas vezes os objetivos individuais em benefício do próprio grupo. Sem dúvida, a ginástica contribuiu na elevação de minha auto-estima e colaborou com a minha formação humana.

Os momentos mais gratificantes e prazerosos foram as apresentações sem fins competitivos. Nesses momentos a união, a amizade e a alegria entre as ginastas eram reforçadas e vivenciadas com mais intensidade. Era muito bom mostrar a beleza do que tínhamos criado, aprendido e conseguido realizar superando grandes e diversas dificuldades.

Contudo, dentre as recordações que tenho dessa fase, as mais fortes foram os apoios e as oportunidades que recebi de três professoras: a professora Elizabeth Paoliello Machado de Souza que me aceitou em seu grupo, que inicialmente treinava em sua academia e depois passou para o Instituto Educacional Imaculada e para o Clube Campineiro de Regatas e Natação. Um ano após, nesse clube ingressei na equipe intermediária e passados dois anos na equipe oficial sob a coordenação da professora Salete Cipriano. Anos mais tarde, a professora Vilma Leni Nista permitiu-me ingressar em seu grupo de dança, por ocasião do Festival de Ginástica no Clube em que treinávamos. Tais oportunidades deram-me mais motivação para aprender, aperfeiçoar e superar as dificuldades. Influenciaram a minha prática pedagógica, em não discriminar os educandos por seus trabalhos e habilidades, mas vendo, em cada um deles, alguém com direito de vivenciar experiências, sentir o prazer que a prática da atividade física proporciona e usufruir seus benefícios, nos diversos aspectos: humanos, sociais, culturais, físicos e afetivos.

A concepção de ser humano que norteou inicialmente a minha prática docente, extraída principalmente das obras de Manuel Sérgio, foi de que o homem é um ser uno, presente no mundo, que cresce, desenvolve-se, ser que se movimenta, vai ao encontro do outro, relaciona-se com o outro e com o meio, ser sócio-cultural, ser afetivo, ser carente não no sentido sócio-econômico, mas do ser, aberto ao novo, que almeja a realização de seus sonhos, ideais, planeja, realiza, aprende, ser que anseia a “transcendência e, como tal, um ser prático na totalidade humana e pela motricidade a persegue” (SÉRGIO, 1986, p.10).

A essa concepção de ser humano foram acrescidos os conhecimentos adquiridos em diversos cursos de formação, de extensão e principalmente de mestrado, que me possibilitaram uma maior compreensão do ser humano e de sua natureza. Esses conhecimentos influenciaram a minha conduta pedagógica, a qual tem sido permeada pelo propósito de oferecer aos educandos oportunidades para que descubram a riqueza do ser de cada um, compreendam que o conjunto de posturas e movimentos corporais do ser humano possui significado e representa os princípios e valores culturais da sociedade em que estão inseridos, e assumam o papel de sujeitos ativos da vida social.

Conforme Sérgio (1987, p.12) a prática da educação física, “pressupõe uma epistemologia e uma axiologia próprias e, declaradamente, uma opção política. A sua prática ou transforma ou ... não é prática!”.

Desse modo, os objetivos junto aos educandos têm sido: desenvolver as qualidades e capacidades, aflorando suas potencialidades, propiciar o reconhecimento de suas limitações e dificuldades, encorajando-os a superarem-nas, proporcionar o contato deles com os vários elementos da cultura corporal, vivenciando o prazer e a ludicidade, contribuir para que se tornem mais criativos, críticos, ativos e sensíveis em relação ao meio a que pertencem, possibilitar que valorizassem mais o saber ser ao saber fazer, e que vivam solidariamente, vendo no outro um ser humano igual em seus direitos, mas diferente nas suas características e, portanto, merecedor de respeito e oportunidade.

Entre os vários conteúdos desenvolvidos, tanto nas escolas públicas estaduais como nas particulares, a ginástica e suas diferentes práticas foram por eles vivenciados. Os educandos exploravam os materiais, o espaço, criavam seqüências, estudavam as possibilidades cinéticas dos

vários segmentos corporais associadas, às vezes, as qualidades físicas básicas, experimentavam diferentes tipos de músicas, sempre estimuladas a novas descobertas e à criatividade.

Ao privilegiar o conhecimento que os educandos possuíam, existiu um intercâmbio no qual aprendi com eles elementos de sua cultura e pude compreendê-los melhor.

As apresentações dos trabalhos desenvolvidos eram momentos marcantes para os educandos. A união de todo o grupo, o respeito pelos trabalhos dos outros, a colaboração, a cooperação e a satisfação de demonstrar faziam-se presentes. Nessas ocasiões sentiam necessidade de mostrar os seus trabalhos para outras pessoas, e, muitas vezes com iniciativa própria, chamavam outros professores, colegas e até os diretores para assistirem.

Em 1996 ao aprofundar o estudo sobre Ginástica Geral, suas características e objetivos principalmente na concepção do Grupo Ginástico Unicamp, encontrei referencial teórico coerente com a minha prática docente no concernente à ginástica.

A Ginástica Geral é considerada um fenômeno cultural ao apresentar, respeitar e valorizar as diferentes características e tradições culturais de seus praticantes. Possui alto valor educacional, decorrente de seus aspectos sociais, recreativos e de saúde. Estimula a criatividade e, por não possuir normas rígidas e nem finalidades competitivas, favorece a participação de qualquer pessoa independente de gênero, idade, capacidades, habilidades e condições físicas.

Consciente dos benefícios que essa prática pode proporcionar a seus praticantes surge, nesse mesmo ano, a idéia de oferecê-la aos jovens carentes. Encontro nas palavras de Sérgio apoio a essa idéia quando afirma que

A Educação Física é educação. Com o seu material pedagógico específico: o movimento [...] é pela atividade motora que o Homem corporiza o sentido que imprime a vida [...]. E assim, se integra o ato educativo, não pode ele deixar definhando o seu campo vastíssimo, cuidando só da preparação para o desporto de alta ou média competição [...]; acima de tudo, é necessário que se torne uma dimensão da própria vida, [...], há – de conferir primazia à vida e não à escola; há – de garantir a igualdade de oportunidades, independentemente da condição social dos educandos[...] há – de concorrer à aquisição da saúde e da criatividade por todos os homens, partindo do princípio de que a atividade lúdica deve ser uma constante, na escola e no lazer, na vida íntima e na social, no trabalho e na cultura.(SÉRGIO, 1987, p.18, grifo nosso).

É reforçada, mais tarde, em Freire (1989, p.11) ao afirmar que “O conhecimento não pode ser monopólio de grupos restritos. Distribuí-los, no meu entender, é a mais democrática das atitudes”.

Assim, tendo em vista as características da Ginástica Geral, aliadas ao prazer, à riqueza de experiências educativas que sua prática pode proporcionar, principalmente na proposta pedagógica do Grupo Ginástico Unicamp, constato a potencialidade de desenvolvê-la em instituições de proteção à criança e ao adolescente.

Dentre as várias instituições que atendem jovens carentes, o Externato São João foi escolhido devido o seu sistema educacional, o sistema preventivo, possuir convergências com os princípios de formação humana e capacitação que norteiam a proposta pedagógica do Grupo Ginástica Unicamp.

Nessa instituição, em 1997 e 1998, foi desenvolvido um programa de Educação Física, no qual os seus jovens vivenciaram diversas atividades físicas, lúdicas e esportivas como gincanas, brincadeiras, jogos, voleibol, basquetebol, futsal, atletismo, Ginástica Geral e dança de rua. Pude, dessa forma, entrar em contato com a realidade e o universo destes jovens, suas características, necessidades, dificuldades, ansiedades, medos, mágoas, alegrias, expectativas e esperanças. É muito gratificante conviver com eles, exige-se disponibilidade, firmeza, abertura, acolhida e, principalmente, demonstração da importância de cada um pelo que é.

Em relação à Ginástica Geral houve um grande interesse por parte das adolescentes reforçando, ainda mais, a vontade de vivenciar essa prática com as adolescentes interessadas e desvelar o seu significado para elas, a fim de compreender melhor o fenômeno “Ginástica Geral”.

Capítulo 1: A Ginástica Geral

“ manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica, Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, jogos, teatro, mímica, etc...) de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação entre os participantes.”



A Ginástica Geral é uma atividade gímnica sem fins competitivos e padrões obrigatórios que objetiva propiciar o bem estar físico, mental, social e o aumento da interação de seus participantes.

Por não possuir um número determinado de participantes e não exigir um alto nível técnico, a Ginástica Geral torna-se uma atividade inclusiva, podendo ser praticada por pessoas de diferentes idades, gêneros, capacidades, habilidades, condições físicas, tradições e culturas, permitindo formar grupos mistos e diversificados. Em virtude de sua característica ser abrangente e aberta possibilita a vivência de inúmeras experiências, com diferentes conteúdos: ginásticas, danças, lutas e jogos, com diversos temas, estilos, formas, tendências, ritmos, músicas, materiais e vestimentas.

O produto final da Ginástica Geral pode ser uma composição coreográfica apresentada ao público.

A Ginástica Geral torna-se uma manifestação sócio-cultural, ao proporcionar a interação social de pessoas e grupos, ao congregar pessoas, respeitando suas características culturais e tradições, sendo essa vivência e intercâmbio cultural muitas vezes o centro de partida do trabalho.

1.1. A Ginástica Geral: caracterização

A Ginástica Geral, no âmbito mundial, é proposta orientada, difundida e definida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). A Ginástica Geral é a única expressão da Ginástica sem cunho competitivo dentro dessa Federação.

Segundo Souza (1997, p.33) a Federação Internacional de Ginástica (FIG) “é a organização de maior poder e influência no universo da Ginástica Geral”.

Ayoub (2003) confirma também a importância da FIG no cenário mundial da Ginástica, ao considerar essa instituição a grande responsável pela difusão da Ginástica Geral na atualidade. Essa autora, ao entrevistar ginastas, técnicos e dirigentes sobre a conceituação da Ginástica Geral constatou que a concepção da FIG influencia diretamente as visões daqueles que participam desta atividade (AYOUB, 2003, p.47).

Para a FIG (1993, p.3) a Ginástica Geral é descrita como

aspecto da ginástica orientada para o lazer, que oferece uma variedade de atividades esportivas adequadas a todas as faixas etárias, incluindo essencialmente exercícios do campo da ginástica com ou sem aparelhos, assim

como jogos. Focaliza conteúdos que são de especial interesse no contexto nacional e cultural. Desenvolve a saúde, a condição física e a integração social, contribuindo para o bem estar físico e psicológico. Abrange jogos e atividades de exercício que as pessoas praticam principalmente para o próprio prazer. As atividades têm como objetivo manter e aprimorar a condição física pessoal. Oferece experiências estéticas de movimento para participantes e espectadores.

De acordo com Souza (1997, p.36) essa instituição considera a Ginástica Geral como fenômeno educacional ao “proporcionar o crescimento humano e social, respeita a individualidade, e deve ser praticada com espírito alegre e despreocupado, onde a pessoa deve estar consciente do valor do esporte e sentir-se como parte do contexto esportivo”.

Conteúdos

Em relação aos conteúdos da Ginástica Geral, há uma grande variedade de práticas que a FIG considera como constituintes da Ginástica Geral: atividades no campo da ginástica com ou sem aparelhos, assim como jogos, de acordo com as características do contexto nacional e cultural de cada grupo. E relaciona os conteúdos da Ginástica Geral da seguinte maneira:

- a) Ginástica e dança: dança teatro, dança moderna, aeróbica, folclore, ginástica jazz, ginástica rítmica, balé, rock'n roll, condicionamento físico;
- b) Exercícios com aparelhos: ginástica com e sobre aparelhos, trampolim, tumbling, acrobacias, rodas ginásticas;
- c) Jogos: jogos para desenvolver a condição física, pequenos jogos, jogos sociais, jogos esportivos, jogos de reação (FIG, 1993, p.7).

Devido à Ginástica Geral incorporar uma grande variedade de expressões corporais, valorizar e respeitar as tradições e a cultura dos povos, Souza (1997) considera extremamente difícil incluir em uma definição os diversos conteúdos da Ginástica Geral sem prejudicar a sua compreensão. E salienta que a riqueza da Ginástica Geral “está em privilegiar todas as possibilidades e formas de trabalho, estilo e tendência, influenciados por uma variedade enorme de tradições, simbolismos e valores de cada povo” (SOUZA, 1997, p. 34).

Convergindo, Ayoub (2003, p.58) em sua pesquisa constatou que a amplitude e diversidade da Ginástica Geral dificultam a conceituação da mesma. E conclui que o seu fundamento principal deve ser a ginástica, “podendo transitar por outros elementos do universo da cultura corporal (dança, jogos, esportes, lutas) reinterpretando, ressignificando e transformando esses

elementos em sua prática, porém aberta à sua especificidade e a de cada um deles” (AYOUB, 2003, p. 94).

Ausência de competição

Para Souza (1997, p.36) a característica mais importante da Ginástica Geral é a ausência de competição, que favorece a participação de um grande número de pessoas, independentemente de suas condições físicas e técnicas. Essa autora afirma que a Ginástica Geral “reúne uma grande quantidade de pessoas que por diferentes razões optaram por praticar uma atividade não seletiva, e que não exige um alto nível de performance, ou ainda, aqueles ex-atletas que buscam uma forma menos intensa e mais tranqüila de praticar a Ginástica” (SOUZA, 1997, p.36).

A falta de finalidade competitiva da Ginástica Geral foi, também, o aspecto mais enfatizado nos depoimentos colhidos por Ayoub (2003, p.47), constituindo assim, para essa autora, o outro fundamento essencial para a compreensão da Ginástica Geral.

Ela sublinha a importância da Ginástica Geral dentro na Federação Internacional de Ginástica, a qual está permeada de valores competitivos, ao afirmar que

não podemos negar a abertura de um espaço institucional para uma Ginástica orientada para o lazer, que objetiva privilegiar a participação de todos, num clima de entusiasmo e de divertimento, significa um avanço dentro de uma instituição tão impregnada pelos valores da Ginástica competitiva (AYOUB, 2003, p.59).

Entretanto, Ayoub (2003) sublinha que a inclusão de uma modalidade não competitiva e orientada para o lazer dentro da FIG seja um meio de aumentar a sua representatividade e influência na área da Ginástica (competitiva ou não), e adquirir mais poder, tornando-se, assim, responsável pelas manifestações gímnicas de toda ordem.

O evidente favorecimento das vertentes competitivas dentro da FIG em detrimento da Ginástica Geral, entre outros aspectos, leva essa autora a questionar se o processo de sua estruturação na FIG não seria uma apropriação institucional de um espaço que essa instituição não exercia o controle, servindo como meio de autopropaganda e autopromoção que, sob a bandeira da Ginástica Geral, orgulha-se em dedicar-se ao “esporte recreativo”(AYOUB, 2003, 56).

Aberta à participação de todos

A Ginástica Geral como uma ginástica aberta à participação de todos, à interação dos grupos e à criatividade, pode ser constatada quando a FIG afirma que a “Ginástica Geral está compromissada em oferecer um vasto campo de atividades para um grande número de pessoas, proporcionando variedade, divertimento e a oportunidade de ser criativo” (FIG, 1994, p.21).

Ayoub (2003) verifica essa característica ao analisar as apresentações da 10ª. Gymnaestrada Mundial, pois em relação aos participantes a diversidade de idade, gênero, condição física e número de integrantes comprova “que a Ginástica Geral está aberta para a participação de todos, privilegiando os trabalhos em grupos” (AYOUB, 2003, p.54).

A liberdade de expressão da Ginástica Geral favorece a criatividade sem fim, com ampla participação permeada pela ludicidade.

Componente lúdico e orientada para o lazer

A orientação para o lazer, a liberdade de expressão, o prazer que a prática proporciona aos seus participantes, e a presença do componente lúdico é uma tônica salientada diversas vezes na obra de Ayoub (2003), como podemos observar nas seguintes citações:

ginástica simples, sem restrições e regras e que, portanto, cria espaço para diversidade e para a criatividade; e, em especial, como uma ginástica do prazer, da felicidade e do divertimento (AYOUB, 2003, p.48);

A ginástica geral, diferentemente da ginástica científica e de suas descendentes mais diretas - as modalidades competitivas de ginástica - , não quer abandonar o prazer, o artístico, o riso, a festa; ao contrário, ela abre uma oportunidade para a recuperação do lúdico e as possibilidades de ruptura com a rigidez apregoada pela ginástica científica (AYOUB, 2003, p.72-73);

Essa autora observa que a Ginástica Geral na proposta da FIG possui semelhanças com o movimento Esporte para Todos. Nesse sentido, ela destaca:

- o movimento de pressão junto à FIG para que atendesse a Ginástica não competitiva, ocorreu na mesma época em que o movimento Esporte para Todos se expandia na Europa,
- a concepção de Ginástica Geral como “esfera da Ginástica orientada para o lazer”,

- os objetivos da Ginástica Geral de:
 - “favorecer a saúde, a condição física e a integração social e despertar o interesse pessoal pela prática de atividade física, contribuindo para o bem-estar físico e psicológico de seus praticantes, e o compromisso de oferecer um vasto campo de atividades para um grande número de pessoas, proporcionando variedade, diversão e a oportunidade de ser criativo” (FÉDÉRATION, 1993, p.3).
- a caracterização da Ginástica Geral como uma “Ginástica para todos”, apresenta aproximações com a filosofia do movimento “Esporte para Todos”.
- a denominação de Ginástica Geral em alguns países significa Esporte para todos.

E, a partir dessas constatações, Ayoub (2003, p.59) detecta o caráter conformista do lazer, “uma vez que as pessoas são vistas predominantemente numa perspectiva individual e são convidadas a inserir-se positivamente no contexto social, sem questioná-lo, mas, ao contrário, conformando-se, adaptando-se a ele”.

Contudo, defende que o lazer “pode ser tanto um espaço para a manutenção da estrutura social vigente, quanto um canal viável para uma ação cultural que colabore, [...], para a transformação das condições indesejáveis de vida da nossa sociedade” (AYOUB, 2003, p.60).

E conclui que “viver o lúdico no contexto da sociedade urbano-industrial contemporânea significa, certamente, provocar uma postura de contestação dos valores do utilitarismo, de questionamento dos dogmas da produtividade. Significa, enfim uma atitude potencialmente transformadora” (AYOUB, 2003, p.60).

Desse modo, ao identificar na Ginástica Geral tanto o caráter conformista como transformador, que convivem em tensão permanente, a autora afirma que essa, como todas as atividades humanas, precisa ser compreendida na sua totalidade, em suas múltiplas perspectivas.

Possibilidade educativa

A Ginástica Geral pelas suas características abrangentes, objetivos, poucas normas e por não possuir finalidades competitivas, torna-se uma atividade com alto potencial educativo, criativo, participativo e lúdico do que outras modalidades gímnicas competitivas.

O enfoque educacional da Ginástica Geral está presente em Souza (1997), Pérez Gallardo (1993), Ayoub (2003), Nista-Piccolo (1995) entre outros autores que acreditam na possibilidade

de a Ginástica Geral ser tratada como conteúdo da Educação Física escolar. Destaco Souza (1997, p.15) quando afirma que:

A Ginástica como uma área do conhecimento em Educação Física, enfatizando a proposta da Ginástica Geral na escola, enquanto modalidade que estimula a participação de todos, que facilita a socialização e proporciona o prazer do movimento, sem ser, portanto, competitiva, discriminatória, eliminatória daqueles que não se destacam em frustrantes seletivas de talentos.

1.2. A Ginástica Geral: nascimento, manifestações no mundo e desenvolvimento no Brasil

A Ginástica Geral é muito popular nos países europeus, onde possui maior tradição e é amplamente praticada. Fato que pode ser constatado pelo grande número de clubes de Ginástica nestes países e pelo número significativo de participantes nos diversos festivais.

Mas qual seria a origem da Ginástica Geral?

Para compreendermos melhor a sua origem, Ayoub (2003) considera necessário reportarmo-nos à FIG.

Essa federação teve sua origem em 1881, como Fundação Européia de Ginástica (FEG). Ayoub (2003, p.42) destaca que o presidente da FEG, naquela época, Nicolas J. Cuperus preferia promover festivais de ginástica a competições. Contudo, no início do século XX o presidente da Federação Francesa de Ginástica, Charles Cazalet consegue que a FEG organizasse competições internacionais de ginástica.

Com a filiação dos EUA em 1921 a FEG, essa organização passa a denominar-se Federação Internacional de Ginástica.

De acordo com Souza (1997, p.38), a idéia de um festival internacional de ginástica foi concretizada pela primeira vez com a Lingíada, em homenagem ao centenário de morte de Pehr Henrick Ling (1776-1839), em 1939, em Estocolmo, Suécia.

A mesma autora ressalta a importância histórica da Lingíada para a ginástica “por ser o marco inicial de amplo e necessário conhecimento das interpretações práticas que estavam sendo desenvolvidas no mundo da Ginástica” (SOUZA, 1997, p.38).

Ramos (1982) salienta que as Lingíadas foram concebidas com o moderno conceito social de Educação Física da época, com uma orientação mais positiva e humana, com a ausência de qualquer tipo de competição. O objetivo principal deste evento era o de “transmitir algo, estético

e pedagógico; tendo em vista melhorar as condições de educação física dos povos em geral” (Ramos, 1992, p.197). Porém, podemos identificar a presença do elemento eugênico, que procurava mostrar a superioridade de um povo sobre os outros, ao demonstrar a força, coesão, saúde e disciplina de seu povo.

As Lingíadas tiveram apenas duas edições, em 1939 e 1949, e foram importantes por “conscientizar os professores de Educação Física da época da necessidade de universalizar os conceitos ginásticos e mostrar a aceitação e o sucesso de um evento não competitivo internacional, de tamanha grandeza” (SOUZA, 1997, p.39).

De acordo com Ayoub (2003), o nascimento da Ginástica Geral na FIG está relacionado a acontecimentos ocorridos nessa instituição na década de 1950. Em 1949, durante assembleia geral da FIG o holandês Johannes Heinrich François Sommer, propôs à FIG que se organizasse um festival internacional de ginástica. A sua idéia foi aceita e em 1953 foi realizada a 1ª Gymnaestrada em Roterdã, Holanda, e a partir de então, tornou-se um evento oficial promovido pela FIG (FIG, 1993, p.5). Ayoub (2003, p.43) relaciona este fato ao antigo ideal de Nicolas J. Cuperus.

No final da década 1960 ocorreu um movimento de pressão junto à FIG, para que essa instituição se dedicasse mais à ginástica fora do âmbito competitivo. Este movimento culminou com a criação de uma Comissão de Trabalho de Ginástica Geral em 1979 (AYOUB, 2003, p.44).

A realização das primeiras Gymnaestradas, na década de 1950, juntamente com o movimento de pressão dos anos 1960 são considerados por Ayoub (2003, p.44) como fundamentais para o nascimento da Ginástica Geral dentro da FIG.

Em 1984 no congresso da FIG, por ocasião dos Jogos Olímpicos em Los Angeles, foi oficializado o Comitê Técnico de Ginástica Geral da FIG, “o único nesta instituição destinado a uma prática não competitiva” (AYOUB, 2003, p.44).

Com este espaço institucional destinado ao desenvolvimento da ginástica “em geral”, inicia-se, de acordo com Ayoub (2003, p.41), “um processo mais intenso de divulgação da ginástica geral nas diversas federações nacionais filiadas à FIG, inclusive na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG)”. Desse fato, Ayoub (2003) conclui que a década de 1980 assinala a propagação da Ginástica Geral.

O prof. Jean Willisegger, suíço, presidente do Comitê Técnico de Ginástica Geral da FIG-1995, ao ser entrevistado por Ayoub (2003), explicita as intenções do Comitê Técnico de Ginástica Geral (CTGG) e suas dificuldades:

uma das maiores preocupações tem sido difundir a ginástica geral sem impor modelos rígidos, pois o que é bom para um país pode não ser para outro. Neste sentido o CTGG tem procurado conhecer e respeitar os anseios de cada nação para poder integrar com flexibilidade e agilidade, a visão de ginástica geral da FIG ao contexto mais geral dos diferentes países. [...] o processo de divulgação não tem sido fácil, pois a área da ginástica está impregnada dos valores das modalidades gímnicas competitivas (AYOUB, 2003, p.45).

No depoimento, Willisegger explica que a escolha do termo Ginástica Geral se deu por designar “ginástica em geral” e por ser um termo fácil de ser traduzido por diversos idiomas (AYOUB, 2003, p 41).

O evento oficial da FIG de maior grandeza no cenário mundial da Ginástica Geral é a Gymnaestrada Mundial, realizada a cada quatro anos, sediada em países europeus.

Ao analisar o Manual de Ginástica Geral da FIG (1993) constata-se que praticamente todas as suas ações na área de Ginástica Geral estão focalizadas para a promoção desse evento.

A FIG (1993, p.4-5, item 2) atribui os seguintes objetivos a Gymnaestrada Mundial:

- Divulgar o valor e a diversidade da Ginástica Geral;
- Favorecer a sua propagação pelo mundo;
- Incentivar os trabalhos significativos dentro das Federações nacionais;
- Inspirar prazer no exercício e estimular a atividade pessoal;
- Demonstrar as diferentes possibilidades de conceitos e difundir as idéias sobre eles;
- Apresentar as mais recentes novidades e os progressos da Ginástica Geral;
- Contribuir com a formação geral e técnica dos instrutores;
- Reunir ginastas de todo o mundo, contribuindo para a amizade entre as nações;
- Apresentar a Ginástica Geral a um grande público.

Além das Gymnaestradas Mundiais, Souza (1997) destaca a existência de outros festivais promovidos fora da FIG por Federações Nacionais, que, em número de participantes, superam em muito os números alcançados nas Gymnaestradas Mundiais, e que muitos deles têm sua origem

no século 19 e mantém ainda hoje a tradição de sua realização, como o “Deutsche Turnfest” (Festival Alemão de Ginástica) e as Espartaquíadas-Tchecoslovaquia (p.42)³.

A Ginástica Geral no Brasil

A Ginástica Geral no Brasil foi reconhecida quando a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), na presidência do professor Fernando Augusto Brochado, de São Paulo, oficializou o Departamento de Ginástica Geral com diretoria própria em 1984, assumindo essa diretoria o professor Carlos Roberto Alcântara de Rezende, de Minas Gerais (AYOUB, 2003, p.61).

Contudo, Souza (1997, p.50-51) verifica que a Ginástica Geral já era praticada no Brasil anos antes da institucionalização do Departamento de Ginástica Geral, por meio de Festivais de Ginástica e demonstrações coreográficas de grande área.

Ayoub (2003, p.61-62) relata alguns fatos importantes ocorridos na fase inicial de difusão da Ginástica Geral durante a década de 1980:

- Os Festivais Nacionais de Ginástica (FEGIN) ocorridos anualmente na cidade de Ouro Preto – MG, de 1982 a 1992. A oficialização deste evento pela CBG como Festival Nacional de Ginástica Geral ocorreu em 1985 (Souza, 1997, p.53). Em 1992, a CBG substituiu o FEGIN pelo GymBrasil, que até 2.002 havia tido nove edições.
- A institucionalização do Departamento de Ginástica Geral no CBG em 1984, mesmo ano em que a FIG oficializou o Comitê Técnico Internacional de Ginástica Geral.
- Dois cursos internacionais de Ginástica Geral organizados pela CBG em 1988 e 1989. Souza (1997, p.51) considera esses cursos como “marco significativo para a difusão da Ginástica Geral no Brasil”.
- “Festivais de Ginástica e Dança” realizados na Faculdade de Educação Física da UNESP – Rio Claro (1988-1994).
- O esforço do Departamento de Ginástica Geral da CBG, através do professor Carlos R. A. de Rezende, para ampliar a divulgação e participação de grupos brasileiros na World Gymmaestrada e no FEGIN.

³ As Espartaquíadas foram substituídas pela SOKOL após a revolução em 1989. Para maiores informações sobre esses dois festivais consultar Souza (1997, p.42-46).

Ayoub (2003, p.63) relaciona os seguintes acontecimentos à nova dimensão assumida pela Ginástica Geral na década de 1990, como resultado dos trabalhos de divulgação realizados nos anos anteriores:

- A “VII Gymnasiada Americana”, em Mogi das Cruzes – SP, em 1990.
- O significativo aumento da participação do Brasil na “10th World Gymnaestrada” em 1995, em Berlim, Alemanha.
- A continuação de alguns festivais e de novas iniciativas em âmbito local, regional e nacional de modo mais enfático que anteriormente.
- O trabalho desenvolvido pelo Grupo Ginástico Unicamp.

Essa autora ressalta o trabalho do Grupo devido à sua relevante atuação para o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil e especialmente pelo seu caráter inovador.

1.3. Grupo Ginástico Unicamp

O Grupo Ginástico Unicamp (GGU) segundo Souza (1997, p.69) teve sua origem em 1989, “como um projeto de extensão, na Faculdade de Educação Física, com o objetivo de integrar a Ginástica Artística, a Ginástica Rítmica Desportiva e a Dança, em uma proposta de Ginástica Geral” (p.69).

A partir de 1992, o prof. dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo, com sua experiência e conhecimento vem contribuir com o Grupo, que passa a desenvolver proposta com concepção humanista, outorgando a Ginástica Geral um enfoque pedagógico. Em 1993, o Grupo Ginástico Unicamp constitui-se num grupo de pesquisa reconhecido pelo CNPq com o objetivo principal de levar ao conhecimento dos alunos, professores e público em geral, o resultado das pesquisas sobre as tendências da Educação Física Escolar, por meio de palestras, cursos e apresentações práticas, oferecendo idéias aos interessados em modificar e experimentar novas formas de atuação na área escolar e comunitária. Passa a utilizar além dos aparelhos tradicionais, materiais alternativos de origem natural ou de fabricação humana.

O GGU tem se apresentado em muitos eventos nacionais e internacionais e recebido convites de vários países para divulgar a sua concepção de Ginástica Geral.

1.3.1. A concepção de Ginástica Geral do Grupo Ginástico Unicamp

A Ginástica Geral é entendida pelo Grupo Ginástico Unicamp como:

uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, jogos, teatro, mímica, etc...) de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes (PÉREZ GALLARDO; SOUZA, 1995, p.292).

A concepção de Ginástica Geral deste Grupo engloba a concepção da Federação Internacional de Ginástica, numa abordagem sócio-cultural da Educação Física, cujo foco central é o ser humano, compreendido como um ser social, histórico, crítico, criativo, capaz de avaliar, motivar e superar a sua própria realidade.

Essa abordagem valoriza e privilegia as experiências da cultura corporal que o praticante já possui, servindo como referência de si mesmo como ser cultural e ponto de partida de todo o trabalho, em direção à apropriação dos conhecimentos da cultura pertinentes aos diversos grupos sociais.

Nessa abordagem o ser do homem é mais importante que o seu fazer, pois para Souza (1997, p.81) o praticante está sujeito às variáveis do meio físico e social.

Os elementos culturais relacionados com o movimento corporal são objeto de estudo dessa abordagem, ou seja, “o estudo das interações por meio do movimento dentro de um contexto físico e social” (PÉREZ GALLARDO, 1995, p.50). E entendido por Souza (1997, p.80) como “todos os produtos culturais que fazem parte do cotidiano dos indivíduos e que tenham relação com a Educação Física e cuja manifestação ocorra por meio de expressão corporal”.

As experiências individuais da cultura do educando são socializadas para servir de base para exploração de todo o grupo, assim como as diversas manifestações da cultura que devem ser apropriadas pelo praticante de forma sistemática, numa proposta que valoriza o prazer pela atividade (SOUZA, 1997, p.89).

Os fundamentos das modalidades gímnicas e as diversas manifestações da cultura corporal são considerados como conteúdos da Ginástica Geral. Entre eles Souza (1997, p.87) relaciona:

- **As Ginásticas:** artística, rítmica, acrobática, natural, localizada, aeróbica, trampolim acrobático etc.
- **As danças:** populares, contemporâneas, folclóricas etc.

- **As lutas e artes marciais:** karatê, judô, esgrima, capoeira etc.
- **Os jogos e brincadeiras:** populares, pré-desportivos, folclóricos etc.
- **Os elementos das artes musicais:** dentre elas a utilização do pulso, da melodia e a interpretação das emoções que a música inspira.
- **Os elementos das artes cênicas:** teatralização de jogos, esportes, fatos da vida real, fatos da imaginação, emoções, mímica, imitações etc.
- **Os elementos das artes plásticas:** utilização e construção de aparelhos, vestuários, cenários, instrumentos musicais etc.
- **As experiências de vida:** são aquelas que o educando adquiriu em seu próprio meio ambiente.

Essa variedade de opções oferecida pela Ginástica Geral, propicia a vivência de maior número de expressões corporais, enriquecendo, ainda mais, o repertório da cultura corporal do praticante.

1.3.2. A proposta do Grupo Ginástico Unicamp

Pela proposta pedagógica do Grupo Ginástico Unicamp, os praticantes integram atividades grupais que tenham relações com as suas necessidades, características, expectativas, privilegiando elementos culturais, com base em valores humanos, tais como a cooperação, responsabilidade, auto-estima, respeito por si e pelo outro e predisposição. Os praticantes são incentivados a desenvolver suas qualidades, explorar e descobrir seus potenciais com criatividade.

Nessa proposta faz-se necessário que os praticantes participem dando suas opiniões, façam suas observações e discutam sobre os movimentos, gestos, músicas, aparelhos, vestimentas, vivenciando, desse modo, a prática da democracia.

As atividades são escolhidas de acordo com os interesses e expectativas dos praticantes e, portanto, são carregadas de significado para os mesmos. Além disso, o respeito pelas características individuais favorece o aumento do interesse pelas atividades e a interação social.

Na elaboração da composição coreográfica os praticantes contribuem com sua criatividade, visão de belo, valores e cultura, dando sugestões que são discutidas, experimentadas e podem ser modificadas pelo grupo, se esse achar conveniente. Nesse processo, a composição torna-se um

todo, permitindo que cada um possa verificar a importância de sua contribuição. Desse modo, há o aumento de integração do grupo e todos são valorizados, independentemente de suas características e capacidades físicas, aprendem a valorizar a si mesmo e aos outros, e vivenciam a união em busca de algo comum.

Como o próprio grupo escolhe qual o material e a vestimenta a serem utilizados, pode-se recorrer aos mais acessíveis, adaptando materiais da própria natureza ou da fabricação humana, tais como bambus, pneus, garrafas plásticas, bolas diversas, cordas, tiras de tecido, caixas plásticas e de madeira, lenços etc., de acordo com o interesse do grupo e a disponibilidade financeira.

Formação humana e capacitação na proposta do Grupo Ginástico Unicamp

A proposta pedagógica do Grupo Ginástico Unicamp norteia-se pelos princípios de formação humana e capacitação fundamentados na Biologia do Amor.

Formação humana está relacionada com o desenvolvimento da criança em tornar-se pessoa “capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável”. E capacitação está vinculada às “aquisições de habilidades e capacidades de ação no mundo em que se vive como recurso operacional que a pessoa tem para realizar aquilo que queria vivenciar” (MATURANA; DE REZEPKA, 1995, p.11).

Pérez Gallardo (1997, p.82), quanto à formação humana no processo educativo, salienta a importância de propiciar aos educandos atividades que vivenciem os valores humanos como a criatividade, a curiosidade, o respeito às normas do grupo e às leis da sociedade, a crítica e o fornecimento de soluções dos problemas que se critica e disponibilidade para estar a serviço do grupo e não o grupo a serviço do indivíduo.

Em relação à capacitação, o educador deve, segundo Souza (1997, p.84), “preocupar-se com o desenvolvimento das capacidades biológicas e das habilidades específicas do ser humano, facilitando ao aluno, a apropriação de todas as manifestações da cultura corporal, que sejam relevantes para a convivência em seu meio físico e social”.

Pérez Gallardo (1997, p.81-82) enfatiza a necessidade de conhecer o desenvolvimento do ser humano para melhor adequar as atividades de acordo com as diferentes faixas etárias, e

conhecer as atividades culturais da região onde o educando insere-se, de modo a criar um clima de confiança, com estímulos conhecidos. O estudo e transmissão dos conteúdos culturais regionais são denominados, por esse autor, de Educação Patrimonial, sendo importante para que o educando adquira a sua referência cultural e possa compreender os valores que permeiam sua comunidade.

Além disto, o aprendizado de uma determinada manifestação da cultura corporal valorizada pelo meio social, a que o educando pertence, contribui para a sua inserção, integração e reconhecimento pelo grupo. “Por exemplo, saber dançar o forró, a lambada ou uma dança da moda, ou ainda numa praia, poder participar de um jogo de voleibol ou futebol” (SOUZA, 1997, p.85).

O Grupo Ginástico Unicamp privilegia a formação humana em relação à capacitação. A capacitação, os elementos técnicos, serve para otimizar o trabalho, sendo um meio para que o processo educativo ocorra. Dessa forma, a importância do trabalho encontra-se principalmente no seu processo, no qual os elementos de formação humana são desenvolvidos, não podendo, por isto ser analisado e avaliado apenas pelo produto final, ou seja, a composição coreográfica.

Coerente com sua concepção de Ginástica Geral e as orientações quanto à formação humana e capacitação, o Grupo Ginástico Unicamp atribui à sua proposta de Ginástica Geral os seguintes princípios norteadores:

- Promover a integração social, o conagraçamento, a auto-gestão, a auto-organização, a cooperação e a cidadania (atuação política);
- O incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo;
- O conteúdo utilizado parte das experiências individuais, socializadas a fim de servirem de base para a exploração de todo o grupo;
- A liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal;
- O resgate dos valores culturais de cada grupo social;
- O prazer na atividade (ludicidade);
- A promoção da cooperação e da participação;
- A experimentação de diferentes formas de organização social;
- A elaboração e respeito às normas, regras e regulamentos criados pelo grupo;
- O estímulo à auto-superação e à criatividade;
- A possibilidade de participação de todos os membros da sociedade (crianças, adultos, idosos, deficientes, etc.);
- A discussão crítico-superadora das diferentes manifestações da cultura corporal que sejam utilizadas;
- O aumento da interação social;

- A demonstração das composições como produto final do processo educativo (PÉREZ GALLARDO; SOUZA, 1997, p. 86).

A proposta do Grupo Ginástico Unicamp, explicitada nesse capítulo, por suas características educacionais se torna uma prática propícia para ser desenvolvida em instituições sócio-educativas, que atendem jovens carentes.

Capítulo 2: Biologia do Amor

“A esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo, que sempre implica uma nova experiência, só podemos chegar pelo raciocínio motivado pelo encontro com o outro, pela possibilidade de olhar o outro como um igual, num ato que habitualmente chamamos de amor, ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro ao nosso lado na convivência.”

(MATURANA; VARELA, 1995, p.263).



A proposta pedagógica do Grupo Ginástico Unicamp norteia-se nos princípios de formação humana e capacitação, fundamentados na Biologia do Amor de Maturana e De Rezepka (1995), que é fruto da Biologia da Cognição, apresentada por Maturana em 1970, na cidade de Santiago, no Chile. Deste modo, para compreendermos com mais clareza a fundamentação dos princípios convêm aprofundarmos na abordagem da Biologia da Cognição. Sendo assim, esse capítulo tem como objetivo apresentar a teoria da Biologia da Cognição e as orientações educacionais dos princípios de formação humana e capacitação.

2.1. As implicações na área da Educação Física da Biologia da Cognição

Os estudos de ordem biológica na área da Educação Física, permeados pelo paradigma de orientação controle/energia estiveram relacionados aos estudos morfológicos e fisiológicos do corpo humano em seus aspectos celulares, musculares, respiratórios, energéticos entre outros, tendo como objetivo principal o desenvolvimento das capacidades físicas humanas.

Contudo, a Biologia da Cognição e a sua conseqüente Biologia do Amor vêm vincular-se na abordagem sócio-cultural da Educação Física, que de acordo Pérez Gallardo (1997, p.21) se caracteriza pela “observação do homem como ser integrado no meio físico e social, sendo constantemente modificado por ele e ao mesmo tempo servindo ele próprio como agente modificador de seu meio”.

Essa abordagem visa facilitar o reconhecimento e aprendizagem dos elementos da cultura corporal que fazem parte de cada grupo social, ou seja, a Educação Patrimonial. E implica que ao escolhermos as atividades tendo em vista os objetivos propostos, priorizemos as advindas e relacionadas com as da bagagem cultural dos educandos, iniciando-se a partir deste conhecimento e ampliando em direção a outros. As experiências vividas pelos educandos e por suas famílias, por possuírem uma carga afetiva influenciam a importância atribuída pelos educandos aos conteúdos e as atividades. Assim, as capacidades e habilidades que visamos desenvolver se forem contextualizadas por eles, por terem relação com as suas experiências e com a sua cultura, favorecerão o aprendizado.

Por exemplo, se desejamos que nossos educandos aprendam um determinado tema realizamos uma sondagem junto a eles para identificar o conhecimento e as experiências que já

possuem a respeito do mesmo, e a partir dessa elaboramos estratégias de ensino que utilizando os conhecimentos identificados, possibilitem que aprendam outros ampliando dessa forma sua cultura corporal de maneira prazerosa e agradável. Para melhor contextualizar a sondagem, podemos pedir-lhes que pesquisem juntos aos seus pais, avós e parentes o conhecimento que possuem.

No âmbito da Educação Física, a Biologia do Amor, implica focalizar o processo educativo na pessoa de nossos educandos, nos valores humanos de convivência, tendo como meio para que este processo ocorra, a aquisição e o desenvolvimento de habilidades motoras, da cultura patrimonial, para que sejam capazes de realizar aquilo que desejarem.

2.2. Biologia da Cognição: eficácia operacional do ser vivo

O produzir do mundo é o cerne pulsante do conhecimento, e está associado às raízes mais profundas de nosso ser cognitivo, por mais sólida que nos pareça nossa experiência. E, já que essas raízes se estendem até a própria base biológica, como veremos, esse gerar se manifesta em todas as nossas ações e em todo o nosso ser (MATURANA; VARELA, 1995, p.69).

Maturana e Varela (1995), na obra “A árvore do conhecimento”, com visão sistêmica, propõem um sistema conceitual capaz de justificar o fenômeno cognitivo humano, entendido por eles como uma ação efetiva do ser para continuar a viver no meio em que está inserido e fazer deste seu mundo de existência.

Os autores ao buscarem a origem biológica do conhecimento, caminharam numa trajetória cíclica e até mesmo vertiginosa, em que demonstram que o próprio conhecimento possibilita conhecer a sua origem. Ou seja, “como os fenômenos sociais, fundados num acoplamento lingüístico, dão origem à linguagem e como a linguagem, a partir de nossa experiência cotidiana do conhecer, nos permite gerar a explicação de sua origem. O começo é o final” (MATURANA; VARELA, 1995, p.258).

Nessa teoria, o termo “conhecer” deixa de ter um único significado, uma única verdade. Torna-se amplo, tão amplo que abarca tudo, “conhecer” é a constatação do mundo a nossa volta, do nosso próprio eu e abrange também o desejo incessante de compreender, de domar, de

construir e re-construir tudo, com o fim último de sermos felizes neste mundo.

Todo conhecimento depende da estrutura biológica e das experiências vividas por cada um no mundo social em que está inserido. Você que me lê terá sua compreensão do que lê, compreensão essa que pode ser diferente da minha e de um outro leitor, pois compreendemos e conhecemos a partir de nossa própria estrutura, que é alterada pelas experiências vivenciadas.

Maturana e Varela (1995), nessa teoria unificante e determinante do ser humano, constatam que a sua dinâmica social com sua abertura para o outro, é de essência biológica e condição “sine qua non” de sua evolução, de sua socialização e, portanto, de sua humanidade.

Os autores iniciam sua argumentação a partir da origem da vida em nosso planeta e da história evolutiva dos seres vivos. Consideram que as interações, ocorridas com os seres vivos entre si e o meio, são de essência biologicamente determinante, e que por sua vez, essas interações ocasionaram mudanças nas estruturas dos mesmos direcionando suas evoluções.

Sendo assim, ao estudar a cognição dos seres humanos, torna-se conveniente analisar as suas características biológicas, pois as suas ações no mundo são validadas pela sua própria estrutura humana que faz com que os fatos e os objetos apareçam na descrição, existindo, assim, uma indivisibilidade entre o mundo real e como ele parece ser. Pois, todo ato de conhecer produz um mundo que está intrinsecamente interligado à constituição biológica do ser.

A influência da estrutura biológica está presente em todas as ações individuais e sociais, por mais que pareça ser a experiência vivida o fator desencadeante. Para os autores é a estrutura do ser vivo que define as mudanças que ocorrerá neste como resposta às perturbações do ambiente. O ambiente não determina a resposta apenas desencadeia seus efeitos. Se a interação entre o meio e o ser vivo não o destruir, haverá uma compatibilidade ou comensuralidade entre ambos. Havendo compatibilidade, o ser vivo e o meio serão fontes de perturbações recíprocas e desencadearão transformações mútuas de estado, num processo contínuo denominado de acoplamento estrutural.

Nos seres vivos a estrutura e o acoplamento estrutural são direcionados para conservar a autopoiese, entendida como capacidade dos seres vivos de produzirem continuamente a si mesmos, para os autores é essa capacidade que define os seres vivos como tais.

Maturana e Varela (1995) afirmam que as interações efetuadas pelos organismos com

sistema nervoso podem provocar uma contínua mudança neste, com novas dimensões de acoplamentos em sua estrutura, devido à plasticidade do mesmo. As mudanças no sistema nervoso ocorrem nas ramificações finais e nas sinapses, onde as alterações moleculares modificam a eficiência das interações sinápticas e que podem alterar o modo de operar das grandes redes neurais. Essas mudanças, por sua vez, irão possibilitar que ocorram novos fenômenos de conduta e de interação. Um desses fenômenos, em nós seres humanos, foi o surgimento do domínio lingüístico⁴, que por seus componentes e a ampliação de suas propriedades, possibilitou a elaboração da linguagem.

2.2.1. Fenômeno social e linguagem

Maturana e Varela (1995) enfatizando que o domínio lingüístico foi fator primordial para o desenvolvimento da vida social humana como sistema, salientam que a história evolutiva dos seres humanos está associada às condutas lingüísticas⁵, num ambiente de mútua colaboração.

De acordo com as características paleontológicas, supõe-se que os hominídeos primitivos viviam como nômades, em pequenos grupos ou famílias extensas. Os casais eram unidos por sexualidade permanente, compartilhavam a alimentação e cooperavam na criação dos filhos, empregando os domínios lingüísticos, decorrentes da plasticidade de nosso sistema nervoso, e aprendidos em decorrência da contínua cooperação de seus integrantes. A sociabilidade recorrente enriqueceu o domínio lingüístico e propiciou a linguagem, que vem alterar as condutas comportamentais humanas gerando novos fenômenos como a mente e a consciência, que permitem ao ser humano distinguir-se como tal.

Deste modo, na nossa evolução a qualidade de sermos humanos surge com a linguagem, a qual se produz na convivência, como resultado de uma maneira especial de viver, com intimidade suficiente e encontros recorrentes, para que haja um domínio de coordenações de ações consensuais necessário para que se constitua (MATURANA, 1995).

⁴ Domínio lingüístico refere-se a todas as condutas lingüísticas dos seres vivos.

⁵ Condutas lingüísticas referem-se às condutas comunicativas ontogênicas, ou seja, as condutas interativas estruturalmente determinadas entre organismos de uma mesma espécie, e que o observador pode descrever em termos semânticos, isto é, podem ser interpretadas, “traduzidas” por meio de palavras.

Por sua vez, a linguagem modifica o ambiente social ao elaborar a cultura⁶ deste, pois dos diferentes domínios lingüísticos surgem os diversos mundos sócio-culturais aos quais pertencemos e podemos vivenciar. Assim, o nosso conhecer está vinculado à linguagem, que é fruto de nossa convivência, a qual é influenciada continuamente pelo conhecimento e pela cultura que produz.

2.2.2. A ética e as implicações educacionais da Biologia da Cognição

todo ato humano, ao construir o mundo pelo linguajar, tem um caráter ético porque se dá no domínio social (MATURANA; VARELA, 1995, p.264).

A Biologia da Cognição ao conscientizar-nos da importância das experiências vivenciadas para o desenvolvimento do nosso conhecimento, e que somos seres sociais devido a nossa estrutura biológica, leva-nos a uma ética específica.

Uma ética que nos convida a abaixar as nossas defesas de orgulho e ampliar as fronteiras da compreensão ao refletir sobre a situação em que nos encontramos procurando concebê-la numa visão mais abrangente e distanciada de nossas vaidades culturais. Pois, se o nosso mundo é o mundo que construímos com os outros, ao estarmos diante de um conflito com alguém não deveremos argumentar somente a partir de nossas próprias experiências pessoais e concepções, mas considerar que ambas opiniões, mesmo que não nos seja agradável são válidas porque resultam do acoplamento estrutural associado às experiências vivenciadas.

Deste modo, cumpre-nos ampliar nossa perspectiva para uma mais abrangente na qual o outro seja incluído, responsabilizando-nos pelas nossas posturas e atitudes em relação ao outro, pois cientificamente “Tudo o que limite à aceitação do outro - seja a competição, a posse da verdade ou a certeza ideológica - destrói ou restringe a ocorrência do fenômeno social, e também o humano, porque destrói o processo biológico que o gera” (MATURANA; VARELA, 1995, p.263).

A Biologia da Cognição na obra “A árvore do conhecimento”, dos autores acima citados, oferece-nos uma compreensão da dinâmica social humana e conscientiza-nos de que “só temos o

⁶ Cultura, para Maturana (1995, p.288) é definida por uma configuração de ações e emoções, que se conserva por geração por geração ao ser aprendida na infância pelos filhos no seu viver na comunidade em que crescem.

mundo que criamos com o outro, e que só o amor nos permite criar esse mundo em comum” (MATURANA; VARELA, 1995, p.264) e das conseqüências dos nossos atos perante a construção de nossas convivências. Os autores não visam moralizar, apenas destacar que biologicamente sem a aceitação do outro em nossa convivência não há socialização. E a aceitação do outro possibilita que aceitemo-nos a nós mesmos,

ao reconhecer nos outros a legitimidade de sua existência, mesmo quando não a achamos desejável em sua atual expressão, o indivíduo se encontrará livre também para aceitar legitimamente em si mesmo todas as dimensões que atualmente possam ocorrer em seu ser e que têm sua origem precisamente no todo social (MATURANA; VARELA, 1995, p.50).

A Biologia da Cognição traz implicações para a Educação, fazendo com que o educador permeie as suas atitudes e trabalhos junto aos educandos com valores humanos de convivência, ou seja, com elementos de formação humana. Valorize o ser de cada um deles e reconheça a legitimidade da cultura a que pertencem. Pois, de acordo com Maturana e Varela (1995, p.224) a “coerência e harmonia nas relações e interações entre os integrantes de um sistema social humano se devem à coerência e harmonia de seu crescimento dentro dele, numa contínua aprendizagem social que seu próprio operar social (lingüístico) define”.

A Educação deixa de visar e trabalhar com uma determinada “cultura”, passa a considerar todas as culturas, auxiliando os educandos a relacioná-las, sem, contudo, abrir mão da contribuição de ajudá-los a conhecer e ampliar o próprio conhecimento.

2.3. Biologia do Amor

De acordo com a teoria da Biologia da Cognição somos seres emotivos e a emoção fundamental em que transcorreu e possibilitou a vida em comunidade é o amor. Evoluímos devido aos padrões de comportamento relacionados à colaboração, num ambiente com fundamento matrístico, manifestado pela cooperação, confiança e respeito mútuos. Este ambiente de colaboração e de valores humanos é observado na infância, principalmente na relação mãe-filho. Contudo, em nossa cultura patriarcal, a criança ao adentrar a juventude confronta-se com um mundo guiado por valores de posse e de rivalidade, que direciona o ter acima do ser, a valorização do patrimônio financeiro, a competência, a concorrência, que provocam a perda da

dignidade, o desrespeito e a luta. Este confronto de valores e a vontade de conservar os valores humanos matrísticos na fase adulta acarretam muito sofrimento para a pessoa.

Somos seres amorosos e prova disto é que adoecemos em qualquer idade quando interferem em nosso amor, negando-nos o respeito, a confiança, o carinho, entre outras formas de desamor. O amor é algo tão forte e poderoso que mediante qualquer doença deve ser o primeiro remédio, infelizmente, em nossa sociedade ocidental, por valorizarmos as dinâmicas biológicas, deixamos freqüentemente de relacionar a doença com as experiências vividas pela pessoa e seus sentimentos.

Segundo Maturana e De Rezepka (1995, p.42-43)

Nenhum de nós aceita como brincadeira, ou algo equivalente, as negações ou aceitações do ser, em qualquer que seja a circunstância.

A negação é destrutiva, fecha a inteligência na autodepreciação e a centraliza na agressão. A aceitação é construtiva, amplia a inteligência no auto-respeito e a centraliza na colaboração.

A negação do ser tira o sentido da vida e do fazer, a aceitação do ser devolve o sentido da vida e do fazer.

Isso é de total relevância aos educadores preocupados com desenvolvimento integral do educando.

A prática educacional fundamentada na Biologia do Amor requer que o educador aceite a pessoa do educando em sua totalidade e legitimidade, colaborando com este para que tenha confiança em si e acredite possuir tudo o que necessita para tornar-se um ser humano íntegro, responsável e amoroso. Requer, também, que o educador corrija apenas o fazer do educando e não o seu ser. Em vista disto, o educador deve ter competência para tratar as temáticas que ensina de maneira coerente à maturidade de seus educandos, fazendo-o a partir do prazer que a liberdade criativa da ação e da reflexão trazem consigo.

Deve ser proporcionado aos educandos experiências e práticas em um ambiente matrístico, a fim de conservar na vida adulta os valores humanos, apesar da contínua pressão de valores patriarcais.

Maturana e De Rezepka (1995, p.10) defendem a idéia que

o futuro deve surgir de homens e mulheres que viverão o futuro. Homens e mulheres que deveriam ser íntegros, autônomos e responsáveis por seu viver e por aquilo que fazem, pois o fazem por si mesmos; homens e mulheres sensíveis, amorosos, conscientes de seu ser social e de que o mundo que vivem surge com seu viver.

O objetivo educacional vinculado a essa idéia é

formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres em que qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e fazerem o que necessitam como um ato responsável, a partir de sua consciência social (MATURANA; DE REZEPKA, 1995, p 10).

No processo educativo eles identificam duas classes de fenômenos distintas: a formação humana e a capacitação.

Formação humana está relacionada com a aquisição de valores humanos de convivência, com o desenvolvimento dos educandos em pessoas capazes de relacionarem-se e colaborarem com os outros num espaço de convivência social desejável.

Na prática educativa a formação humana consiste em criar condições para que o educando seja capaz de viver no respeito por si mesmo e pelos outros, com liberdade de aceitar ou negar qualquer coisa sem medo de estar em oposição. Pois, sua “identidade e autoconfiança não se baseiam na oposição ou diferença em relação às outras pessoas, mas no respeito por si próprio, de modo que pode colaborar tranqüilamente porque não teme que essa relação termine” (MATURANA; DE REZEPKA, 1995, p.11).

Capacitação é instrumento ou caminho na realização da tarefa educacional, é entendida como os conhecimentos, habilidades e capacidades de ações, como recursos operacionais necessários para realizar aquilo que deseja. Na prática educativa consiste na elaboração de atividades nas quais os educandos exercitem as habilidades visadas e ampliem a capacidade de fazer com reflexão sobre o que se faz.

Maturana e De Rezepka (1995, p.12) enfatizam a formação humana como aspecto principal de todo o processo educativo, pois permite ao educando viver

como um ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre sua atividade e sua reflexão, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de possuir uma conduta ética, porque não desaparece em suas relações com os demais e capaz de não ser arrastado às drogas e ao crime porque não dependerá da opinião dos demais e não buscar identidade nas coisas fora de si.

Os princípios de formação humana e capacitação adquirem maior relevância quando relacionados com os adolescentes em situação de risco, pois devido a suas carências econômico-

social-afetivo-educacionais possuem sentimentos de rejeição e sofrem constantemente de discriminação. Os elementos de formação humana vêm contribuir para que se reconheçam como pessoas em sua legitimidade, merecedoras de respeito, favorece a sua integração social e possibilita que desenvolvam autonomia com responsabilidade por seus atos. E o princípio de capacitação propicia-lhes adquirir expectativas positivas quanto ao seu futuro, pois, ao instrumentalizá-los, fornece condições para que melhorem de vida, evitando assim que sejam aliciados para o mundo das drogas e do crime.

2.3.1. Princípios de formação humana e capacitação fundamentados na Biologia do Amor

Maturana e De Rezepka (1995) sintetizam em quinze pontos os princípios educacionais relacionadas à formação humana e capacitação, fundamentados na Biologia do Amor.

Quanto à formação humana:

1. O objetivo da escola é permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitem a si mesmos e aos outros, com consciência social e ecológica.
2. Para atingir este objetivo é necessário que o professor aceite a criança como um ser legítimo em sua totalidade, e não como uma passagem para a vida adulta. O professor não deve visar apenas a aprendizagem dos conteúdos, mas o seu foco deve ser a formação humana, mesmo reconhecendo que essa se desenvolve por meio da aprendizagem dos conteúdos.
3. Deve-se criar condições que permitam à criança ampliar sua capacidade de ação e reflexão no mundo em que vive, de modo que possa contribuir em sua conservação e transformação de maneira responsável, coerentes à comunidade e ao meio natural a que pertence.
4. O professor deve estar consciente que na convivência a criança transforma a sua maneira de viver, influenciado pela dele, tanto nas dimensões explícitas, ou conscientes, como nas implícitas, ou inconscientes.
5. O curso que orientou a evolução da vida humana foi o das emoções e não o da razão. Sendo assim, somos seres que pertencemos ao presente de uma história amorosa, não

da agressão ou da competição, isso implica que o ambiente educacional deve ser amoroso e não competitivo.

6. Durante as conversas com as crianças há um entrelaçamento de assuntos relacionados à capacitação e formação humana.
7. A educação não deve se preocupar em preparar cidadãos úteis e responsáveis, pois isso será consequência de crescerem no respeito por si mesmos e com consciência social. Não deve também visar a preparação das crianças para serem úteis à comunidade, pois elas assim o serão ao crescerem integradas à sociedade.
A escola, substituindo o ambiente cotidiano da criança, deve ser vivenciada como tal. Desse modo, não precisa ensinar de maneira explícita valores humanos e de relacionamento, há de vivenciá-los a partir da Biologia do Amor; não há a necessidades de ensinar cooperação, mas de vivenciá-la, a partir do respeito por si mesmo, que surge na convivência.
8. As crianças e os professores são fundamentais no processo de formação humana e capacitação e possuem tudo o que necessitam em termos humanos.
Crianças e professores são inteligentes e capacitados em seu emocional, mesmo que diferentes em suas preferências, curiosidades, modos de fazer e pensar, devido às variadas experiências de vida. A aceitação da legitimidade das crianças, na Biologia do Amor, consiste em aceitar as suas características particulares e a partir dessas relacionar-se com as crianças.
9. A atividade educacional deve realizar-se na correção do fazer e não do ser da criança.
10. O espaço de convivência educacional deve ser vivido como um espaço amoroso. Para isto educandos e professores devem encontrar-se sem preconceitos e sem outras urgências além das preocupações próprias das atividades que vão realizar.

Quanto à Capacitação:

11. A capacitação ocorre quando a prática da atividade se realiza num ambiente de mútuo respeito entre o professor e o educando.

12. A capacitação requer do educando liberdade reflexiva e confiança em suas próprias capacidades. Essa confiança é possível, se o professor atuar reconhecendo que todos os seres humanos são igualmente inteligentes e capazes, gerando um espaço que valoriza a atividade de maneira não competitiva.
13. A capacitação adquire-se como uma capacidade de fazer e refletir sobre a ação, quando o processo de aprendizagem realiza-se a partir da possibilidade de ser responsável pelo que se faz. Portanto, há a necessidade de criar oportunidades para que se desenvolvam as ações relacionadas.
14. O professor só pode contribuir para a capacitação de seus educandos se desenvolver a sua tarefa educacional a partir da coerência com a sua própria capacidade de fazer, na liberdade de refletir sobre sua tarefa e no respeito por si mesmo, realizando o que ensina.
15. As crianças, em qualquer idade, chegam ao espaço escolar vindos de um ambiente cultural vivenciado que configura sua personalidade, seu ser e sua capacidade de ação e reflexão. O que as crianças são e sabem ao ingressar na escola deve ser valorizado e usado como ponto de partida valioso do qual se construa as atividades.

Esses quinze itens apenas terão valor se o foco da educação for guiar os jovens em sua formação humana.

2.3.2. A ética e as implicações da prática educacional na Biologia do Amor.

Para Maturana e De Rezepka (1995) a prática educacional na Biologia do Amor corresponde ao crescimento da criança no seio de sua família quando a criança vive em sua legitimidade, na atitude de acolhida dos membros da família que a respeita e a valoriza.

Quando a educação se desenvolve nessa prática, não há a necessidade de ensinar de modo explícito valores de convivência, espiritualidade, honestidade e justiça, pois se vive a partir deles. Deve ser enfatizados, mencionados e refletir-se sobre estes valores, quando forem negados ou se não se apresentarem no ambiente de convivência da criança.

A ética da Biologia do Amor implica na atitude de responsabilidade pelas próprias ações, suas conseqüências sobre os outros e concebe o outro como um ser legítimo.

Os autores (1995, p.47) ao relacionarem a Biologia do Amor com a espiritualidade, afirmam que essa “é uma experiência de ampliação da consciência de filiação num âmbito mais amplo da existência, e como tal, também se funda no amor que abre o espaço de legitimidade e a coexistência de tudo”. Por consequência dessa experiência de filiação o interesse pelo outro é ampliado, de tal modo que o outro seja incluído em nosso mundo.

E observam que

em nossa cultura usamos a razão para negar ou obscurecer nossas emoções e valorizar nossa conduta como se estivéssemos fora delas. O mesmo ocorre com a ética e a experiência espiritual onde geramos cegueiras frente ao outro e em nosso âmbito de filiação social e cósmica com argumentos racionais que justificam nossas cegueiras frente aos outros e a nós mesmos (MATURANA; DE REZEPKA, 1995, p.47).

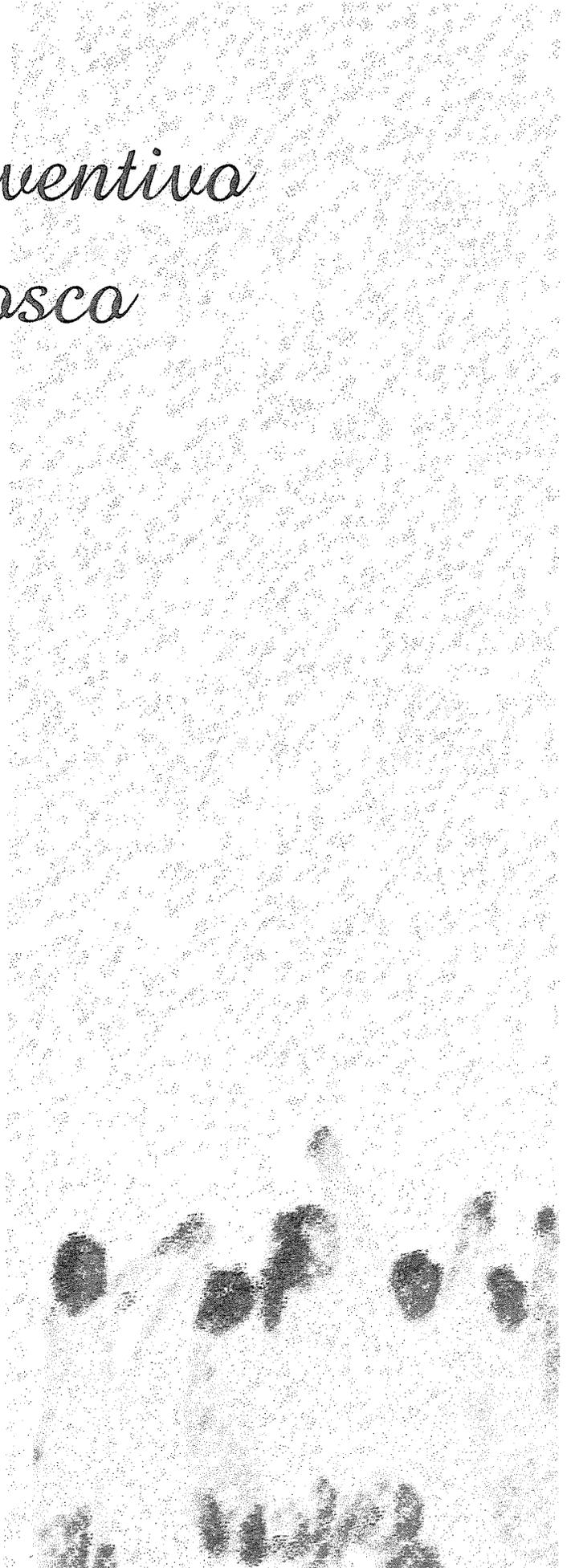
A Biologia do Amor, portanto, sensibiliza-nos em relação a nós mesmos e aos outros em qualquer convivência.

Os princípios educacionais de formação humana e capacitação, vistos nesse capítulo, alicerçam a proposta do Grupo Ginástico Unicamp e vão ao encontro das preocupações educativas junto a adolescentes em situação de risco e possuem similitudes com o sistema preventivo que norteia as atividades desenvolvidas no Externato São João, como veremos no capítulo seguinte.

Capítulo 3: Sistema Preventivo de Dom Bosco

*“transforma o relacionamento
educativo em relacionamento
filial, fraterno e o ambiente
de educação numa família”*

(BRAIDO, 1964, p.156).



Em vista de o projeto de pesquisa ter sido desenvolvido no Externato São João, este capítulo contempla essa instituição, seus objetivos, a caracterização dos seus adolescentes e o sistema preventivo que direciona todas as suas atividades.

3.1. O Externato São João

O Externato São João, situado na cidade de Campinas, foi fundado em 1909 pelos religiosos da congregação Salesiana de Dom Bosco, como escola profissionalizante para atender jovens de famílias de classe sócio-econômica mais baixa, com a transferência das oficinas profissionalizantes, que funcionavam anteriormente no Liceu de Artes e Ofício, no bairro Guanabara.

Anos mais tarde torna-se escola primária e ginásial em 1971. A partir de 1994, os salesianos mudam o foco educativo do Externato São João, cientes dos problemas econômico-sociais vivenciados na cidade de Campinas, refletido no seu grande número de crianças e jovens em situação de risco, e também pelo fato dessa cidade contar com outras duas instituições escolares salesianas. Assim, o Externato São João deixa de ser escola regular fundamental e passa a ser uma instituição sócio-educativa cristã atendendo adolescentes em situação de risco.

Desse modo, o Externato São João junta-se a outras 23 instituições cristãs sócio-educativas, dirigidas por salesianos, no Estado de São Paulo, atendendo 15.136 menores carentes de diversas formas (Salesianos, 1999).

O Externato São João, desde 1994, visa tornar-se um programa integral de proteção aos jovens, conforme orientação do artigo 90 do Estatuto da Criança e do Adolescente, suprindo suas necessidades básicas, desenvolvendo um trabalho de formação, com compromisso de inserção social, orientação familiar, iniciação ao trabalho, volta à escola e formação de valores adequados à convivência cidadã.

O principal objetivo educacional do Externato São João é

formar o bom cristão e o honesto cidadão, consciente de seus deveres na sociedade a partir de uma concepção de vida que transcende a sua própria natureza e lhe permite ver no outro o irmão, o próximo dotado de igualdade de direitos fundamentais limitado e rever necessidade de reconciliação e fraternidade (LELO, 1997b p.18).

Atende adolescentes com histórico de rua, encaminhados pela Vara da Infância e Juventude, favelados com poucas expectativas de profissionalização, entrada no mercado de trabalho e inserção social, jovens trabalhadores informais de rua, jovens que fizeram uso de drogas leves, rejeitados, abandonados e os que vivem na pobreza.

O Externato manteve um sistema de abrigo masculino destinado a jovens encaminhados pela Vara da Infância e Juventude até 2001.

Além da unidade localizada no centro da cidade de Campinas conta com outras duas, uma no bairro Vida Nova e outro no parque Osiel, que foram constituídas em 1998 e 1999 respectivamente. Essas três unidades atenderam 732 jovens e crianças em 2002.

3.1.1. Perfil dos adolescentes atendidos

Em dezembro de 1996, Lelo (1997b) realizou uma pesquisa com 220 jovens atendidos pelo Externato São João, com o objetivo de constituir o perfil da clientela da instituição.

Com essa pesquisa, obtiveram-se as seguintes informações; os adolescentes são oriundos da periferia de Campinas, principalmente dos bairros Vida Nova, Jardim São Marcos, Jardim São Fernando, Jardim Paranapanema, Jardim Maria Rosa. Suas famílias sobrevivem com 1 a 3 salários mínimos. A maioria dos responsáveis pelo sustento do lar trabalha exercendo as profissões de faxineira, empregada doméstica, ajudante geral, pedreiro, entre outros.

Pela tabela 1- **Presença de responsáveis** constatamos considerável presença dos pais (pai e/ou mãe) como responsáveis pelos adolescentes, contudo essa presença não é capaz, por si só, de proteger os inúmeros adolescentes evadidos da rede escolar e que ficam vulneráveis à exploração de traficantes.

Tabela 1 - Presença de responsáveis

Responsáveis	Nº de Adolescentes	Porcentagem
Pai e Mãe	90	45%
Pai	08	4%
Mãe	78	39%
Outros	24	12%

Fonte: LELO, 1997a.

A pesquisa comprovou que uma das origens de abandono dos jovens é a miséria de suas famílias manifestadas “no analfabetismo, na desprofissionalização, no alcoolismo, na falta de educação de base dos pais, que por sua vez é transmitida aos filhos” (LELO, 1997b, p.23).

3.1.2. Adolescentes em situação de risco

Observamos que em muitas famílias carentes os pais ou responsáveis possuem tantos problemas sócio-afetivos e de sobrevivência que acabam deixando de demonstrar atenção, carinho e acolhida pelos filhos, o que vem prejudicar o desenvolvimento afetivo, gera o sentimento de abandono, de rejeição da criança e do jovem e a diminuição do vínculo familiar.

De acordo com Lelo (1997b, p.29), os adolescentes provedores de suas famílias não têm oportunidades de vivenciar as características e realidades de sua própria faixa etária, saem de seus bairros de origem para o centro da cidade e por meio da mendicância e/ou trabalho informal correm o risco de tomar conhecimento e ingressar no mundo do tráfico e uso de drogas, o que por sua vez, vêm fragilizar as relações familiares.

Em relação aos adolescentes com histórico de rua, o mesmo autor ressalta que é um desafio ajudá-los “a sair da realidade em que se encontram e desenvolver o seu potencial humano, pois sentem a necessidade e responsabilidade de levar dinheiro para ter o que comer, pagar água, luz e até construir a própria casa” (LELO, 1997b, p. 32).

Há adolescentes que mesmo estudando precisam de apoio e proteção fora do horário escolar por estarem em situação de risco. São provenientes de favelas e conjuntos populares da periferia, que desejam trabalhar, ajudar no orçamento da família, mas estão “despreparados, com baixa escolaridade, em expectativa de serviço militar e não encontram curso de caráter preparatório que os capacitem profissionalmente” (LELO, 1997b, p.30).

Alguns adolescentes com maturidade e responsabilidade precisam de um encaminhamento e de incentivo para buscarem melhores condições de desenvolvimento profissional. Caso contrário optam pela profissão de seus familiares, ficando sem conhecer suas habilidades e desacreditam de suas capacidades profissionais.

Devido ao permanente risco de alguns jovens serem aliciados ao mundo das drogas e do crime, necessitam de um ambiente educativo que proporcione diversas atividades, que os

orientem como pessoas responsáveis e conscientes de suas opções, exercitando-os a encontrar soluções adequadas aos problemas vivenciados diariamente, ajudando-os a reconhecer suas capacidades, e que sejam respeitados, talvez possa contribuir para que este risco diminua. Contudo, devemos ter consciência de que as mais diversas atividades por si só não fazem com que o risco desapareça, pois as questões e problemas de ordem sócio-familiar continuam e permanecem presentes na vida desses jovens.

3.2. O Sistema Preventivo

O sistema pedagógico que alicerça todos os trabalhos desenvolvidos no Externato São João é o sistema preventivo idealizado por Dom Bosco na Itália no final do século XIX, e que se mantém atual até os dias de hoje.

De acordo com Scaramuzza (1993, 1^a. parte, cap. III, p.4) Dom Bosco marcou presença na sociedade de seu tempo priorizando o trabalho com a juventude pobre, atuando na sua promoção. Dom Bosco tinha consciência clara da finalidade religiosa e social de sua ação pedagógica. Para ele a salvação não se limita exclusivamente à salvação da alma, é muito mais ampla, está vinculada à promoção social e cultural do jovem, que não se restringe ao simples assistencialismo, às necessidades materiais ou históricas de sobrevivência, trabalho, estudo, cultura, lazer, mas também abrange as necessidades psicológicas de aceitação, compreensão, afeto, alegria de viver, visa à realização total do jovem.

O sistema de Dom Bosco opunha-se ao sistema repressivo vigente em sua época que consistia em fazer os educandos conhecerem as normas, e depois vigiar para saber quem transgredia a fim de aplicar-lhe, quando necessário, o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior deveriam ser constantemente severos e, se necessário, ameaçadores, evitando toda a familiaridade com os educandos. Diferente e oposto o sistema Preventivo consistia em tornar conhecidas as normas de convivência, relacionamento e de conduta de uma instituição, e depois acompanhar os educandos de modo a estarem sob os olhares atentos dos educadores ou assistentes. Estes, como pais carinhosos, orientem, dêem conselhos e corrijam com bondade (BOSCO, 1983, p.11-12).

Lelo (1997b) esclarece que prevenir na prática educativa consiste em “dar o primeiro passo, procurar, ir ao encontro, ser acessível, disponível, acolher, inspirar confiança, encorajar; e também preceder como guia e, depois, acompanhar, aconselhar” (p.38).

No sistema preventivo ir ao encontro do jovem é a “primeira e fundamental urgência educativa” (SCARAMUZZA, 1993, 1ª. parte, cap.IV, 2ª. seção, p.27), é expressão de amor do educador pelos jovens, que se concretiza na convivência junto aos jovens e proporciona o clima de familiaridade, abertura, diálogo, amizade, confiança, respeito e valorização vivenciados nas instituições salesianas.

Prevenir em D. Bosco é uma arte,

a arte de educar positivamente, propondo o bem com experiências adequadas e envolventes, capazes de atrair por sua nobreza e beleza, a arte de fazer crescer os jovens em seu interior, apoiando-se sobre a liberdade pessoal, enfrentando os condicionamentos, os formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens para incentivá-los com alegria e satisfação para o bem, corrigindo os desvios e preparando-os para o futuro através de uma sólida formação do caráter (CONGREGAÇÃO SALESIANA, 1991, p.29).

A prevenção quer envolver o jovem, os seus mundos vitais e o sistema social num projeto, no qual ele, juntamente com os outros participantes, educadores, responsáveis e colegas, redefina o sentido das próprias ações e reconstruam um sistema de significados. Trata-se de um processo educacional participativo, pelo qual o jovem no relacionamento interpessoal consegue dar novo significado ao próprio comportamento, à própria compreensão da vida e aos próprios valores.

Educação na concepção salesiana tem como finalidade “despertar a capacidade de auto projeção e de auto realização do educando, para que assuma livre, autônoma e criativamente os valores objetivamente reconhecidos e procurados” (SCARAMUZZA, 1993, 1ª. parte, cap. IV, 2ª. seção, p.6).

Dom Bosco vivenciou o seu sistema preventivo como um amor que educa e que não exclui ninguém. A prática do sistema preventivo se apóia nas palavras de São Paulo aos Coríntios (Cor 13, 4-7): “O amor é paciente, é benigno, (...) tudo sofre, tudo crê, tudo espera, suporta” (BÍBLIA, 1999, p186).

Na educação vivenciada no sistema preventivo o amor é fundamental e deve permear toda a realidade do ser humano. Nesse sistema o amor expressa-se em três eixos fundamentais: razão,

religião e “amorevolezza” (afeição), os quais Scaramuzza (1993) especifica como:

- Razão: o eixo psicológico – refere-se aos processos de compreensão de si e do mundo (à tendência para a verdade, o bem, o belo, a busca pela segurança);
- Religião: o eixo espiritual-religioso – refere-se à busca e descoberta do sentido da vida, à abertura para o transcendente, para o Absoluto – Deus;
- Afeição: o eixo afetivo – refere-se à aceitação de si mesmo e à abertura de amor para os outros e para a vida, à alegria de viver (SCARAMUZZA, 1993, 1ª. parte, cap.IV, p.1).

3.2.1. Razão

O princípio da razão conforme Scaramuzza (1993, 1ª. parte, cap.IV, p.2) consiste dos processos de compreensão de si mesmo e do mundo e está relacionado ao desenvolvimento das capacidades de compreender, confortar, raciocinar, adaptar-se, inventar, escolher, decidir... Colabora na unificação da pessoa em todas as dimensões de sua vida e favorece uma abertura às outras pessoas, à natureza e a Deus. Pois, pelo desenvolvimento das potencialidades de compreensão a pessoa pode encontrar o sentido de sua existência e caminhar para a sua plena realização.

Dom Bosco reconhecia a capacidade de compreensão e de decisão do jovem. Sendo assim, o jovem era ajudado a compreender a razão das coisas e a assumir o papel de protagonista de sua formação, como agente e sujeito de seu próprio crescimento e do grupo. O jovem, dessa forma, deve acreditar no que faz e assumir com responsabilidade as exigências para o próprio crescimento pessoal e para a convivência em grupo.

Para Scaramuzza (1993, 1ª. parte, cap.IV p. 5) o princípio de razão, como uma dimensão da “amorevolezza”, possui características atuais, pois corresponde à exigência de autonomia, de participação, de autenticidade e de responsabilidade de nossa juventude.

3.2.2. Religião⁷

A maneira de compreender religião no sistema preventivo possui uma aproximação muito grande com o conceito de espiritualidade de Maturana e De Rezepka (1995), pois inserida na educação pretende formar a pessoa para o convívio social e para o seu destino transcendente.

Segundo Lelo (1997b) a religião, para Dom Bosco, é um elemento educativo fundamental para a educação integral e libertadora, pois ela “estabelece uma atitude filial para com Deus; apresenta a visão cristã da vida e do mundo e proporciona os princípios e meios para um sadio procedimento social” (p.37).

Religião no sistema preventivo não se limita à transmissão de doutrinas e normas, mas consiste também em falar da vida e do sentido que ela possa ter, de modo que todos compreendam e se empenhem em construir uma nova forma de ver o mundo, a si mesmo e aos outros, e respondam aos questionamentos interiores frente à própria existência. O sistema preventivo favorece, dessa maneira, uma interação e integração original de evangelização e promoção humana. Objetiva que o educando ao se realizar como pessoa, realiza-se diante de Deus, na sua abertura fundamental a Ele.

3.2.3. “Amorevolezza”

A “amorevolezza”, expressão do amor no sistema preventivo, é o sentimento de carinho expresso em atitudes, que faz com que educadores e educandos tornem-se membros de uma mesma família.

Dom Bosco em sua língua pátria utiliza a palavra “amorevolezza”, para designar o terceiro elemento característico de sua ação educativa, não podendo ser plenamente traduzida para a língua portuguesa, sem perder o seu significado e sentido que tinha para Dom Bosco. Podemos traduzi-la como carinho ou bondade, mas estes termos não abrangem a dimensão do termo “amorevolezza”. Para Braido (1964, p.156) o importante é compreender a abrangência de seu

⁷ Diferenciação de religiosidade e religião: Religiosidade é entendida “como a abertura, dentro das condições e possibilidades de cada um, àquilo que é percebido como fundamental à vida humana. Mais que submissão àquilo que outros determinam como bom, inclusive ao Divino, religiosidade é empenho pela vida e, deste modo, produção de sentido e de valores. Por “religião” se entende um sistema de crenças, atitudes e compromissos que um determinado grupo e cada um de seus membros assume, dentro de determinado espaço sócio-cultural, com base em valores considerados de ordem superior. Isto constitui uma estrutura capaz de dar sentido global à existência do grupo e de cada membro” (SCARAMUZZA, 1993, 1ª. parte, cap.IV, 2ª. seção, p.5).

significado “amor sobrenatural, ligado à racionalidade e compreensão humana, paterna e fraterna, transforma o relacionamento educativo em relacionamento filial, fraterno e o ambiente de educação numa família”.

A “amorevolezza” é caridade sobrenatural, no sentido das motivações religiosas da relação entre educadores e educandos, manifestada em pequenas atenções, respeito, dedicação afetuosa aos jovens, tem um sentido de dedicação e respeito para com o próprio Cristo representado e presente neles. E ao mesmo tempo significa o amor de Deus a desdobrar-se sobre eles, através do educador (SCARAMUZZA, 1993, 1ª parte, cap. IV, 3ª seção, p.2).

A “amorevolezza” significa demonstração gratuita de afeto sem impor condições e retribuições Expressa-se na presença afetuosa e contínua do educador junto ao educando, num clima de dedicação amorosa e de confiança, permitindo criar um ambiente familiar de convivência, onde crianças e adolescentes possam encontrar segurança e afeto.

A prática da “amorevolezza” vai ao encontro dos anseios profundos de afeto e familiaridade dos jovens, das necessidades de

acolhida e atenção pessoal; como oportunidade de afirmação de sua liberdade e criatividade, valorizando seu jeito jovem de ser, de se expressar, resgatando a alegria de viver intensamente; como experiência de comunicação mais profunda, seja pela atitude de empatia, de escuta, de amor desinteressado por parte do educador, seja pelas oportunidades de encontro e experiências de grupo que oferece (SCARAMUZZA, 1993, 1ª parte, cap. IV, 3ª seção, p.5).

Constatamos que para os jovens de nossa sociedade a “amorevolezza” torna-se relevante no momento em que aproxima as pessoas, elimina as barreiras de cargo e funções, estabelece uma relação pessoal diferenciada, permeada pela mútua confiança, respeito e valorização da pessoa; favorece o diálogo e o envolvimento com comprometimento e responsabilidade.

Todos os programas do Externato São João alicerçam-se “na relação de confiança entre o educador e o educando, na criação do clima de afeto, bondade e interesse por suas necessidades” (LELO, 1997, p.15).

Uma das mais vivas expressões da “amorevolezza” é a alegria, fruto da valorização do jovem e do espírito de família, “o jovem deve ser amado e respeitado na sua espontaneidade, na sua forma de vida, na vivacidade, na liberdade, na atividade lúdica” (SCARAMUZZA, 1993, 2ª parte, cap.I, p.3).

No sistema preventivo os momentos de descontração, nas recreações, são valorizados e constituem meios pedagógicos para que o educador possa conhecer melhor os jovens por meio da alegria e da espontaneidade expressadas por eles. São oportunidades privilegiadas para que o educador possa aproximar e falar-lhes pessoalmente, fortalecendo o vínculo de familiaridade, que se estabelece na presença constante e animadora do educador junto aos jovens.

3.2.4. Valorização das atividades físicas

D. Bosco priorizava as atividades físicas como meio educativo e de recreação, concebia-as como prática da natureza das crianças e dos jovens, justificou, porém com argumentos de valor vigentes em sua época:

conceda-se ampla liberdade de saltar, correr, gritar à vontade. A ginástica, a música, a declamação, o teatrinho, as excursões, são os meios eficacíssimos para alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde (BOSCO, 1983, p.15).

Os ambientes escolhidos e preparados na Casa de D. Bosco comprovam a ênfase que ele dava às atividades físicas:

os primeiros arranjos ou acomodações foram feitos no pátio de recreio e no teatro, e respondiam ao critério educativo. A amplitude dos locais, ricos de ar e de luz, pátios abundantes e pórticos espaçosos, para facilitar o recreio também durante o mau tempo, ilustravam o tipo de educação que D. Bosco preferia (SCARAMUZZA, 1984, p.52).

Neste sentido, ainda hoje, a valorização das atividades físicas pode ser constatada nas instituições salesianas, com seus pátios, campos e quadras arquitetados e construídos visando possibilitar diversas práticas físicas.

O Externato São João, adotando o sistema preventivo valoriza as atividades físicas, principalmente as provenientes da própria cultura de seus educandos. Os adolescentes realizam atividades físicas livres espontâneas todos os dias, jogam futsal, futebol, vôlei, basquete e jogos adaptados por eles mesmos, antes do início das aulas, no intervalo e no final do período.

3.3. Experiência na instituição: conhecendo seus adolescentes

Na instituição ofereci-me como educadora voluntária e, nos anos de 1997 e 1998,

desenvolvi programas de Educação Física. As aulas eram ministradas uma vez por semana, com duração de três horas e contava com a participação em média de noventa e cinco adolescentes de ambos os gêneros. Nessas aulas vivenciaram diversas atividades como gincanas, brincadeiras, esportes, Ginástica Geral e dança de rua.

Essa experiência, de dois anos, possibilitou-me conhecer mais especificamente os adolescentes atendidos pelo Externato São João. Eles possuem características próprias de sua idade, juntamente com problemas afetivo-sociais que vivem. Muitos eram estimulados a saírem de casa para conseguir dinheiro ou tinham que assumir responsabilidades domésticas.

Não foi fácil motivá-los a participar das atividades, as quais partiam de suas próprias experiências em direção ao novo, por alguns adolescentes não possuírem abertura para novidades, ao contrário, possuíam a tendência de não aceitarem naturalmente um convite de vivenciarem atividades novas, mesmo que essas lhes fornecessem prazer e alegria.

Essa característica fez com que eu mudasse minha conduta pedagógica. Em outras instituições ao propor uma atividade utilizava de argumentos que estimulavam os adolescentes a participarem. Os argumentos que normalmente funcionavam com outros adolescentes com os eles não surtiam efeito, principalmente, por que o ser “do contra” fazia parte das características de alguns líderes, que acabavam controlando a opinião dos adolescentes mais submissos. Sendo assim, agi de modo diferente, percebia quem estava mais acessível a participar e combinava com esses que participassem das atividades que eu estava propondo e após, então, eles jogariam o futsal e as adolescentes vôlei, atividades que gostavam e que realizavam diariamente. E, desse modo, consegui com que eles experimentassem o novo. Ocorria freqüentemente que acabavam se envolvendo mais tempo nas atividades sugeridas deixando apenas a parte final das aulas para o futebol e o vôlei. Mesmo os que eram “do contra” acabavam se envolvendo e diminuía a pressão sobre os demais.

Observei que eles gostam de se sentirem parte de um grupo. Entretanto, os trabalhos em grupo não foram fáceis, pois freqüentemente ocorriam desentendimentos devido alguns adolescentes quererem que suas opiniões prevalecessem sobre as demais, e quando isso não ocorria saíam do grupo, ou geravam desconforto dentro do mesmo. Havia outros que não participavam efetivamente das discussões, não davam opiniões deixando para os outros

decidirem.

A falta de objetividade durante as atividades e atitudes de apatia ou agressividade, por problemas pessoais, também foram observadas.

Outra constatação foi em relação à afetividade. Alguns achegavam-se a mim de tal modo que ficava claro que estavam pedindo atenção e carinho. Outros, a princípio, repudiavam qualquer forma de demonstração de afetividade, porém com o tempo acabam se aproximando. A demonstração de afeto mesmo que não seja aceita de imediato, cria um vínculo, um elo a ser confirmado durante a convivência.

Havia adolescentes que me sondavam, observando minhas atitudes, queriam que eu fosse sempre coerente e muito justa para com todos. Ficavam distantes e aproximavam apenas para questionar, principalmente quando eu agia de um modo diferente para com um e para com um outro adolescente. Nesse caso, era necessário explicar que, às vezes, precisamos ter atitudes diferenciadas, por serem eles próprios diferentes. Cada adolescente é único, mesmo que seus problemas e experiências de vida sejam parecidos. Sendo assim, para alguns era necessário a argumentação racional, para outros se fazia necessário a autoridade, para outros, ainda, um envolvimento mais afetivo.

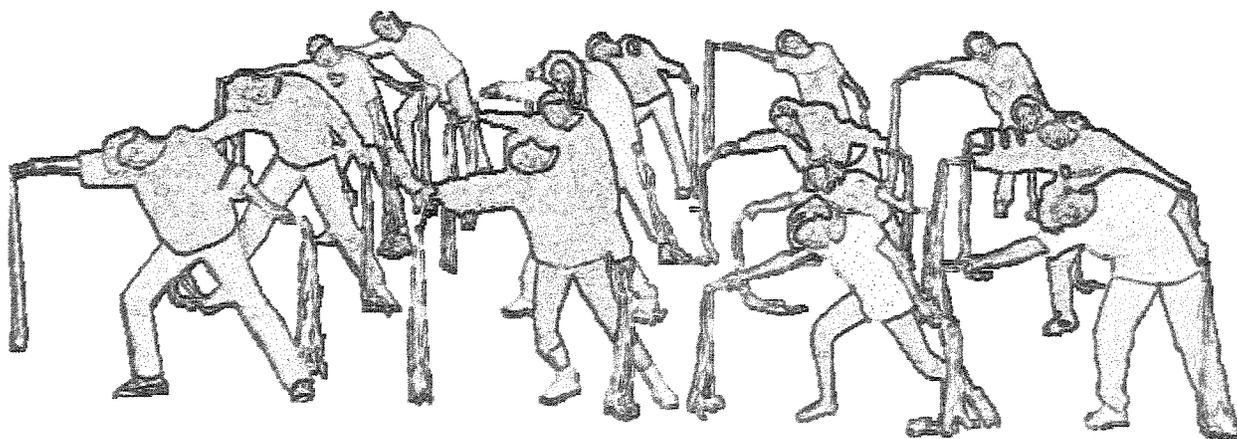
A experiência desses dois anos proporcionou-me aprender muito com esses adolescentes, tanto nos aspectos pessoais como pedagógicos. Aprendi como lidar com os mais sofridos e ao mesmo tempo com os mais rebeldes e a controlar a emoção frente à narração de suas dificuldades e sofrimentos.

Em relação a Ginástica Geral as adolescentes demonstraram grande interesse, reforçando ainda mais a vontade de vivenciar o projeto com as interessadas, o que de fato ocorreu em 1.999.

Durante a aplicação do projeto constatei a importância dos conhecimentos adquiridos nos anos anteriores, que contribuíram de diversas maneiras para o sucesso do desenvolvimento do projeto, fornecendo elementos para solucionar rapidamente as dificuldades surgidas e a compreender as adolescentes.

Capítulo 4: Convergências

*Um em nome da Ciência
Outro em nome de Deus
Ambos voltados para a Educação.
Que pode haver de convergente?
O Amor.*



O principal motivo de optarmos pelo Externato São João, para desenvolvermos o projeto, foi a identificação das convergências entre os princípios de formação humana e capacitação, que norteiam a proposta pedagógica do Grupo Ginástico Unicamp, e o sistema preventivo. Assim, nesse capítulo, analisamos as convergências entre os princípios e o sistema preventivo em três aspectos: quanto às diretrizes conceituais, aos objetivos educacionais e às competências necessárias aos educadores.

4.1. Convergências quanto às diretrizes conceituais

Constatamos que princípios de formação humana e capacitação e o sistema preventivo originam-se de áreas distintas, um na biologia e o outro na práxis religiosa, porém ambas concebem o educando como ser afetivo-social, e suas diretrizes apontam para a necessidade de acolher o jovem em sua legitimidade, de focalizar o trabalho educativo na pessoa do educando, em sua totalidade, e de fortalecer valores humanos de convivência. Como podemos constatar no quadro exposto a baixo:

DIRETRIZES CONCEITUAIS	
<p>Dos princípios de formação humana capacitação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A vida humana foi guiada pelas emoções e não pela razão. • A evolução humana é amorosa. • As emoções são dinâmicas corporais que determinam as ações. • É pelo amor que o outro surge como um ser legítimo. • Algumas das dificuldades de aprendizagem e de conduta de relacionamento do educando na sua vida escolar, não são de características intelectuais ou intrínsecas da personalidade, e sim surgem da negação do amor como espaço de convivência e são superadas restituindo esse espaço. 	<p>Do sistema preventivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pelo amor educa-se e não se exclui ninguém. • O princípio evangélico do amor é fundamental na educação e deve permear toda a realidade humana. • A religião estabelece uma atitude filial para com Deus. • A religião é elemento educativo fundamental para a educação integral e libertadora. • A religião apresenta a visão cristã da vida e do mundo, e proporciona os princípios e meios para um sadio relacionamento social.

- Não é o propósito da educação preparar cidadãos úteis e responsáveis, pois assim serão se crescerem no respeito por si mesmos e com consciência social, como resultado da integração da criança a comunidade durante o seu crescimento.
- A escola não deve ensinar elementos de valores humanos, há de vivenciá-los.
- Os educandos e os professores possuem tudo o que necessitam em termos humanos.
- Professores e educandos são inteligentes e capacitados em seu emocional, mesmo que distintos em suas preferências, curiosidades, hábitos, no fazer e no pensar, por terem tido experiências de vida diferentes.
- Todo processo educacional deve aceitar a legitimidade do ser do educando.
- Educandos e professores devem encontrar-se sem outras urgências além das preocupações próprias das atividades que vão realizar.
- As diferentes emoções têm diferentes efeitos sobre a inteligência.
- O mútuo respeito é fundamental por ampliar a inteligência e entrega ao educando a possibilidade de dar um significado próprio ao aprendizado.
- A ética da Biologia do Amor tem como fundamento o amor e compreende a responsabilidade pelas próprias ações, suas conseqüências sobre os outros, e faz visualizar o outro como um ser legítimo na convivência.
- Experiência espiritual amplia a consciência de filiação num âmbito mais abrangente da existência, que
- A religião possibilita que ao mesmo tempo em que o sujeito busca na atividade a própria realização como pessoa, realize-se diante de Deus, na sua abertura fundamental a Ele.
- A “amorevolezza” é caridade no sentido das motivações religiosas, é a relação entre educadores e educandos manifestada em pequenas atenções, respeito e dedicação afetuosa aos jovens.
- A “amorevolezza” faz com que educadores e educandos se tornem membros de uma mesma família.
- A prática da “amorevolezza” vai ao encontro dos anseios profundos de afeto e familiaridade dos jovens, e permite criar um ambiente familiar de convivência.
- A expressão da “amorevolezza” é a alegria, fruto da valorização do jovem e do espírito de família.
- A alegria e a espontaneidade dos jovens, manifestadas nos momentos de recreação, tornam-se um indicador que auxilia a conhecê-los melhor.
- A educação não visa a simples transmissão da cultura, criando pessoas conformadas e adaptadas, com vistas à reprodução social. Ao contrário, caracteriza-se pelo posicionamento seletivo e crítico diante da cultura, com vistas à liberdade e à transformação.
- A amabilidade salesiana aproxima as pessoas, elimina barreiras de cargo e funções, e estabelece uma relação diferenciada baseada em mútua confiança, respeito, responsabilidade e valorização da pessoa.

<p>se fundamenta no amor, possibilitando a abertura à legitimidade e à coexistência de tudo, e o interesse pelo outro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A ética e a espiritualidade caminham juntas. Em nossa cultura a razão, a ética e a experiência espiritual obscurecem nossas emoções e valorizam nossa conduta como se estivéssemos fora delas, gerando cegueiras frente ao outro e a nós mesmos, em nosso âmbito de filiação social e cósmica. • A capacitação adquire-se ao fazer e refletir sobre a ação. • A capacitação requer a criação de atividades que exercitem ações correlatas. • Os aspectos de formação humana e de capacitação correspondem às experiências do educando no âmbito familiar que o acolhe e o respeita. O ambiente educacional deve ser amoroso e não competitivo. • O ambiente escolar de formação humana e capacitação substitui o ambiente cotidiano do educando como membro de uma comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • O processo educativo utiliza e valoriza os conteúdos culturais transmitidos pela socialização, reassumindo-os e transformando-os criticamente num novo projeto de vida. • O sistema preventivo é um processo participativo, pelo qual o jovem no relacionamento interpessoal, consegue dar novo significado ao próprio comportamento, à própria compreensão da vida e aos próprios valores. • É no relacionamento com o outro que o jovem encontra o sentido de sua existência e caminha para a sua plena realização.
---	---

Quadro 1 – Diretrizes conceituais

Pelo quadro 1 podemos destacar que ambos reconhecem e valorizam a afetividade e o carinho, acreditam que é por meio dessa expressão de amor, para com o educando, que se processa a educação em vista de sua integração na sociedade. Há, por isto, a necessidade de o ambiente educativo realizar-se em clima amoroso matristico, que acolhe e proporciona vivências de valores humanos, no qual o jovem é reconhecido e valorizado em toda a sua integridade.

As experiências espirituais ampliam a consciência de filiação, num âmbito mais amplo da existência, e sensibilizam o educando em relação aos outros proporcionando um sadio relacionamento social.

4.2. Convergências quanto aos objetivos educacionais

Os objetivos educacionais dos princípios de formação humana e capacitação e do sistema preventivo visam o desenvolvimento integral do educando, instrumentalizando-o para viver em sociedade com auto-gestão, como podemos observar no quadro a seguir:

OBJETIVOS EDUCACIONAIS	
<p>Dos princípios de formação humana e capacitação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Permitir e facilitar o crescimento do jovem como ser humano sensível e amoroso. <p>Deseja que o jovem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Torne-se um ser humano, no qual todos podem confiar e respeitar. • Respeite a si mesmo e aos outros com valores de formação humana, consciência social e ecológica. • Desenvolva a confiança em suas próprias capacidades. • Seja socialmente responsável e livre. • Reflita sobre suas ações. • Seja capaz de ser co-criador com outros de um mundo de convivência. • Seja capaz de pensar tudo e fazer o que necessita como um ato responsável a partir de sua consciência social. • Seja consciente de que o mundo que vive surge com o seu viver. • Veja e corrija seus erros. • Coopere. • Tenha conduta ética. • Conscientize-se que sua individualidade, identidade e autoconfiança não se baseiam na oposição ou diferença em relação às outras pessoas. 	<p>Do sistema preventivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Favorecer uma interação e integração original de evangelização do jovem com promoção humana, social e cultural. <p>Deseja que o jovem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Através do conhecimento de suas potencialidades, seja aberto às outras pessoas, à natureza e a Deus. • Envolver-se num projeto de vida pessoal e comunitário, e juntamente com os outros sujeitos participantes redefine o sentido das próprias ações, reconstrua um sistema de significados e faça confrontos com outras concepções de vida. • Desperte a sua capacidade de autoprojeção e de auto-realização. • Pratique novos valores, assumidos livremente. • Aceite-se. • Conheça suas potencialidades. • Compreenda a si mesmo e ao mundo. • Seja confiante e otimista. • Seja responsável pelos seus atos. • Assuma livre, autônoma e criativamente os valores reconhecidos e procurados. • Desenvolva tendência para a verdade, o bem, o belo, pela segurança e participação. • Assuma com responsabilidade as exigências para o crescimento pessoal e para a convivência em grupo.

<ul style="list-style-type: none"> • Não busque sua identidade nas coisas fora de si. • Faça escolhas por si mesmo e não por pressões externas. • Seja responsável pelo que faz, porque o faz por si mesmo. • Não seja arrastado às drogas e ao crime. • Reflita sobre o seu agir com liberdade para alterá-lo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conheça o mundo e a vida, através do encontro significativo entre as pessoas. • Enfrente os condicionamentos e os formalismos exteriores. • Posicione-se de forma seletiva e crítica em relação às pressões externas. • Assuma o papel de protagonista de sua formação, como agente e sujeito de seu próprio crescimento. • Democratize as relações grupais, valorizando e aproveitando as contribuições de cada um, o diálogo e a crítica construtiva recíproca. • Seja atendido em suas necessidades de compreensão, afeto, realização total e materiais.
--	--

Quadro 2- Objetivos educacionais

Constatamos no quadro 2 que os princípios de formação humana e capacitação e o sistema preventivo focalizam seus objetivos na realização do educando como pessoa, por meio do desenvolvimento de valores humanos de convivência. Visam que o educando seja socialmente responsável e livre, reflita sobre suas ações, desenvolva a autonomia, posicione-se de forma seletiva e crítica em relação às pressões externas, conheça suas potencialidades, adquira confiança e compreenda a si mesmo e ao mundo.

4.3. Convergências quanto às competências necessárias dos educadores

A prática pedagógica dos princípios de formação humana e capacitação e do sistema preventivo requerem dos educadores conhecimentos e atitudes coerentes com suas diretrizes educacionais, sem os quais não é possível atingir os objetivos esperados.

COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS DOS EDUCADORES	
<p>Nos princípios de formação humana e capacitação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aceite a legitimidade do educando em sua totalidade. 	<p>No sistema preventivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aceite o educando como ele é, na vitalidade natural de seu desenvolvimento, expresso em todo seu dinamismo, criatividade e expansividade.

<ul style="list-style-type: none"> • Acolha o educando em sua originalidade, aceitando-o e relacionando-se com ele a partir das diferentes experiências vividas. • Focalize suas ações na formação humana e não técnica do educando. • Tenha consciência que a sua maneira de ser influencia o educando. • Tenha competência para tratar as temáticas que ensina respeitando a maturidade do educando. • Crie espaços de ações onde sejam exercitadas as habilidades que se deseja desenvolver. • Ensine a partir do prazer que a liberdade criativa proporciona. • Ensine valores humanos e de espiritualidade de maneira explícita quando a educação não se efetivar na Biologia do Amor, ou quando os valores de formação humana se fizerem ausentes da convivência. • Crie condições para que o jovem amplie sua capacidade de ação e reflexão no mundo em que vive. • Corrija e avalie somente o fazer e não o ser dos educandos. • Proponha atividades de maneira não competitiva. • Valorize o conhecimento que o jovem possui ao entrar na escola e inicie o trabalho a partir desse conhecimento. • Não vise unicamente o resultado da aprendizagem. • Tenha consciência que só contribuirá para a capacitação de seus educandos se viver em coerência com a sua própria capacidade de fazer. • Viva o espaço de convivência como um espaço amoroso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Torne conhecidas as normas de convivência e de relacionamento. • Reconheça a capacidade de compreensão e de decisão do educando. • Crie um clima de afeto, bondade e de interesse pelas necessidades dos educandos. • Crie vínculo de familiaridade, orientando e corrigindo com bondade. • Seja presença constante e animadora junto ao educando, num clima de dedicação amorosa e de confiança. • Acompanhe o crescimento do educando e do grupo. • Vá ao encontro, sendo acessível e disponível. • Acolha, inspire confiança e encoraje. • Demonstre e expresse a afetividade, sem impor condições e nem exigência de retribuição. • Proponha o bem com vivências adequadas e envolventes. • Proporcione experiências tão significativas que possibilitem aos educandos se posicionarem de forma seletiva e crítica diante dos condicionamentos da cultura. • Utilize e valorize os conteúdos culturais transmitidos pela socialização, transformando-os criticamente num novo projeto de vida.
---	---

Quadro 3 – Competências necessárias dos educadores

Constatamos pelo quadro 3 que os princípios de formação humana e capacitação e o sistema preventivo requerem de seus educadores que estejam abertos a aceitarem e acolherem os educandos em sua totalidade, com suas características e diferenças individuais, propiciem um clima afetivo de convivência e diálogo, criem condições e estratégias que conduza os educandos a ampliarem suas capacidades de ações, compreensão, decisão e reflexão, utilizem e valorizem o conhecimento que eles já possuem, reconheçam a capacidade de compreensão e de decisão dos educandos e corrijam quando necessário a ação e não o ser do educando, propondo o bem com vivências adequadas e envolventes.

Assim, ao compararmos os princípios de formação humana e capacitação e o sistema preventivo de Dom Bosco, constatamos algumas convergências importantes. Como exemplos podemos citar: a valorização da pessoa do educando, o reconhecimento e o respeito pelas diferenças individuais no processo educativo, o desejo de que o educando desenvolva suas potencialidades e valores humanos de convivência, como o respeito por si mesmo e pelos outros, aja por si mesmo com responsabilidade e não por pressões externas, seja criativo para resolver os problemas, aflore a sensibilidade, expresse sentimento de carinho e tenha conscientização ecológica. Acreditam na necessidade de a educação processar-se num clima de mútuo respeito e diálogo. Reconhecem a importância de um ambiente familiar de afetividade, acolhida, segurança, socialização e orientação para o pleno desenvolvimento do educando, e destacam a responsabilidade do educador no processo educacional.

Todos estes aspectos são significativos para a educação de qualquer jovem em nossa sociedade contemporânea, porém, adquirem maior relevância quando relacionados com adolescentes em situação de risco, pois se encontram mais vulneráveis às pressões externas. E muitos, porque passaram por vários problemas familiares, não tiveram oportunidade de viverem num ambiente de carinho, que os acolhessem e os respeitassem.

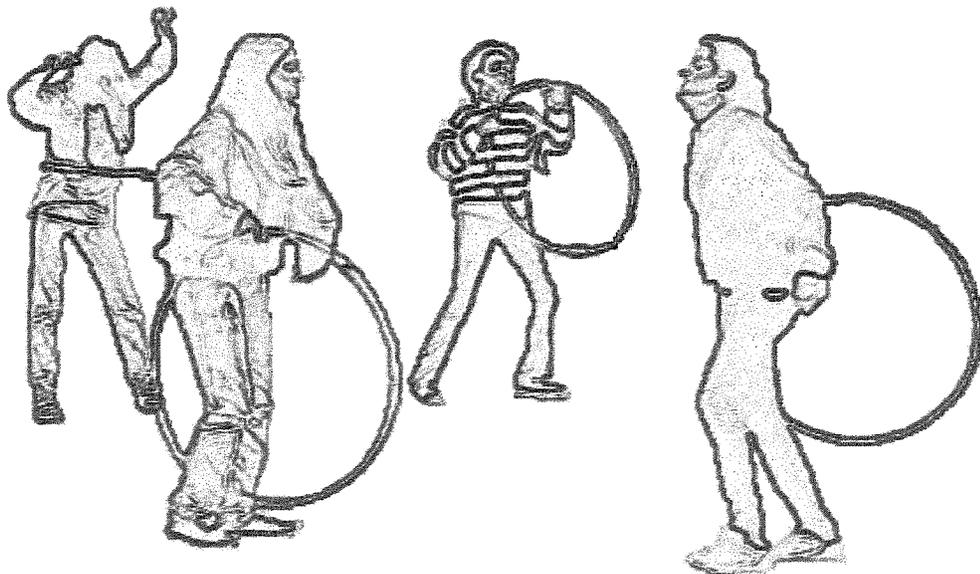
Os princípios educacionais da Biologia do Amor e o sistema preventivo que se fundamentam em pilares distintos, um na biologia e o outro na práxis religiosa, acabam mostrando-se alicerçados no mesmo pilar: o amor. O primeiro, que emerge da teoria da Biologia da Cognição, em última instância, concebe que só somos seres humanos por sermos seres sociais e amorosos, e propõe desenvolver no educando valores humanos de convivência. O sistema

preventivo, por sua vez, brotou de um ser humano social e amoroso, Dom Bosco, num determinado momento histórico, concebe os seres humanos como filhos de Deus. Alicerça-se na religião e motiva-se pelo amor a Deus e ao próximo. Busca desenvolver no educando valores para que viva em sociedade com total integridade.

As duas propostas alicerçam-se na dimensão social do ser humano de conviver com os outros e de estar aberto ao próximo. Acreditam na necessidade do ser humano de ser respeitado, valorizado, acolhido e amado em sua legitimidade, para que possa desenvolver-se plena e integralmente. Assim, nesse âmbito, as questões de ordem conflitantes e distintas que possam existir entre a biologia e a religião acabam ficando suspensas, submersas pela de ordem essencial: o Amor.

Capítulo 5: Desvelando Significados

Desvelar:
Está diante dos olhos e não se
Vê.
Requer olhar dedicado e
Atencioso para se revelar.



Tendo em vista as características da Ginástica Geral, a sua proposta pedagógica pelo Grupo Ginástico Unicamp norteadas pelos princípios de formação humana e capacitação, com suas aproximações com o sistema preventivo e a valorização das atividades físicas por esse sistema, considero-a uma atividade potencialmente favorecida para ser trabalhada com adolescentes em situação de risco nas instituições salesianas de proteção à criança e ao adolescente. Quais serão, porém, os significados dessa prática para as adolescentes?

Cabe-nos pesquisar.

5.1. Objetivos da pesquisa

Em 1999, foi desenvolvida a pesquisa com os seguintes objetivos:

- Oferecer um programa de vivência de Ginástica Geral na proposta do Grupo Ginástico Unicamp às adolescentes do Externato São João.
- Identificar e analisar os significados dessa vivência para as adolescentes participantes por meio de pesquisa qualitativa.

5.2. Universo da pesquisa

O universo da pesquisa foi constituído de dezenove alunas do Externato São João – Campinas- SP, com faixa etária entre 11 e 18 anos, provenientes de diversos bairros da periferia dessa cidade, a maioria desprovida de condições mínimas de saúde, higiene, moradia, lazer e instrução escolar, as quais participaram voluntariamente, em 1999, do programa de Ginástica Geral.

5.3. Programa de Ginástica Geral

O programa teve a duração de oito meses, com sessões semanais de uma hora e meia, às sextas-feiras, totalizando 30 sessões, sendo que as últimas sete, foram ensaios para a apresentação final, e ocorreram em horários alternativos.

Apesar da abrangência de conteúdos que compõem a Ginástica Geral na proposta do Grupo Ginástico Unicamp, no programa, que se encontra na íntegra no apêndice B, foi feita uma seleção

dos conteúdos, considerando a periodicidade e duração do programa, o interesse das adolescentes, a estrutura física e os materiais disponíveis.

O programa demonstra, dessa maneira, a versatilidade, adaptação e adequação da proposta do Grupo em relação aos interesses dos praticantes e aos meios disponíveis, e, também, que essa proposta viabiliza a prática da Ginástica Geral nos mais diferentes ambientes.

5.4. Coleta de dados

Para a coleta de dados utilizamos de:

- Entrevistas não-estruturadas da modalidade focalizada;
- Observações assistemáticas;
- Registros áudio-visuais: filmagens e fotografias;
- Diário de campo.

Entrevistas não-estruturadas da modalidade focalizada

Nas entrevistas não-estruturadas o “entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em cada direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.197).

Uma das modalidades da entrevista não-estruturada é a entrevista focalizada. Nela é permitido ao entrevistador, a partir de um roteiro de tópicos, fazer as perguntas que julgar necessárias para o esclarecimento do tema em estudo (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.197). Elegemos essa modalidade de entrevista por suas características.

As entrevistas foram realizadas com as adolescentes participantes, após a vivência do programa. E tiveram como questão geradora: “Qual o significado das aulas de Ginástica Geral para você?”.

O roteiro das entrevistas encontra-se no apêndice A.

Observações assistemáticas

As observações assistemáticas foram realizadas durante todo o programa, sendo registradas no diário de campo.

Esse tipo de observação é também denominada não estruturada, espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional ou acidental, permite recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.192-193).

5.5. Metodologia da análise

A análise de dados das entrevistas foi feita de acordo com a “análise de conteúdo”, entendida por Bardin (1977, p.42) como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise de conteúdo organiza-se em três fases:

- a) Pré-análise;
- b) Exploração do material juntamente com o tratamento dos resultados;
- c) Inferência e a interpretação (BARDIN, 1977, p.95).

a) Pré-análise

A pré-análise é a fase da organização, momento de intuição, com objetivo de operacionalizar e sistematizar as idéias iniciais, a fim de estruturar um esquema das operações seguintes, num plano de análise (BARDIN, 1977, p.95).

b) Exploração do material juntamente com o tratamento dos resultados

A exploração do material é fase da execução sistemática das decisões tomadas (BARDIN, 1977, p.101). E o tratamento dos resultados consiste na codificação e categorização do material.

A **codificação** é a transformação sistemática dos dados brutos em **unidades**, por meio de recorte, agregação e enumeração, com o objetivo de chegar a uma descrição exata do conteúdo que esclareça sobre as características do texto.

As unidades são distinguidas em:

- **Unidade de registro**, que é a unidade de significação a ser codificada, ou seja, o segmento de conteúdo a ser considerado como unidade base, visando a categorização.

Como unidade pode-se utilizar a palavra, o tema, o objeto, o personagem, o acontecimento ou o documento, de acordo com o material a ser analisado e o objetivo da análise (BARDIN, 1977, p.104).

- **Unidade de contexto**, que serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem. Sendo sua dimensão maior que a da unidade de registro, colabora para a compreensão da unidade de registro. Pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema (BARDIN, 1977, p.107).

A **categorização** é uma técnica de classificação das unidades por diferenciação e a seguir por reagrupamento em categorias, de acordo com o gênero, por analogia e seguindo critérios pré-definidos (BARDIN, 1977, p.117). Essa classificação requer uma investigação do que cada uma das unidades tem em comum.

As categorias são as classes que reúnem as unidades de registro, sob um título genérico.

A categorização pode processar-se de duas formas. Em uma é fornecida a lista das categorias, em que serão inseridas as unidades. E, na outra, as categorias são resultado da classificação analógica e progressiva das unidades e os títulos das categorias são definidos após a finalização da categorização, de acordo com as características comuns das unidades, ou seja, dos conteúdos e sentidos das unidades (BARDIN, 1977, p.119).

5.5.1. Codificação

Seguindo a “a análise de conteúdos” de Bardin (1997) fizemos a codificação, por meio do levantamento das unidades de registro. Ou seja, a partir das respostas dadas pelas adolescentes nas entrevistas identificamos e extraímos os trechos que possuíam relação com a pergunta geradora. Obtivemos, desse modo, as seguintes **unidades de registro**:

Entrevista 1

1. Depois gostei de tudo, vi que era bom e gostei mais ainda.
2. Eu aprendi a gostar das meninas. Fiz amizade com todo mundo.
3. Gostei por terem gostado de mim. Não tenho mais vergonha, mesmo quando eu erro.
4. As atividades são variadas.
5. Pude conhecer-me melhor.

6. Aprendi a manter-me dentro de um grupo, como me portar com os outros, como agir, como conversar. Aprendi a socializar-me.

Entrevista 2

7. Perdi o medo de errar.
8. É bom participar de uma coisa nova.
9. Aprendi coisas novas.
10. É trabalho de arte.
11. É muito bom porque a gente se desenvolve, desenvolve o corpo e educa.
12. Fiz amizades.
13. As pessoas foram superlegais, conversam com a gente, estão com a gente para o que der e vier, ajudando.
14. Gostei da maneira como a professora educa, ensina a falar, a comportar e como corrige os erros.
15. Quando a aula acabava, sentia saudades, dava vontade de voltar. Não queria que essas aulas acabassem, porque são muito boas e eu gosto.

Entrevista 3

16. Aprendi a comportar-me, a controlar-me, melhorei minhas atitudes, estou participando. Estou tendo um bom relacionamento com a turma.
17. No grupo estou alegre, antes eu era tímida.
18. Aprendi movimentos. Aprendi a me soltar, por isto estou mais alegre.
19. Gosto dos movimentos. Eu os acho muito bonitos.
20. Ensaiar na minha casa ou na casa da “Fulana”, até chegar 6^a, quando aprendia outros passos e ensaiava novamente.
21. Eu ficava muito alegre quando chegava o dia, ficava esperando a semana passar pra chegar 6^a feira e não gostava de faltar.

Entrevista 4

22. Eu gostei muito. Sentia-me muito bem. É felicidade. É fazer alguma coisa, feliz na vida. É divertido, dá mais animação, dá mais alegria. É algo bom para fazer na semana. Quando estou triste as aulas animam-me. Muitas coisas das aulas são boas. Gostei muito das atividades. Pelos movimentos bons. Aprendi muitos elementos da dança. É muito bom dançar com as outras meninas.
23. Aprende muitas coisas importantes para vida.
24. É bom pelo relacionamento com as outras.
25. Aguardo ansiosamente a apresentação chegar.
26. A professora que ajuda a gente, que conversa.
27. É bom quando todas as meninas conversam juntas sobre algo muito importante.

Entrevista 5

28. É distração. É alegria.
29. Desenvolve-se mais.
30. Não fico parada.

Entrevista 6

31. Ser feliz. Gostei de dançar.
32. Aprendi a dar-me valor e ter mais confiança em mim mesma.
33. Fiz mais amizades. Aprendi a valorizar os amigos que se tem. Confiar nos amigos. Não falar mal dos amigos. Dar força e conselho para os amigos. Gostei por causa das amigas, eu nunca fui de ter muitas amizades com muitas pessoas. Representou muita coisa na minha vida, pois eu era uma menina que só vivia triste num canto, eu não gostava de ter muitas amizades.
34. Um dia posso ser artista.
35. É o sonho de apresentar para outras pessoas. Quero muito apresentar com as meninas.
36. Realizar o sonho de outras meninas, porque muitas meninas querem dançar e não tem a oportunidade.
37. Tive medo de não conseguir, mas fui em frente.

Entrevista 7

38. Agora eu mudei com elas, e elas mudaram comigo. Enturmei e fiz novas amizades.
39. Dava prazer. Eu gostava das aulas e de quando você vinha. Se não houvesse essas aulas a 6^a feira seria um dia qualquer, mas com essas aulas eu tenho outra expectativa, sem as aulas não seria assim. Tudo de bom que se possa imaginar eu sinto, quando eu estou fazendo essas aulas.
40. É gostoso, pois se aprende a dançar. Aprender coisas novas. Antes eu tinha apenas as danças que a gente aprende da televisão, mas agora eu gosto das que você ensina.
41. As aulas são diferentes.
42. No ano que vem nós teremos meninas novas. Nós podemos inventar coreografias novas. Vai ser melhor ainda.
43. Podemos mostrar a cara do Externato com as apresentações.

Entrevista 8

44. Gostei de tudo, desde o tempo em que eu entrei aqui. Eu gostei muito das aulas.
45. Aprendi muita coisa. Por aprender mais movimentos, danças e várias coisas legais.
46. Gosto pelas coisas que a gente faz, que é super diferente do que a gente está acostumada a fazer todos os dias.
47. Perante as dificuldades ficava treinando na minha casa para aprender, para fazer certo aqui.
48. Aprendi a gostar das meninas.
49. Gosto de passar mais tempo com a educadora.
50. Gosto pelo relacionamento com as outras meninas.
51. Eu posso ser uma professora, uma forma de ganhar dinheiro, se eu seguir a carreira de dança, de professora de Educação Física.
52. No futuro posso ajudar muitas outras pessoas.

Entrevista 9

53. A participação das outras me motivou a participar.
54. Aprendi a fazer novas amizades.
55. Aprendi a não implicar com aquela que não sabe e ajudar aquelas que não sabem,

para todo mundo fazer certo.

56. Serviu para respeitar mais as minhas amigas.
57. Tenho sentimento de alegria. A 6^a. feira é legal por causa dessas aulas. Eu fico ansiosa para chegar logo a aula. As aulas foram muito boas.
58. É muito bom aprender coisas novas. É bom aprender um pouco de outras dança e ginástica.
59. Aprender mais coisas do que ficar na rua, ou ficar em qualquer outro lugar.

Entrevista 10

60. Eu aprendi muitas coisas, muitos movimentos.
61. Antes eu ficava só brincando assim na rua, não levava nada a sério, igual quando eu entrei no Externato.
62. Aprendi a respeitar as minhas colegas e elas a mim.
63. Porque eu desenvolvo mais, o meu corpo desenvolve mais, fico mais forte, eu me sinto mais forte.
64. Conheço o meu corpo.
65. Gostei muito das aulas. Queria que a aula chegasse logo. Essas aulas parecem representar a paz, pois quando eu estou fazendo a aula eu me sinto mais em paz. Quando vai ter apresentação eu fico muito nervosa, mas quando eu começo eu sinto aquela paz, sabe? É muito gostoso.
66. Eu e as colegas sentíamos saudades de você.

Entrevista 11

67. Oportunidade para aprender, o que talvez nunca tinha pensado que ia aprender.
68. Eu acho muito importantes essas aulas. As aulas são importantes porque são divertidas. É muito legal.
69. É algo bonito que a gente pode aprender. Os tipos de dança são assim bonitas, legais, chama a atenção da gente.
70. É diferente das outras aulas de Educação Física da escola, porque lá só tem bola.
71. Posso ter uma profissão, posso ser uma professora de Educação Física.

Entrevista 12

72. Aprendi várias coisas. Eu tive muita oportunidade de aprender.
73. É diferente da Educação Física da escola.
74. É bem gostoso. Eu gostei muito.
75. É muito importante para gente.
76. Chama bastante atenção.
77. É melhor do que ela ficar na rua, fazendo outras coisas que não se deve.

Entrevista 13

78. Foi bom. Eu gostei de tudo. Gostei dos movimentos. Algo que eu desejava. Eu me sinto bem fazendo. Eu queria que as aulas pudessem ser até mais tarde.
79. Eu me sinto melhor aqui do que em casa.
80. Eu aprendi tanta coisa!

81. Desenvolvo o meu corpo. Eu tinha dores nas costas, eu não podia andar muito, subir subida cansava. Agora não.
82. Pela conversa, sentia-me bem conversando com as minhas colegas, ouvindo o que a senhora ia falar.
83. Aprendi a falar com as pessoas.
84. Evita estar fazendo algo que não serve para gente.
85. Aprender para mais tarde poder ensinar, e assim ajudar outras pessoas.

Entrevista 14

86. É super legal. Esqueço dos problemas. Mexe muito com seu astral. Participar com alegria de estar dançando, se mexendo.
87. Eu colaborava e elas colaboravam comigo. Conto com a sua ajuda e você conta com a nossa.
88. Aprendi muitas coisas, com você e com as meninas. É bom estar aprendendo, fazendo a atividade.
89. É algo que mexe com a gente, com a criatividade, com a cabeça, que põe a gente em dia. Mexe com o seu corpo, com a sua cabeça principalmente. Estimula a criatividade.
90. Gostei bastante por ter uma educadora que dá educação.
91. Aprendi a levar a sério.
92. Eu nunca teria tido uma oportunidade como essa na vida.
93. Ensinarão-me o que é dedicação, o que é ajudar.
94. O que eu estou aprendendo eu posso ensinar para as pessoas de casa.
95. Conversamos bastante.
96. Está sendo valorizada, porque como eu sou valorizada aqui, eu não fui nas escolas.
97. Estar aqui com vocês fazendo esse trabalho maravilhoso.

Entrevista 15

98. Não estou mais criticando as outras meninas como eu criticava antes. Estou entendendo-as melhor.
99. Agora a gente está mais unida do que era antes. Há união e colaboração.
100. Transmite uma coisa bonita.
101. Porque o que eu estou aprendendo eu posso proporcionar para outras pessoas no futuro.
102. Eu gostei bastante da dança do Guarani, acho muito bonita e aprendi história.
103. Oportunidade igual essa do Externato vai ser difícil encontrar outra. Oportunidade não só para mim, mas pelas outras pessoas que virão aprender o que eu aprendi. Sair das ruas. É oportunidade de aprender algo que me ajude no futuro.
104. O meu interesse aumentou, às vezes eu ensaio.
105. É diferente das danças “axé”, você não faz por fazer.
106. Mexe com o corpo, mexe com a mente.
107. Foi bom. Eu gostei de tudo. Gostei dos movimentos. Algo que eu desejava. Eu me sinto bem fazendo. Eu queria que as aulas pudessem ser até mais tarde.

Entrevista 16

108. É algo bom que eu gosto de fazer. Oportunidade de sair da sala de aula. Fazer algo diferente das outras aulas.

109. É bom pelo conjunto.

110. Aprendi a movimentar mais o meu corpo.

111. O movimento evita o envelhecimento rápido.

112. Aprendi a pensar melhor.

113. Preocupo-me com a apresentação. É uma sensação ótima mostrar para os outros. A apresentação me dá força de vontade para fazer, pois eu quero que saia bem bonito.

114. Na 6ª feira faço de tudo pra não faltar nesse dia, para participar e pela responsabilidade para com minha parceira.

115. Gostei da sua coordenação, das conversas, do seu jeito de dar aula.

Entrevista 17

116. Aprendi sobre corpo humano.

117. Aprendo mais sobre meu corpo e sobre mim. É muito importante para o meu corpo e para mim também.

118. Aprendi também a respeitar os outros.

119. Aprendi a soltar-me nos movimentos.

120. Gostei de ter participado de tudo. É legal participar. Gosto quando todas participam. Eu gostei da convivência do grupo.

121. Eu gosto, é bom pra mim. Muitas vezes eu cansava, mas é aquele cansaço legal, gostoso de sentir.

122. Eu tenho vergonha de apresentar, mas gosto de apresentar se for lá no fundo, pois pode ser que no futuro essa vergonha acabe, e então eu já vou estar sabendo mais um pouco.

123. Posso ensinar outras pessoas, ou ficar para mim mesma.

124. Oportunidade para que outras pessoas aprendam também.

Entrevista 18

125. Muito alegre pela oportunidade de aprender. Feliz porque eu estava aprendendo coisas novas. Aprendi passos que eu não sabia, consegui fazer uns bem difíceis.

126. Que tinha vergonha de fazer.

127. Aprendi a não ter raiva de ninguém, a não discriminar os outros pelos seus erros, a ter paciência com quem erra. Aprendi a ser mais amiga das meninas.

128. É bom, por sair da sala de aula, ficar ao ar livre, não ficar só sentada. Era muito diferente das outras aulas.

129. Quero ser bailarina, essas aulas já são o começo, preparação para algum teste futuro.

Entrevista 19

130. Aprendi a ser colega. Aprendi a ser compreensiva, porque antes eu era muito agressiva.

131. Gostei por ter diálogo com as pessoas.

132. As aulas proporcionaram oportunidade de ter amigas, antes eu não tinha, não conversava com ninguém.

133. Ensinou a gente a ser educada.
 134. Aprendi a dançar com as meninas. O corpo não fica duro, fica mais livre.
 135. União, paz. Eu gostei muito de estar participando, de participar com a senhora.
 Realização do sonho de participar com o grupo.
 136. Pela professora, que conversa, tem carinho. Poder divertir-me conversando com ela.
 137. Chance de estar apresentando.
 138. Compartilho os meus sentimentos.
 139. É muito legal, muito gostoso. Oportunidade de sair da sala de aula. Quando estou um pouco triste, eu começo a me alegrar, eleva o astral.

5.5.2 Categorização

Na categorização, procedemos da seguinte maneira: identificamos as características comuns das unidades de registro, classificamos essas unidades, de acordo com as características identificadas. E, após analisarmos as características comuns das unidades de registros inseridas em cada uma das categorias, intitulamo-las.

O quadro 4 apresenta as categorias obtidas, a partir das unidades de registro enumeradas.

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO
1. Desenvolvimento individual	3, 5, 17, 29, 32, 37, 47, 110, 117, 122, 126.
2. Desenvolvimento corporal	11, 30, 63, 64, 81, 106, 110, 111, 117, 134.
3. Desenvolvimento cognitivo	89, 106, 112.
4. Ampliação de conhecimentos	4, 8, 9, 11, 14, 16, 18, 23, 40, 45, 58, 60, 67, 69, 72, 75, 80, 88, 90, 102, 105, 110, 116, 117, 119, 125, 127, 134.
5. Expectativa de um futuro melhor	24, 34, 36, 42, 49, 51, 59, 61, 71, 77, 84, 92, 103, 129.
6. Diversidade de conteúdos	4, 41, 46, 70, 73, 108, 128.
7. Prazer	1, 15, 17, 20, 21, 22, 28, 31, 39, 44, 57, 65, 68, 74, 78, 86, 97, 107, 108, 121, 139.
8. Apreciação estética da Ginástica	10, 19, 69, 76, 97, 100, 102.
9. Oportunidade de apresentar-se em público	25, 35, 43, 96, 113, 122, 137.

10. Ambiente acolhedor	3, 7, 13, 16, 17, 24, 27, 48, 49, 50, 53, 65, 66, 79, 82, 86, 87, 93, 97, 99, 109, 114, 120, 135, 136, 138.
11. Ampliação e atitudes de amizade	2, 12, 33, 38, 54, 127, 132.
12. Presença de diálogo	6, 13, 26, 27, 82, 95, 115, 131, 136.
13. Sociabilização	6, 11, 16, 20, 38, 47, 48, 55, 56, 61, 62, 83, 91, 93, 98, 104, 114.
14. Solidariedade	52, 85, 94, 101, 123.
15. Atitudes pedagógicas positivas	14, 26, 49, 66, 90, 115, 136.

Quadro 4 – Categorias

5.5.3. Síntese das unidades de registro por categoria

A síntese das unidades de registro por categoria contribui para uma melhor compreensão e delimitação de cada categoria, e fornece informações da essência das unidades de registro.

1. Desenvolvimento individual

Síntese das seguintes unidades de registro: 3, 5, 17, 29, 32, 37, 47, 110, 117, 122, 126.

As adolescentes referem-se à importância das atividades, como oportunidade de autovalorização, autoconhecimento, auto-superação, adquirirem mais confiança em si mesmas, e expectativa de superação de timidez, vergonha e medo de errar.

2. Desenvolvimento corporal

Síntese das seguintes unidades de registro: 11, 30, 63, 64, 81, 106, 110, 111, 117, 134.

A vivência proporciona consciência corporal, desenvolvimento do corpo e melhoria da condição física.

3. Desenvolvimento cognitivo

Síntese das seguintes unidades de registro: 89, 106, 112.

A vivência facilita o desenvolvimento do raciocínio e estimula a criatividade.

4. Ampliação de conhecimentos

Síntese das seguintes unidades de registro: 6, 8, 9, 11, 14, 16, 18, 23, 40, 45, 58, 60, 67, 69, 72, 75, 80, 88, 90, 102, 105, 110, 116, 117, 119, 125, 127, 134.

Destacam a importância da vivência como oportunidade de educarem-se e de aprenderem temas variados sobre si mesmas, o corpo humano, socialização e de movimentos.

5. Expectativa de um futuro melhor

Síntese das seguintes unidades de registro: 34, 36, 42, 51, 59, 61, 71, 77, 84, 92, 103, 124, 129.

Enfatizam a importância da oportunidade recebida e que essa deveria ser estendida a outras adolescentes. Consideram-na significativa por propiciar fazerem algo de bom, saírem das ruas, realizarem sonhos, gerando uma expectativa de um futuro melhor, e o desejo de profissionalizarem-se.

6. Diversidades de conteúdos

Síntese das seguintes unidades de registro: 4, 41, 46, 70, 73, 108, 128.

As atividades são variadas e diferentes das que estão acostumadas a fazer nas aulas de Educação Física na escola.

7. Prazer

Síntese das seguintes unidades de registro: 1, 15, 17, 20, 21, 22, 28, 31, 39, 57, 65, 68, 74, 78, 86, 97, 107, 108, 121, 139.

As aulas proporcionam-lhes sensações de prazer, o que as incentiva a participarem.

8. Apreciação estética da Ginástica

Síntese das seguintes unidades de registro: 10, 19, 69, 76, 97, 100, 102.

Consideram a Ginástica Geral esteticamente bonita, associando-a à arte e à beleza.

9. Oportunidade de apresentar-se em público

Síntese das seguintes unidades de registro: 25, 35, 43, 96, 113, 122, 137.

Sentem satisfação e desejam muito apresentar suas conquistas ao público, o que as motiva a esforçarem-se para que tudo corra bem na apresentação e a superarem as dificuldades.

10. Ambiente acolhedor

Síntese das seguintes unidades de registro: 3, 7, 13, 16, 17, 24, 27, 48, 49, 50, 53, 65, 66, 79, 82, 86, 87, 93, 97, 99, 109, 114, 120, 135, 136, 138.

Destacam como significativo o ambiente de convivência acolhedor, agradável e divertido, em que há carinho, conversa, bom relacionamento, participação, confiança, tranqüilidade, colaboração, união e paz, em que transcorrem as aulas, levando-as a esquecerem dos problemas e compartilharem os sentimentos. Expressam a satisfação de ser parte do grupo, sem medo de serem rejeitadas e de receberem críticas negativas.

11. Ampliação e atitudes de amizade

Síntese das seguintes unidades de registro: 2, 12, 33, 38, 54, 127, 132.

A vivência proporciona aprender a fazer amizades, manterem-nas e valorizá-las.

12. Presença de diálogo

Síntese das seguintes unidades de registro: 6, 13, 26, 27, 82, 83, 95, 115, 131, 136.

Consideram significativa a presença de diálogo, que possibilita sentirem-se bem e divertirem-se conversando entre elas e com a educadora.

13. Sociabilização

Síntese das seguintes unidades de registro: 6, 11, 16, 20, 38, 47, 48, 55, 56, 61, 62, 83, 91, 93, 98, 104, 114.

A vivência contribui para o desenvolvimento de atitudes adequadas de convívio social, tais como responsabilidade, comprometimento para com o grupo e de respeito mútuo.

14. **Solidariedade**

Síntese das seguintes unidades de registro: 52, 85, 94, 101, 123.

Expressam o desejo de compartilhar com outras adolescentes a oportunidade recebida.

15. **Atitudes pedagógicas positivas**

Síntese das seguintes unidades de registro: 14, 26, 49, 66, 90, 115, 136.

Expressam a aceitação das atitudes pedagógicas e afetivas da educadora.

5.5.4. **Análise e interpretação dos dados**

A organização das categorias viabilizou a elaboração de um panorama mais claro dos significados da vivência para as adolescente, e esses, ao serem analisados à luz do corpo teórico, anteriormente apresentado, possibilitaram obtermos informações relevantes relacionadas ao programa desenvolvido.

Verificamos que as categorias com maior número de unidades de registro foram a **Ampliação de conhecimento** e o **Ambiente acolhedor**. Essas se referem, respectivamente, aos princípios de capacitação e de formação humana, que são os pontos norteadores da proposta do Grupo Ginástico Unicamp. E, por serem as mais enfatizadas, indicam que a vivência seguiu os parâmetros pedagógicos da proposta do Grupo Ginástico Unicamp, sendo com ela coerente.

Observamos que as 15 categorias formam três grupos de significados:

- a) **Desenvolvimento pessoal:** Inserem-se nesse grupo as cinco categorias com significados relacionados principalmente a elementos de capacitação e à racionalidade do sistema preventivo. São elas: **Desenvolvimento individual, Desenvolvimento corporal, Desenvolvimento cognitivo, Ampliação de conhecimentos e Expectativa de um futuro melhor**, somando 76 unidades de registro.
- b) **Caracterização da Ginástica Geral:** Inserem-se nesse grupo as quatro categorias com significados relacionados com as característica e a prática da Ginástica Geral. São elas: **Diversidade de conteúdos, Prazer, Apreciação estética e Oportunidade de apresentar-se em público**, somando 42 unidades de registro.

- c) **Elementos de Formação Humana:** Inserem-se nesse grupo as seis categorias com significados relacionados com os elementos formação humana e de “amorevolezza” do sistema preventivo. São elas: **Ambiente acolhedor, Ampliação de atitudes de amizade, Presença de diálogo, Sociabilização, Solidariedade e Atitudes pedagógicas positivas**, somando 53 unidades de registro.

No que diz respeito ao **Desenvolvimento individual** as adolescentes consideram as atividades de grande valor por serem meios de educarem-se e de aprenderem coisas importantes para vida, sobre o seu corpo e sobre si mesmas. Atribuem à Ginástica Geral a possibilidade de autovalorizarem-se, autoconhecerem-se, superarem limitações e adquirirem mais confiança em si mesmas.

Esses dados tornam-se profundamente relevantes ao voltarmos nosso foco de trabalho para as adolescentes, mais ainda para adolescentes em situação de risco, pois a maioria delas, por terem sofrido algum tipo de marginalização, sentem-se inferiorizadas. Algumas usam de certa arrogância como forma de escudo de proteção com as pessoas que não conhecem ou que não confiam. A partir do momento em que dentro do grupo são valorizadas, demonstram maior segurança, que pode ser repassada para outras situações vividas fora do grupo. Foi observado, também, que as que antes usavam de escudo protetor abaixaram as suas defesas, por adquirirem outras formas mais assertivas de conduzirem os relacionamentos.

A prática da Ginástica Geral, na visão das adolescentes, contribui para o **Desenvolvimento corporal**, ou seja, propicia benefícios corporais que vão desde a melhoria da condição física até a consciência corporal e o bem estar.

Para as adolescentes, a vivência proporcionou o **Desenvolvimento cognitivo**, como podemos observar nas seguintes falas:

aprendi a pensar melhor (unidades de registro: 112).

É algo que mexe com a gente, com a criatividade, com a cabeça, que põe a gente em dia (unidades de registro: 89).

Isso é devido à proposta de Ginástica Geral utilizada associar criatividade ao princípio de capacitação, tornando-se necessário refletir sobre as ações e procurar soluções aos problemas apresentados. Essa categoria está vinculada, também, com a racionalidade do sistema preventivo.

A vivência de Ginástica Geral na proposta do GGU propiciou às adolescentes a **Ampliação de conhecimentos** variados, relacionados ao autoconhecimento, aos valores de convivência, à capacitação, à aprendizagem de movimentos e aos conhecimentos sobre o corpo humano. Esses conhecimentos provavelmente colaborarão para a melhor inclusão das adolescentes nos diversos ambientes sociais.

Pelo grande número de adolescentes que ressaltaram a **Ampliação de conhecimentos**, podemos inferir que valorizam os conteúdos trabalhados e os conhecimentos adquiridos e possuem ciência dos benefícios dos mesmos.

A participação no grupo, para algumas adolescentes, gerou uma **Expectativa de um futuro melhor**, uma possibilidade de realizarem seus sonhos, saírem das ruas, de melhorarem de vida, superando a realidade em que se encontram. Como podemos verificar nas seguintes falas:

Antes eu ficava só brincando assim na rua, não levava nada a sério, igual quando eu entrei no Externato (unidade de registro: 61).

Posso ter uma profissão, posso ser uma professora de Educação Física (unidade de registro: 71).

É melhor do que ela ficar na rua, fazendo outras coisas que não se deve (unidade de registro: 77).

Oportunidade igual essa do Externato vai ser difícil encontrar outra. Oportunidade não só para mim, mas pelas outras pessoas que virão aprender o que eu aprendi. Sair das ruas. É oportunidade de aprender algo que me ajude no futuro (unidade de registro: 103).

As adolescentes necessitam de algo para sonhar, que dê cor a suas vidas, direcione suas energias e faça com que nasça em seus corações esperança quanto ao futuro. Pois, a falta de expectativas positivas em relação ao futuro gera atitudes de descaso com a própria vida.

A vivência da Ginástica Geral criou nelas uma perspectiva otimista e esperançosa, que pode vir a fornecer energia para lutarem contra as diversidades do ambiente onde vivem, de lutarem por aquilo que desejam e acreditam. Isso é muito recompensador e gratificante para aqueles que trabalham em favor da juventude carente. Contudo, imprime responsabilidade para não as frustrar, pois a melhoria de vida depende de vários fatores e vai exigir, ainda, muita dedicação e esforço por parte delas.

Na proposta do Grupo Ginástico Unicamp os fundamentos das modalidades gímnicas e as diversas manifestações da cultura corporal são considerados como conteúdos da Ginástica Geral. Essa **Diversidade de conteúdos** proporciona aulas com atividades variadas, que favorece

vivenciar um maior número de possibilidades de expressão corporal, aumentando o vocabulário motor das alunas, bem como, o interesse pelas aulas.

Das dezenove adolescentes entrevistadas dezessete ressaltam como significativo o **Prazer** proporcionado pelas aulas, esse número é relevante e surpreende. Elas utilizam expressões como: “dá alegria, é felicidade, algo bom, anima, eleva o astral, querer mais, ser feliz, cansaço gostoso de sentir, sentir paz, querer que a aula chegasse logo”, entre outras. Esse significado gera uma expectativa positiva quanto às aulas, contribuindo para que as sextas-feiras fossem para elas dias especiais e tivessem o desejo de que as aulas durassem mais.

Para o sistema preventivo os momentos de alegria e espontaneidade constituem oportunidades privilegiadas para que o educador possa conhecer melhor os jovens e fortalecer o vínculo de familiaridade.

As adolescentes ao destacarem a **Apreciação estética da Ginástica** demonstraram sensibilidade. Elas atribuem à Ginástica Geral o significado de arte, de beleza, responsável por transmitir algo de bom, sendo um dos motivos que as atraiu, incentivou a ingressarem, e manterem-se no grupo. A participação em algo que consideram bonito eleva a auto-estima, pois ao constatarem que são capazes de realizar aquilo que admiram passam a confiar mais em si mesmas.

Elas anseiam pela **Oportunidade de apresentar-se em público**, que se torna motivação para superarem a timidez e outras dificuldades durante as várias fases que antecedem a apresentação. Ao apresentarem-se, sentem-se valorizadas e reconhecidas pelo trabalho desenvolvido juntamente com as outras colegas. Como podemos constatar nas seguintes falas:

Está sendo valorizada, porque como eu sou valorizada aqui, eu não fui nas escolas (unidade de registro: 96).

É uma sensação ótima mostrar para os outros. A apresentação me dá força de vontade para fazer, pois eu quero que saia bem bonito (unidade de registro: 113).

Eu tenho vergonha de me apresentar, mas gosto de me apresentar se for lá no fundo, pois pode ser que no futuro essa vergonha acabe, e então eu já vou estar sabendo mais um pouco (unidade de registro: 122).

A maioria das adolescentes enfatizou como significativo o **Ambiente acolhedor e divertido**, em que transcorreram as aulas, o que proporcionou vivenciar carinho, conversa, bom

relacionamento, participação, confiança, tranquilidade, colaboração, união e paz. E expressa a satisfação de serem parte do grupo, traduzindo que as adolescentes desejavam e foram estimadas, aceitas pelo ser que são, sem medo de serem rejeitadas ou de receberem críticas negativas e compartilharam com confiança seus sentimentos.

Essa ênfase confirma o pensamento de Maturana e De Rezepka (1995) quanto à importância das aulas se desenvolverem num ambiente matristico de acolhida, mútuo respeito, confiança e colaboração, sendo os educandos aceitos e valorizados em sua legitimidade, com correção apenas do fazer e não do seu ser. E vai ao encontro de Scaramuzza (1993) quando afirma que os jovens anseiam e têm necessidade de afeto e familiaridade.

O **Ambiente acolhedor** em que transcorreram as aulas proporcionou às adolescentes vivenciarem atitudes adequadas de convivência, num clima de família, associado a “amorevolezza” do sistema preventivo, que “transforma o relacionamento educativo em relacionamento filial, fraterno e o ambiente de educação numa família” (BRAIDO, 1964, p.156).

O fato das adolescentes expressarem que tinham o sonho de ingressar no grupo, indica que já possuíam uma idéia do ambiente do grupo, o que pode ter favorecido a geração do mesmo.

As adolescentes salientam a importância da vivência, por colaborar com a **Ampliação de atitudes de amizade**, proporcionando relacionamentos com melhor qualidade, dentro do grupo. Isso é constatado nas seguintes falas:

Gostei por causa das amigas, eu nunca fui de ter muitas amizade com muitas pessoas. Representou muita coisa na minha vida, pois eu era uma menina que só vivia triste num canto, eu não gostava de ter muitas amizades (unidade de registro: 140).

Aprendi a não ter raiva de ninguém, a não discriminar os outros pelos seus erros, a ter paciência com quem erra. Aprendi a ser mais amiga das meninas (unidade de registro: 127).

As aulas proporcionaram oportunidade de ter amigas, antes eu não tinha, não conversava com ninguém (unidade de registro: 132).

A amizade é uma dimensão do relacionamento social, que contribui para o bem estar e desenvolvimento da pessoa, sendo valorizada e desejada pelas adolescentes. Nela existe confiança, acolhida, respeito, colaboração, carinho, entre outras formas de valorização da pessoa.

Observamos que algumas adolescentes aspiravam ter amizades, mas não sabiam como fazer para consegui-las, o que lhes foi proporcionado numa outra dimensão durante o programa.

A vivência da Ginástica Geral, na proposta do Grupo Ginástico Unicamp transcorreu com a **Presença de diálogo**, de conversas das adolescentes entre si e com a educadora, momentos esses agradáveis para elas, oportunidades de expressarem os seus pensamentos, contarem coisas que lhes acontecem, desabafarem suas angústias e falarem de seus sonhos.

A **Presença de diálogo** contribui para o amadurecimento afetivo e social das adolescentes, ao criar um clima de intimidade e cumplicidade entre elas e a educadora. E pode favorecer a inclusão delas no meio social, pois ao dialogarem exercitam a capacidade de comunicação e expressão, necessária para uma boa convivência social.

A **Sociabilização** refere-se à aquisição de conhecimento das normas e regras de conduta e convívio social, bem como, reflexão, criticidade, construção e reconstrução das mesmas. Como categoria demonstra que as adolescentes compreenderam a necessidade de terem condutas sociais adequadas e valorizaram-nas, tanto para a realização do trabalho do nosso grupo, como para a sua inclusão e permanência em um determinado grupo social. Dentre os valores de formação humana, elas enfatizam o respeito e a responsabilidade, utilizando expressões tais como: “comprometimento para com o grupo e com a parceira, ensaiar, procurar não faltar para não prejudicar os ensaios, levar a sério, força de vontade ao treinar perante as dificuldades e colaboração”. Como podemos observar nas seguintes falas:

Aprendi a manter-me dentro de um grupo, como me portar com os outros, como agir, como conversar. Aprendi a socializar-me (unidade de registro: 6).

Aprendi a não implicar com aquela que não sabe e ajudar aquelas que não sabe, para todo mundo fazer certo (unidade de registro: 55).

Aprendi a respeitar as minhas colegas e elas a mim (unidade de registro: 62).

Não estou mais criticando as outras meninas como eu criticava antes. Estou entendendo-as melhor (unidade de registro: 98).

A **Sociabilização** como decorrência da formação humana e de seus valores de convivência adquire relevância educacional, pelas contribuições nos aspectos sócio-afetivos da adolescente e na sua autonomia de decidir e refletir sobre as ações, e em não realizar aquilo que considera inadequado.

Conforme Maturana e De Rezepka (p.10-11, 1995) a formação humana é fundamental no processo educativo, pois faz com que o jovem viva

como um ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre sua tarefa e

sua reflexão, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de possuir conduta ética porque não teme desaparecer em suas relações com os demais, e é capaz de não ser arrastado às drogas e ao crime, porque não dependerá da opinião dos demais e não buscará a sua identidade nas coisas fora de si.

As adolescentes expressam **Solidariedade**, na vontade de ajudar e compartilhar com os outros a oportunidade recebida, com isso estão valorizando-a, ou seja, aquilo que foi bom para elas, que as ajudou, elas querem repassar para os outros. Isso é identificado nos trechos a seguir:

No futuro posso ajudar muitas outras pessoas (unidade de registro: 52).

Aprender para mais tarde poder ensinar, e assim ajudar outras pessoas (unidade de registro: 85).

O que eu estou aprendendo eu posso ensinar para as pessoas de casa (unidade de registro: 94).

A **Solidariedade** relaciona-se com um dos objetivos do Externato São João que é de possibilitar ao jovem ver “no outro o irmão, o próximo dotado de igualdade” (LELO, 1997b, p.18).

As **Atitudes pedagógicas positivas** da educadora foram aprovadas pelas adolescentes, demonstrando que como seres amorosos que são, gostam e estão receptivas a receber manifestações de carinho e atenção. Tanto é assim, que as adolescentes que no início ficavam um pouco distanciadas da educadora, por causa da desconfiança ou timidez, com o passar das aulas foram aproximando-se, a desconfiança e a timidez cederam lugar ao prazer de serem acolhidas, respeitadas e amadas. Por gostarem “do modo como a educadora ensina, educa, corrige os erros, ajuda, conversa”, criou-se um vínculo afetivo fazendo com que desejassem “passar mais tempo” com ela e manifestassem saudades. Esses sentimentos podem ser encontrados nas palavras das adolescentes:

Gosto de passar mais tempo com a educadora (unidade de registro: 49).

Eu e as colegas sentíamos saudades suas (unidade de registro: 66).

Gostei da sua coordenação, das conversas, do seu jeito de dar aula (unidade de registro: 115).

Pela professora, que conversa, tem carinho. Poder divertir-me conversando com ela (unidade de registro: 136).

A aprovação das adolescentes vem confirmar que a conduta pedagógica foi coerente com os princípios de formação humana e capacitação e com o sistema preventivo. E, também, que o receio de alguns educadores, de que ao permearem a ação educativa com o carinho, isso venha a

prejudicar o trabalho pedagógico, fazendo com que se perca a diretividade e objetividade, não tem respaldo teórico e nem prático. Alguns educadores confundem autoridade com frieza e posicionam-se distantes afetivamente de seus educandos, com medo de perderem o controle das aulas, contudo é possível a demonstração de carinho, não de uma forma piegas e exacerbada, mas relacionada à racionalidade, orientação, aconselhamento e com o interesse de compreender melhor os educandos.

Enfim, constatamos que a vivência da Ginástica Geral, na proposta do Grupo Ginástico Unicamp, possui para as adolescentes significados relacionados com os princípios de capacitação, como a **Ampliação de conhecimentos**, o **Desenvolvimento individual**, o **Desenvolvimento corporal** e o **Desenvolvimento cognitivo**, isto é, pelas interligações entre diversos conteúdos que a Ginástica Geral pode propiciar.

Como pudemos verificar, a vivência propiciou às adolescentes a ampliação de conhecimentos relacionados, principalmente, com os movimentos expressivos e a sociabilização, entre outros. Como, por exemplo, na ocasião da elaboração da coreografia final, quando foram visitar o museu de Ciências, Letras e Artes de Campinas, para melhor contextualização e compreensão do tema “Guarani”⁸. No museu as alunas tiveram uma palestra sobre a vida de Carlos Gomes, a história do Brasil e de Campinas, e a obra e ópera “O Guarani”. Assistiram a um vídeo em que conheceram os instrumentos musicais e um trecho da ópera, e, ao final, visitaram o seu acervo. Vale ressaltar que as adolescentes demonstraram-se fascinadas por tudo o que viram e ouviram, o que as motivou ainda mais para desenvolverem a coreografia.

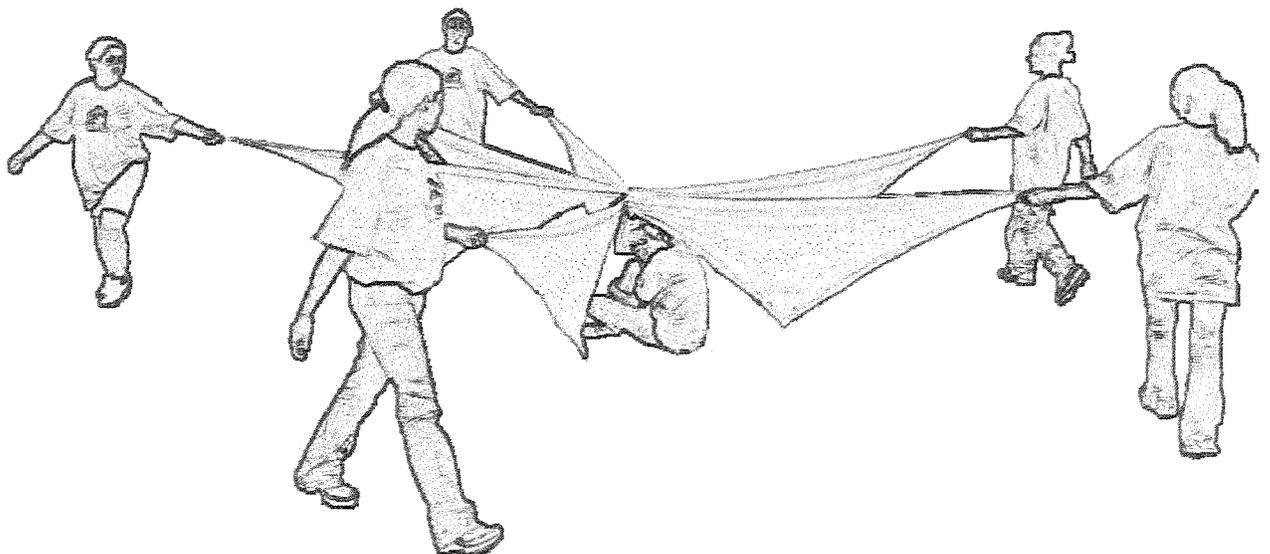
A vivência possui, também, significado associado a **Elementos de Formação Humana**, devido ao **Ambiente acolhedor** agradável, que as satisfaz por sentirem-se parte do grupo. Nele há a **Presença de diálogo**, carinho, respeito mútuo e **Atitudes pedagógicas positivas**, colaborando com a **Sociabilização** e **Ampliação e atitudes de amizade**, que favorecem a expressão de **Solidariedade**.

Finalmente, vale destacar que a palavra que permeou os diversos significados foi “**oportunidade**”, expressa nos depoimentos da maioria das adolescentes.

⁸ Esse tema foi escolhido para comemorarmos os 500^o anos do descobrimento, pela música ser conhecida das alunas, tocada, na época, na abertura do programa de rádio “A hora do Brasil”, e por ser Carlos Gomes cidadão campineiro.

Impressões da Jornada

*Nesta jornada
Muita coisa bonita
Vi, aprendi e vivi.*



Ao finalizar essa dissertação tenho uma agradável sensação de ter aprendido muito. Ela representa para mim muito mais que um trabalho acadêmico. Representa a síntese de uma vida permeada pela Ginástica, como possibilidade de crescimento humano e social. Surgiu do desejo de procurar desvendar os significados da Ginástica Geral e de compartilhar com os adolescentes carentes a Ginástica Geral, atividade para mim aprazível, que possibilita a sua prática por todos aqueles que a desejarem e pelas suas contribuições físico-afetivo-sociais, principalmente, no concernente à autovalorização.

A aplicação da proposta do GGU foi muito gratificante, por vários motivos. Dentre eles, ressalto a oportunidade dada às adolescentes, mesmo que temporariamente, vivenciarem a Ginástica Geral, com os notórios benefícios constatados.

A experiência docente com adolescentes carentes e os conhecimentos teóricos obtidos anteriormente formaram a base de minha conduta pedagógica e colaboraram com a aplicação da proposta. Entretanto, só foi possível conhecer efetivamente as adolescentes participantes durante a convivência docente, a qual, como em todo processo educativo, permeou-se de trocas emocionais.

As adolescentes demonstram alegria, que brota naturalmente de sua juventude. Diante das dificuldades, sabem como extrair a magia de viver. Demonstram disponibilidade em acolher, apoiar e ajudar as colegas. Gostam de receber atenção, de serem valorizadas e têm grande necessidade de sentido de pertença, ou seja, de sentirem-se membro de um grupo. São extremamente gratas e reconhecem o valor das oportunidades. Contudo, às vezes, necessitam de estímulo, para que superem a falta de autoconfiança.

Os significados desvelados permitem inferir que a vivência do programa de Ginástica Geral, na proposta do Grupo Ginástico Unicamp, proporcionou às adolescentes momentos de alegria, prazer, valorização e reconhecimento, ao descobrirem que são capazes de realizar movimentos bonitos, mas que acreditavam não conseguirem fazer. Vivenciaram a democracia e a igualdade ao darem sugestões e idéias, as quais foram ouvidas e discutidas pelo grupo, como, por exemplo, ao solucionarem problemas relativos à montagem da coreografia. Destacaram-se, provando a si mesmas e aos outros que são capazes de produzir, participar e apresentarem-se publicamente.

Desse modo, verificamos que os significados desvelados convergem e endossam Ayoub

(2003, p.97) quando aborda a possibilidade da Ginástica Geral ser o caminho mais apropriado para resgatarmos, re-criarmos e re-significarmos a Ginástica na escola, numa perspectiva lúdica, criativa e participativa.

A proposta de Ginástica Geral do GGU, inserida em uma instituição salesiana, pautada pelo sistema preventivo, contribuiu na constituição de um ambiente agradável às adolescentes, no qual vivenciaram o sentimento de pertença, com aceitação afetivo-social, importante para a vida de qualquer pessoa.

Acreditamos que essa proposta possa vir a contribuir na formação humana das adolescentes em situação de risco, podendo acrescentar um pouco mais de luz e esperança em suas vidas. Confirma-se o pensamento de Maturana e De Rezepka (1995), para os quais a formação humana é fundamental em todo o processo educativo, e que esta só se completa quando o aluno puder viver como ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre seu querer e seu pensar, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de ter conduta ética, não desaparecendo em suas relações com os demais. Com isso, terá mais condições de não ser levado às drogas ou ao crime, porque não dependerá da opinião dos demais, e não buscará sua identidade em fatos fora de si.

Esse estudo, transcendendo ao idealismo teórico, situa-se no campo do realismo prático, pois procurou não se ater exclusivamente ao plano teórico e argumentativo das possibilidades, mas buscou mostrar cientificamente que as suposições das contribuições educativas da Ginástica Geral inserem-se no campo das realidades.

A pesquisa, além de responder a questão geradora, torna-se uma forma de avaliação da Ginástica Geral. E seus resultados, extrapolando os meios acadêmicos, infiltram-se na prática da Educação Física formal e informal em diferentes ambientes, ao fornecer argumentos, tanto de ordem da Ginástica Geral quanto de orientações educacionais, aos profissionais da área, para que vislumbrem perspectivas de implantação dessa prática, com as mais variadas clientelas.

Encerramos com a esperança de que esta dissertação colabore com novas pesquisas favorecendo a ampliação do universo de conhecimento da Ginástica Geral.

Tocando em frente

Ando de devagar
porque já tive pressa,
e levo esse sorriso
porque já chorei demais.
Hoje me sinto mais forte,
mais feliz quem sabe,
Eu só levo a certeza
de que muito pouco eu sei
e nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs,
o sabor das massas e das maçãs.
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir.
É preciso a chuva para florir.

Penso que cumprir a vida
seja simplesmente
compreender a marcha
e ir tocando em frente.
Como um velho boiadeiro
levando a boiada,
eu vou tocando os dias
pela longa estrada eu vou.

Estrada eu sou...
Todo mundo ama um dia,
todo mundo chora.
um dia a gente chega,
no outro vai embora.
Cada um de nós compõe
a sua história.
Cada ser em si
carrega o dom de ser capaz
de ser feliz.

(RENATO TEIXEIRA, ALMIR SATER, 1990)

Referências Bibliográficas

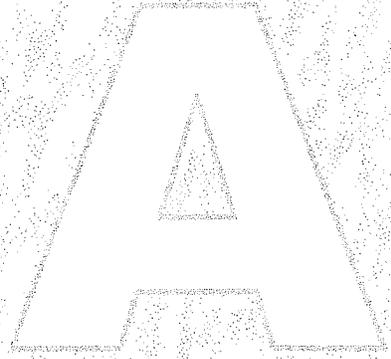


- ARANTES, G.; LUCIEN, J. *Brincar de viver*. In: ARANTES, G. *Despertar*: Rio de Janeiro: CBS-Sony, p1985.1 CD. Faixa 5.
- AYOUB, E. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: Unicamp, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BOSCO, J. *A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos*. São Paulo: Salesiana D. Bosco, 1983.
- BRAIDO, P. *Il sistema preventivo di don Bosco*. Zurique: PAS, 1964.
- CONGREGAÇÃO SALESIANA. *Atos do Conselho Geral da Sociedade de São João Bosco - Órgão oficial de animação e de comunicação para a congregação salesiana*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco. Julho-setembro, 1991.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). *Manuel de Gymnaestrada Général*. Montier, 1993.
- _____. *Manuel training of FIG- certificate Instructors in General Gymnastics*. Montier, 1994.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipioni, 1989.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Atlas, 1991.
- LELO, A. F. *Adolescentes atendidos pelo Externato São João*. Campinas: Externato São João, 1997. Mimeografado.
- LELO, A. F. *Como educar adolescentes de rua*. São Paulo: Salesiana D. Bosco, 1997.
- MATURANA, H. *El sentido de lo humano*. 7. ed. Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 1995.
- MATURANA, H.; DE REZEPKA, S. N. *Formacion humana y capacitacion*. Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 1995.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy, 1995.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- _____. A Educação Motora na escola: uma proposta metodológica à luz da experiência vivida. In DE MARCO, A. (Org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus, 1995.
- PÉREZ GALLARDO, J. S.; SOUZA, E. P. M. de. La experiencia del Grupo Ginástico Unicamp en Dinamarca. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO - ICHPERSD, 3. 1995. Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: ICHPERSD, 1995. p. 292-298.
- PÉREZ GALLARDO, J. S. Proposta de uma linha de ginástica para a Educação Física escolar. In: NISTA-PICCOLO, V. L (Org.). *Educação Física Escolar: ser... ou não Ter?*. Campinas: Unicamp, 1993.
- _____. *Educação Física: contribuição à formação profissional*. Ijuí: Unijuí, 1997.
- _____. Educação Motora: uma abordagem etológica. In DE MARCO, A. (Org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus, 1995.
- RAMOS, J. J. *Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias*. São Paulo: IBRASA, 1982.
- SALESIANOS. Campinas: Arte Brasil, n.1, 1999. 94 p.
- SATER, A.; TEIXEIRA, R. *Tocando em frente*. In: BETHÂNIA, M. *25 anos*. Rio de Janeiro: Poligram, p1990.1 CD. Faixa 3.
- SCARAMUSSA, T. *O sistema preventivo de Dom Bosco: um estilo de Educação*. 3. ed. São Paulo: Ed. D. Bosco, 1984.
- _____. *O sistema preventivo de Dom Bosco: roteiros de iniciação*. Belo Horizonte: Inspeção São João Bosco, 1993.
- SÉRGIO, M. *Motricidade Humana: uma nova ciência do Homem!*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1986.
- _____. *A prática da Educação Física*. Lisboa: Compendium, 1987.
- SOUZA, E. P. M. *Ginástica Geral. Uma área do conhecimento da Educação Física*. Campinas, 1997. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

Apêndices

Apêndice



Roteiro das Entrevistas

Roteiro das entrevistas:

- 1. O que você lembra de nossas aulas?**
- 2. O que você aprendeu? (movimento, social, emocional).**
- 3. Do que você não gostou? E por que?**
- 4. Do que você gostou? E por que?**
- 5. Você pretende continuar o ano que vem?**
- 6. Você comenta sobre as aulas com alguém? Em caso positivo: Com quem? O que você comenta?**
- 7. Você convidaria alguém para participar do grupo? Como faria o convite?**
- 8. Na 6ª. feira antes de vir ao Externato o que você pensava?**
- 9. Qual o significado das aulas de Ginástica Geral para você?**

Observações em Relação ao roteiro e às Entrevistas

O principal objetivo das entrevistas foi de identificar o significado da vivência da Ginástica Geral para as adolescentes participantes. Porém, devido à dificuldade de expressão, argumentação e de entendimento por parte das mesmas, houve a necessidade de introduzir as entrevistas com uma série de perguntas que auxiliassem as entrevistadas a responderem a pergunta geradora: **“Qual o significado das aulas de Ginástica Geral para você?”**.

As entrevistas foram feitas numa linguagem e em situação mais próximas e adequadas às adolescentes, a fim de favorecer o entendimento das perguntas.

Várias vezes tive que refazer a pergunta devido à expressão de incompreensão da adolescente.

Ao constatar falta de argumentação para exporem o que queriam dizer, transferi a situação para uma terceira pessoa o que facilitou.

Algumas perguntas complementares foram feitas mediante o conhecimento que já tinha da adolescente.

As palavras grifadas, na entrevista apresentada no apêndice B, são as que geraram novas perguntas.

Apêndice

B

Uma Entrevista na Íntegra

Entrevista 6

6.1. O que você lembra das aulas?

E – Ah, lembro de muitas coisas. Que a pessoa pode ser muito feliz, procurando alguma coisa para fazer...

F – Ser feliz fazendo alguma coisa?

E – É, ser feliz fazendo a dança.

6.2. O que aprendeu?

E – Ah, aprendi muita coisa, aprendi que nós podemos dar valor em nós mesmos. Foi a primeira vez que eu saio assim para dançar, foi a primeira vez.

F – E por que você não entrou antes?

E – Eu estava com vergonha.

F – Você começou quando?

E – Eu comecei no dia que umas meninas saíram, aí eu entrei no lugar delas.

F – Mas antes você não fazia as aulas?

E – Não fazia.

F – Por que?

E – Ah, eu tinha vergonha, sei lá.

F – O que você aprendeu no relacionamento dos outros em relação a você e você com relação aos outros?

E – Eu acredito que tem que dar valor nos amigos, nos amigos que se tem. Nunca falar mal dos amigos, sempre estar dando força para os amigos. Como umas meninas que me dão muita força e conselho...

F – Meninas das aulas?

E – É, da aula.

F – Que sentimentos você tem quando você está participando do grupo?

E – O que eu sinto é que um dia eu posso ser uma artista, ou sei lá, que é meu sonho, o que eu aprendi posso apresentar para outras pessoas.

F – Seu sonho é apresentar para os outros?

E – É.

6.3. Do que você gostou? Por que?

E – Ah, na hora que nós dançávamos e por causa das meninas também, né!? Quando as meninas vieram, conversaram comigo, como uma boa amiga. Entendeu? Porque eu nunca fui de ter muitas amizade com muitas pessoas. Eu achei muito legal, gostei da “Beltrana” e da “Ciclana”.

6.4. Do que você não gostou? Por que?

E – Ah, foi das brincadeiras da “Fulana”, a única coisa.

6.5. Você acha que o grupo deve continuar o ano que vem?

E – Eu acho que sim.

F – Por que?

E - Porque continuando assim eu acho que realiza muitos sonhos de outras meninas, porque muitas meninas querem dançar e não tem a oportunidade.

F – Você sonha muito?

E – Sonho.

F – E quais são seus sonhos?

E – Ah, eu sonho que um dia eu posso ser uma dançarina, posso conhecer muitos artistas de novela...

6.6. Comenta sobre as aulas?

E – Comentava sim, com a minha mãe.

F – E o que você falava pra ela?

E – Ah, eu falava, “ó, mãe, eu estou num grupo, vou apresentar dia 13, e eu queria que a senhora fosse lá ver”, sei lá... A minha mãe falava assim “Ah, com certeza você vai conseguir”. E eu falava “eu não sei, eu estou com medo de não conseguir”. Aí eu peguei, estou indo em frente.

6.7. Você convidaria alguém?

E – Com certeza.

F – Então vamos fazer o seguinte faz de conta que eu sou uma amiga sua. Como você falaria?

E – Eu chegava pra pessoa e falava “tem um grupo, é muito legal, nós aprendemos muitas coisas...” Então eu falava: “você não quer ir comigo? Vai ser muito legal”.

F – Aprende coisas, que coisas?

E – Ah, aprende dar valor em si mesmo, aprende a confiar em si mesma, confiar nos seus amigos.

6.8. Na 6ª. feira o que você pensava antes de vir para o Externato?

E – Ah, a primeira coisa que vinha na mente era “hoje eu vou ter a aula, estou louca para apresentar essa apresentação junto com as meninas...” Eu ficava pensando se vai ser legal para mim, será que vai sair legal? Ficava imaginando. (preocupada)

F – Você fica preocupada?

E – Fico em casa pensando como eu vou me sair nessa aula...

F – Você gosta de vir ao Externato?

E – Gosto.

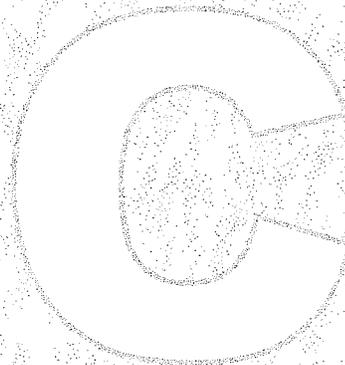
F – Você “gosta” de participar do nosso grupo?

E – Gosto, adoro.

6.9. O que significou essas aulas pra você?

E – Ah, significou muita coisa na minha vida. Pois eu era do tipo de menina que só vivia triste num canto, não conversava, chorando nos canto, eu não gostava de ter muita amizade. Então, depois que eu entrei na dança é que eu... foi assim... ter mais amizade e confiando mais em mim.

Apêndice



*O Programa de
Ginástica Geral*

PROGRAMA DE GINÁSTICA GERAL

Objetivo geral:

Propiciar oportunidades para que as adolescentes desenvolvam suas potencialidades e sejam mais criativas, críticas, conscientes e sensíveis diante da realidade que as envolve.

Objetivo específico:

Proporcionar vivências de alguns dos conteúdos que compõem a Ginástica Geral.

Conteúdos:

Ginástica Rítmica sem aparelho.

Ginástica com materiais alternativos: pequeno bastão e tecido.

Ginástica Rítmica com fita e arco.

Atividades:

Ginástica Rítmica sem aparelho:

Exercícios de coordenação.

Passos, giros, saltos e saltitos.

Estudo do ritmo: tempo, compasso, pulso e sincronia do movimento com a música.

Atividades rítmicas.

Elaboração de coreografia.

Ginástica com material alternativo:

Confecção de material alternativo.

Sondagem, exploração e experimentação do material alternativo.

Elaboração de coreografia com o material alternativo.

Ginástica Rítmica com fita e arco:

Sondagem, exploração e experimentação da fita.

Elaboração de coreografia com a fita.

Sondagem, exploração e experimentação do arco.

Elaboração de coreografia com arco.

Ginástica com tecido:

Sondagem, exploração e experimentação de movimentos com tecido.

Estudo do trecho da música “Guarani”.

Pesquisa sobre o tema e visita ao Museu “Carlos Gomes”.

Elaboração da coreografia “Guarani”.

Ensaios.

Apresentação da coreografia.

Estratégia metodológica:

Apresentação do tema da aula e definição das atividades, discussão sobre as mesmas e desenvolvimento.

Ao iniciar um tema novo é feita a sondagem, ou seja, verificação dos conhecimentos que as adolescentes já possuem relacionados ao tema da aula, a exploração, fase de descobrimento de novas possibilidades de movimentos, e a experimentação, que consiste na realização de movimentos direcionados pela educadora.

As atividades são realizadas individualmente, em pequenos e grandes grupos.

A elaboração das coreografias é feita pelas próprias adolescentes, com orientação e intermediação da educadora quando necessário.

Avaliação:

Elaboração de coreografia de Ginástica Geral e a sua apresentação ao público.

Apêndice

D

*Relatório das Aulas Dadas
com as Observações*

1ª Aula – 19/03/1999

Tema: Apresentação, sondagem e início do trabalho com coordenação motora.

Desenvolvimento:

- Exposição dos objetivos.
- Relato das experiências em Educação Física pelas adolescentes.
- Explicação sobre coordenação motora.
- Sondagem dos movimentos que conheciam.
- Exploração de novos movimentos.
- Exercícios de coordenação.
- Aprendizado de passos em sincronia com a música “Peter”.
- No final, dançaram músicas do rádio e ensinaram a dança do cantor Latino.

2ª Aula – 26/03/1999

Tema: Passos e giros.

Desenvolvimento:

- Explicação sobre passos e giros.
- Aquecimento;
- Brincadeira Joy-joy-pó.
- Sondagem dos passos que conheciam, destacando e mostrando os que mais gostavam.
- Coreografia da música “Hoje sou feliz e canto”;
- Os passos da aula anterior foram repassados com a música “Peter”.
- Passo-une-passo para frente.
- Iniciação do giro com exercícios marcando um ponto, depois girando o corpo;
- Fizeram giros;
- Giros no ar.

Observações:

Nesse dia estava ocorrendo a reunião mensal com os pais para a distribuição das cestas básicas.

As adolescentes pediram para colocar músicas de rádio, mas não dançaram, pois os pais que

estavam na reunião saíram para o pátio.

3ª Aula – 02/04/1999

Tema: Saltos e saltitos.

Desenvolvimento:

- Brincadeira mão direita e mão esquerda: Em círculo, de mãos dadas, prestar atenção às colegas da direita e da esquerda. Soltar as mãos e andar livremente até próximo ao centro do círculo e sem sair do lugar, dar as mãos as mesmas colegas do início, depois desfazer o nó formado.

- Explicação sobre saltos e saltitos.
- Sondagem relacionada a saltos e saltitos.
- Passo da Pantera-cor-de-rosa;
- Saltitos diversos;
- Saltos: galope (1º saltito), tesoura e gt;
- Dança “Peter” no final.

4ª Aula - 09/04/1999

Tema: Estudo do ritmo.

Desenvolvimento:

- Explicação sobre ritmo.
- Sondagem; expuseram o conhecimento que tinham sobre ritmo.
- Realizaram movimentos em sincronia com a música, do individual para o coletivo.
- Teoria musical relacionada ao ritmo: tempo, compasso e pulsação.
- Ouviram a música “In a Persian Market”;
- Movimentaram explorando a música com imaginação (elefante, camelo, etc.);
- Marcação do ritmo com palmas (livre);
- Marcação do ritmo com os pés;
- Marcação do ritmo com movimentos livres (individual);
- Marcação do ritmo em duplas escolhendo o movimento;
- Marcação do ritmo com movimentos livres em pequenos grupos;

- As alunas por gostarem dos movimentos de um dos grupos o repetiram, fazendo todas juntas;

- Registramos o ritmo e os compassos da música;
- Escolheram passos de acordo com o compasso;
- Um dos grupos foi escolhido e ensinou a coreografia para os outros;
- As adolescentes dos outros grupos sugeriram mudanças de alguns passos;
- Demonstraram satisfação pelo trabalho produzido com a colaboração de todas.
- Ensaio.

- No final: Ouviram e dançaram músicas do rádio: música popular e samba, nem todas participaram.

5ª Aula - 23/04/1999

Observação: As aulas anteriores foram canceladas devido à greve de ônibus.

Tema: Montagem de coreografia com a música escolhida.

Desenvolvimento:

- Eleição da música: “Peter” ou “In a Persian Market”. Ganhou “Peter”.
- Escolha de novos passos.
- Revisão e seleção dos passos já trabalhados.
- Montagem da coreografia.

Observações:

A Andréa deu a sugestão de girar. A sugestão foi tão bem aceita que todo o grupo ficou feliz e bateu palmas para a idéia dela. Ela ficou muito feliz por ter contribuído e pelo grupo ter gostado tanto.

A Leonilda está chateada, pois quer participar e acha que o marido não vai deixar.

6ª Aula – 30/04/1999

Tema: Preparação da coreografia para a apresentação.

Desenvolvimento: Ensaio.

Observações:

Foi feita uma votação para saber que cor de short usariam na apresentação.

Cláudia sentiu vergonha de fazer.

A Josemara tem dificuldades de executar.

Andréa ficou triste e chorou porque a Josemara não fez direito.

7ª Aula - 07/05/1999

Tema: Preparação da coreografia para a apresentação.

Desenvolvimento:

- Ensaio.

Observação:

Carla escondeu-se atrás do pilar, mas depois voltou para o grupo.

8ª Aula - 13/05/1999

Tema: Escolha de material alternativo.

Desenvolvimento:

- Discussão e escolha sobre o material alternativo: garrafas de plástico ou pequenos bastões de cabo de vassoura.

- Elas escolheram os pequenos bastões e decidiram pregar tiras coloridas de papel crepom em uma das pontas, para ficar mais atraente e bonito. Elas denominaram esse material alternativo de “pompom”.

- Montaram os “pompons”. Eram 14 adolescentes foram feitos três grupos; um cortava o papel crepom, outro grampeava e outro pregava no bastão.

Observações:

No dia 07/05 não houve aula.

Essa aula foi numa quinta-feira excepcionalmente das 16h. às 16:50h.

A festa do dia 14/05 em que iriam apresentar a coreografia “Peter” foi cancelada.

9ª Aula - 14/05/1999

Tema: “Pompom”.

Desenvolvimento:

- Sondagem;
- Exploração;
- Experimentação de movimentos com os “pompons”.
- Elaboração da coreografia.

Observações:

Na elaboração da coreografia aproveitamos a música “Peter”, já conhecida e estudada.

As adolescentes aproveitaram o som da batida do bastão com entusiasmo.

10ª Aula - 21/05/1999

Tema: Registro da coreografia.

Desenvolvimento: No teatro ensaiamos e filmamos a coreografia com pompons.

Observação:

Para que todas as adolescentes fossem vistas em primeiro plano, e serem, dessa forma, valorizadas, filmei-as várias vezes, mudando os seus lugares.

11ª Aula - 18/06/1999

Tema: Avaliação das aulas por parte das adolescentes.

Observação:

Por estarmos no final do semestre e porque nos anos anteriores muitas adolescentes do primeiro semestre não retornavam no segundo, foi feita uma avaliação, na qual cada adolescente escolheu uma parceira, e oralmente avaliaram as aulas.

As avaliações foram filmadas e durante as mesmas as adolescentes viam-se na televisão. Na lousa estava o roteiro da avaliação com quatro questões:

1. O que você lembra de termos feito?
2. Do que você gostou. Por quê?
3. Do que não gostou. Por quê?
4. O que você aprendeu nos aspectos afetivos, social, movimento e físico?

Patrícia, aluna nova, entrou na turma 4.

Desenvolvimento:

- Assistiram a filmagem da coreografia.
- Cada uma escolheu com quem iria participar.
- Expliquei a avaliação e as questões.
- Filmagem da avaliação vendo-se na televisão.
- Seguiu-se a seguinte ordem:
 - a) Vânia e Lílian. b) Janaina e Lucicleide. c) Lucielma e Cláudia.
 - d) Ariclebia e Cleudi. e) Sylvania e Catarina.

Observações:

Vânia e Lílian quiseram, após a avaliação, serem filmadas falando da educadora.
As adolescentes Regina, Sylvania, Roseli e Rosemar não quiseram participar da avaliação.

12ª Aula - 25/06/1999

Tema: Ginástica Rítmica com fita.

Desenvolvimento:

- Sondagem.
- Exploração das possibilidades de movimento da e com a fita individualmente.
- Experimentação.
- Início da coreografia com a fita.

Observação:

As adolescentes demonstraram encantamento com os movimentos da fita.

13ª Aula - 06/08/1999

Tema: Ginástica Rítmica com fita.

Desenvolvimento:

- Exploração das possibilidades de movimento com a fita em pequenos grupos e em grande grupo.
- Experimentação de movimentos orientados, em colunas.

- Elaboração de coreografia com as 21 alunas presentes.

Observação:

Algumas adolescentes saíram do Externato, outras entraram e integraram-se ao grupo.

14ª Aula - 20/08/1999

Tema: Elaboração de coreografia.

Desenvolvimento:

- Trabalhamos na elaboração da coreografia da fita.

Observações:

A aula do dia 13/08 foi cancelada devido à reunião de pais.

Começamos às 15:50h., atrasamos para iniciar por causa de um filme que todos os adolescentes estavam assistindo.

Poucas alunas participaram, por termos iniciado mais tarde.

Maria, Renata, Creudi e Claudia entraram mais tarde ainda.

Alunas novas: Welbia e Claudia.

15ª Aula - 03/09/1999

Tema: Ginástica Rítmica com arco.

Desenvolvimento:

- Sondagem.

- Exploração das possibilidades de movimento com o arco, sozinhas, em pequenos grupos e em grande grupo.

- Experimentação;

- Aros no corpo, no chão, rotação, brincadeira em círculo trocando de lugar ao fazer a rotação do arco;

- Rolamento à frente individual;

- Rolamento à frente com troca;

- Rolamento à frente e chute do arco por dentro;

- Rolamento “vai e volta”;

- Rolamento “vai e volta” passa por cima;
- Rolamento “vai e volta” passa por dentro recuperando;
- Rolamento “vai e volta” chutando e pegando;
- Lançamento individual à frente, para cima e para trás;
- Lançamento individual com o arco na horizontal;
- Lançamento com o arco na vertical em duplas;
- Dupla de arco encaixada com rotação;
- Amarelinha.

16ª Aula - 10/09/1999

Tema: Escolha de música e elaboração de coreografia com arco.

Desenvolvimento:

Subimos na sala dos professores para fazermos a escolha da música. Resultados da votação:

Rapunzel – 11 votos; Rapidinho – 6 votos. Descemos para a quadra.

Apesar da votação a escolha natural ficou com “Bate Forte o Tambor”.

Eram 17 adolescentes, entraram mais quatro, dividiram-se em três grupos.

Inventaram coisas lindas.

Grupo 1: Maria, Ana, Lucicleide e Janaina.

- Gestos menores, cruzando no alto e abrindo o braço cruzado.

Grupo 2: Vânia, Lílian, Cleudi, Vanessa, Alessandra.

- Arremessos cruzados em círculos.

A Cleudi liderou com a convivência das outras, foi fotografado.

Além dos seus movimentos esse grupo fez o mesmo movimento que o Grupo 3, segurando o arco, abrindo e fechando.

Grupo 3: Renata, Adriana, Karina, Silvana, Lucimara, Valquiria, Maria das Graças.

- Rolamento vai e volta e pula.

- Em círculo segurando os arcos, abaixa e sobe.

17ª Aula - 17/09/1999

Tema: Finalização da coreografia de arco.

Desenvolvimento:

- Brincadeiras livres com os arcos.
- Corda grande: pulando, com duas alunas batendo, cantando “Costureira” e “Com quem pretende se casar?”.
- Dança “Macarena”, com quase todas as alunas, foi fotografada.
- Dividiram-se em quatro grupos e finalizaram a coreografia de arco.
- As coreografias foram filmadas e registradas.

18ª Aula - 01/10/1999

Observação: Por ter adolescentes novas foi refeito o estudo sobre ritmo.

Tema: Estudo do ritmo e trabalho com material alternativo.

Desenvolvimento:

Início na Capela:

- Falei sobre o ritmo, tempo e compasso. Dei algumas idéias de movimento em sincronia com compassos: “lento”; “médio”, “rápido” e “rapidíssimo”.
- As adolescentes mostraram outros movimentos, a Patrícia destacou-se.

No Teatro:

- Brincadeira tic-tac pó-pó.
- Brincadeira da mão direita e mão esquerda.
- Exploração do ritmo: exploraram dos possíveis movimentos de um determinado segmento corporal indicado pela educadora, em sincronia com as músicas do rádio.
- Intervalo para água.
- Sondagem relacionada aos movimentos com tecido.
- Exploração de movimentos utilizando o tecido.
- Ouviram a música “Guarani”, a gravação estava muito baixa.
- Exploração de movimentos com tecido com a música no alto-falante, por duas vezes.
- As adolescentes foram filmadas em suas explorações.

Observações:

Surgiram livremente vários grupos.

No teatro eu avisei a todas para não mexerem nas coisas do palco: cortina e luzes. Porém, a Vânia, que já havia incomodado as outras durante os trabalhos, abriu a cortina e acendeu as luzes do palco. Pedi que fechasse e apagasse as luzes. Ao tentar sair da cortina, ela caiu na área da orquestra. Avisei que ela não participaria mais, mas ficaria até o final dessa aula. Ela ficou e participou bem. Mandou-me um recado dizendo que não bagunçaria mais.

19ª Aula - 22/10/1999

Tema: Estudo da música “Guarani” e início da elaboração de coreografia.

Desenvolvimento:

Às 14 h., no pórtico:

- Passo – une – passo;
- Estudo da música.

Às 15 h., na quadra:

- Montagem da coreografia, utilizando os movimentos explorados e criados na aula anterior.

Observações:

Dias 08/10 e 15/10 não houve aula.

Quando dei a idéia de fazerem dois grupos, sendo que um ficaria de pé e o outro de joelhos, e após o giro ficariam todas iguais, o interesse das adolescentes aumentou ainda mais.

20ª Aula - 05/11/1999

Tema: Pesquisa sobre o tema “Guarani”.

Desenvolvimento:

- Visita ao Museu “Carlos Gomes”, fomos a pé. Algumas adolescentes mexeram com um cadete ao atravessar a rua.

- No Museu assistiram a uma palestra com a senhora Juraci, que abordou a história de Carlos Gomes e de Campinas, com exposição de slides.

- Assistiram a um filme que mostrava um trecho da ópera o “O Guarani” em Sofia, com resumo da história. No filme focalizou-se a orquestra executando o trecho da ópera que nós

estamos trabalhando. Também mostrou os instrumentos e o som que cada um produz.

- Visitaram o acervo do Museu, demonstraram muito interesse, queriam saber mais sobre o que estavam vendo.

- Gostaram muito da visita.
- Voltamos a pé, debaixo de chuva.

Observações:

Dia 29/10 – Reunião de pais, portanto não houve aula.

As adolescentes entusiasmaram-se com a visita e com o que aprenderam.

21ª Aula - 12/11/1999

Tema: Elaboração da coreografia “Guarani”

Desenvolvimento:

- Elaboração da coreografia “Guarani” com tecido.

Observações:

- Na Capela afastamos os bancos para ter espaço.
- Algumas alunas que não participaram, ajudaram com o som e dando opiniões sobre a coreografia.
- Vânia abriu o pacote de tecido e pegou a filmadora sem autorização.
- As adolescentes cansaram-se antes de uma hora de atividade.
- Algumas adolescentes que não se envolveram na elaboração da coreografia prefeririam receber a coreografia já pronta a pensar no que fazer.
- As adolescentes que não participaram efetivamente foram da turma 3: Alessandra, Janaína, Rosemar, da turma 2: a Tereza, que pouco freqüenta e a Ediclécia da turma 4 que também pouco vem.

22ª Aula - 19/11/1999

Tema: Ensaio e filmagem da coreografia do tecido.

Desenvolvimento:

- Ensaio no palco.

Observações:

A primeira parte da aula, com a duração aproximada de duas horas, foi filmada. A segunda parte, mais curta, não foi.

A Vânia atrapalhou demais a aula, e as suas amigas Welbia e Kelly colaboraram com o seu comportamento, retrucando e dando risada, brigando e reclamando da Vânia.

Essa primeira parte não rendeu quase nada e foi muito cansativa para mim e para as adolescentes.

Conversei várias vezes individualmente com a Vânia para que ela colaborasse e respeitasse o grupo, mas ela ignorou. Insisti pedindo a sua colaboração, falando-lhe na frente do grupo e ela também ignorou.

Após o intervalo, falei sério com todas as adolescentes. Disse-lhes que não dava para continuar daquela maneira, pois a Vânia não fazia a coreografia, reclamava, dava ordem às outras e queria mandar até em mim, reclamava, xingava e fazia sinais obscenos, fazendo com que o grupo perdesse o ânimo. E com essa fala retirei a Vânia do grupo.

Após a retirada da Vânia, a Karina e a Valquíria vieram dar apoio à minha atitude e disseram que não agüentavam mais a Vânia.

A aula em 10 minutos rendeu o que não havia rendido em quase 2 horas.

Na saída, Welbia, Kelly e Patrícia vieram interceder pela Vânia, alegando que a Vânia iria melhorar. A Welbia estava quase chorando. Eu respondi que havia dado muitas chances para a Vânia para mantê-la no grupo (além dos episódios registrados durante as aulas ocorreram vários outros de menor proporção envolvendo a Vânia); e que elas mesmas haviam reclamado da amiga e não a haviam ajudado a respeitar o grupo.

Ocorreu o seguinte diálogo:

- A Vânia faz as coisas erradas e as outras dão risada.
- Quem é que dá risada?
- Nós mesmas!
- Estão vendo? Vocês fazem a atitude dela piorar achando graça dela, dando risada e agora que ela saiu vocês pedem que ela fique?
- Ela vai melhorar. Você mesma diz que todo mundo merece chance, que todo mundo pode

melhorar.

- Mas eu já dei muitas chances, não tem mais, ela mesma não veio pedir porque sabe as chances que lhe dei. Hoje mesmo ela mentiu duas vezes para mim, dizendo que não havia mexido nas minhas coisas. Ela não vem pedir para ficar porque sabe do que é ou não capaz. Vocês pedem partindo de vocês mesmas, da capacidade de autocontrole de vocês, mas ela não tem energia para isto, infelizmente. Oxalá, ela tivesse energia para dizer que vai mudar, que eu vou ver como ela pode melhorar. Mas, são vocês que estão dizendo e não ela, ela não falou nada.

As três adolescentes continuaram argumentando que a Vânia merecia uma nova chance, que ela iria melhorar. Fomos até a coordenadora e avisei-a de que iria dar uma nova chance a Vânia, mas se ela não melhorasse ela iria sair, por reclamar muito e atrapalhar, atrapalhou os últimos três ensaios, não nos deixando trabalhar direito.

23ª Aula - 03/12/1999

Observação: no dia 26/11 houve reunião de pais.

Tema: Ensaio.

Desenvolvimento:

Avisei o grupo que a Vânia teria uma nova chance. Ela ficou quietinha. Umas duas ou três vezes iria atrapalhar, mas se controlou; as suas amigas também colaboraram.

Ao final dessa aula comecei a fazer as entrevistas individuais.

Ensaios

Observações:

Nos ensaios que se seguiram:

A Flávia da turma 4 queria participar, como já não tinha mais lugar (parceira e roupa) ela ficou de reserva. No ensaio seguinte sobrou uma vaga e ela ensaiou feliz e depois desistiu, não vindo mais. Fiquei sem saber porque ela desistiu.

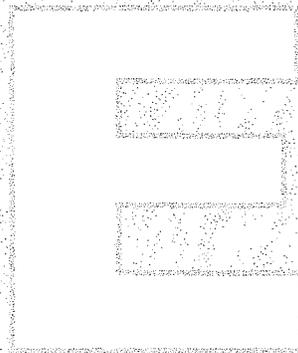
Nos sete ensaios que se seguiram, em todos ocorreu o comportamento de desistência e de retorno de algumas adolescentes, o que prejudicou muito o grupo, pois em cada ensaio, devido à

saída e entrada de alguma adolescente, tínhamos que marcar novas posições.

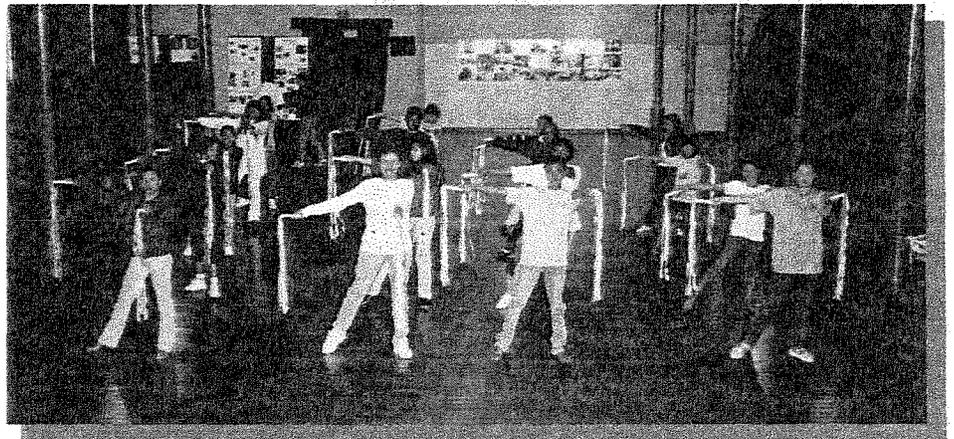
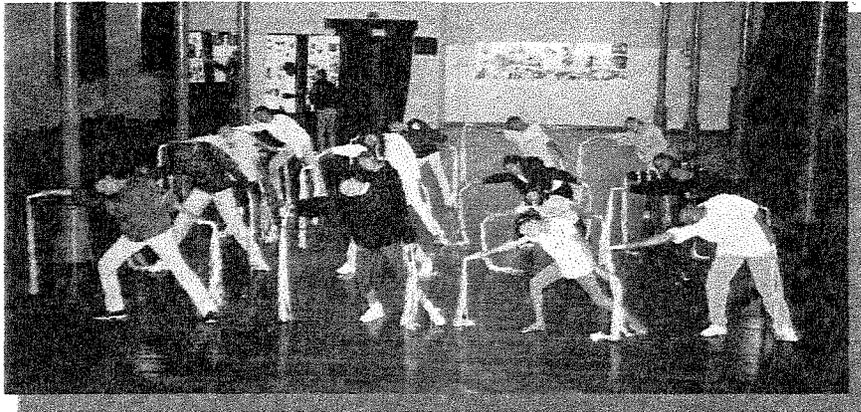
A Vânia comportou-se bem nos ensaios, às vezes queria um lugar de destaque que era de outra, reclamava e acabava aceitando, pois nessa coreografia todas tinham o momento em que ficavam na frente.

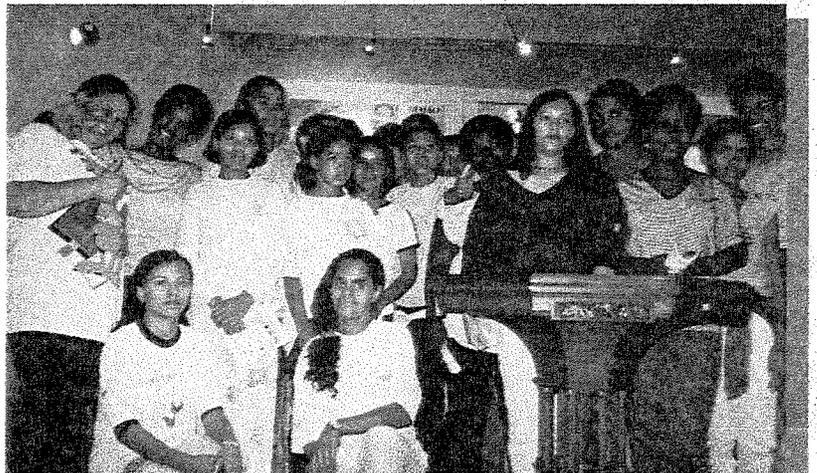
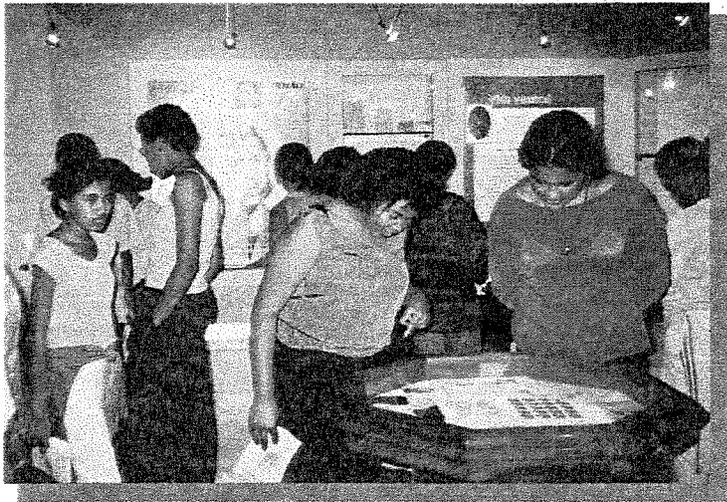
A apresentação ocorreu no dia 21/12. As adolescentes estavam ansiosas, felizes e um pouco temerosas, mas se apresentaram bem.

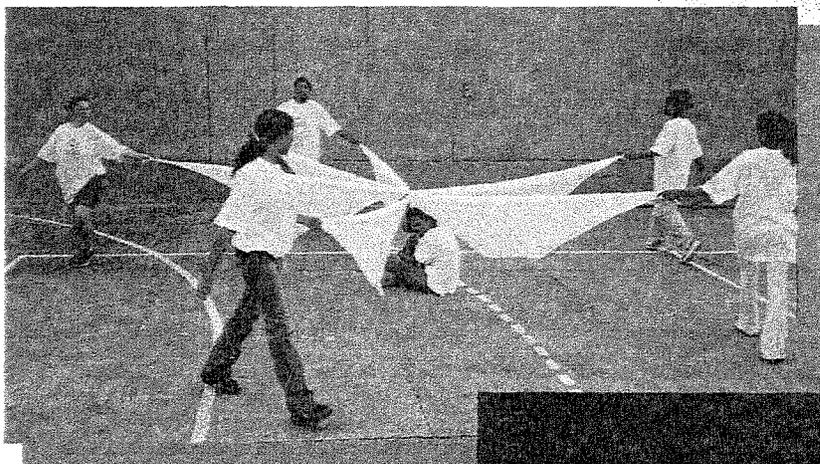
Apêndice



*Fotografias
de Momentos das Aulas
e da Apresentação*







Brincar de viver

Quem me chamou...
quem vai querer voltar pro ninho.
E redescobrir seu lugar
pra retornar,
e enfrentar o dia-a-dia,
Reaprender a sonhar.
Você verá que é mesmo assim,
que a história não tem fim,
continua sempre que você responde sim
à sua imaginação,
à arte de sorrir
cada vez que o mundo diz não.
Você verá que a emoção começa agora,
agora é brincar de viver.
Não esquecer,
ninguém é o centro do universo.
Assim é maior o prazer.
Você verá que é mesmo assim,
que a história não tem fim,
continua sempre que você responde sim
à sua imaginação,
à arte de sorrir
cada vez que o mundo diz não.
E eu desejo amar
todos que eu cruzar
pelo meu caminho.
Como sou feliz, eu quero é ver feliz
quem andar comigo.
vem...

(GUILHERME ARANTES; JON LUCIEN, 1985).

UNICAMP
CENTRAL

PRODUÇÃO GRÁFICA
MAURICIO C. CAMILLO
MCCAMILLO@UOL.COM.BR